MXS

O GALO

ANO XI - Nº 12 - Dezembro, 1999 NATAL-RN FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

Entrevista de Câmara Cascudo a Lêdo Ivo faz 30 anos. O GALO a reproduz na íntegra.

Tarcísio Gurgel revela, no *Encarte*, a tumultuosa polêmica entre Antônio Marinho e Segundo Wanderley, que abalou a Natal do começo do século.

Índice

3 **Vicente Serejo** - Pequena história de um reencontro

4 **Giulio Sanmartini** - relato de um encontro com Cascudo

5 **Lêdo Ivo** - entrevista com aquele que "sabe o que sabe o povo "

6 **Câmara Cascudo** - Três excertos de *O Tempo e Eu*

7 **Edson Nery da Fonseca** - Lêdo Ivo e o Recife dos anos 40

10 **Anchieta Fernandes** - Natal em quadrinhos/quadrinhos em Natal

12 **Hildeberto Barbosa Filho** - Lugar de estórias, lugar de estilo

13 **Brasigóis Felício** - José Mauro do povo

14 **Racine Santos** - cinco sonetos sertanejos

15 **Nelson Patriota** - Um apetite para as letras

17 **Tarcísio Gurgel reconstitui polêmica que abalou as letras natalenses no início do século**

25 **Carlos Newton Jr.** - Romantismo e nacionalismo

29 **Laurence Bittencourt Leite** Hannah Arendt, Karl Popper...

32 **Djaci Branquinho de Mendonça** - Madrugada

34 **Lembranças tristes e alegres** - Maria de Lourdes C. Nogueira

35 **Dorian Gray Caldas** - Auto do Natal...

36 **POIS É A POESIA** - Luís Carlos Guimarães analisa a obra do poeta Luís Patriota

38 **Correio d'O Galo**

39 **LANÇAMENTOS**

40 **Vanildo Brito** - Cantiga para Baía Formosa

Redivivas memórias

Dois destaques se impõem à primeira vista neste número. Um, o que trata de uma entrevista que o poeta Lêdo Ivo fez com o escritor Câmara Cascudo, aproveitando uma estada do nosso folclorista no Rio de Janeiro. A entrevista é precedida de dois trabalhos que assinalam sua gênese, desde a redescoberta do texto pelo pesquisador italiano Giulio Sanmartini, (que fala de sua descoberta de Cascudo) até sua contextualização, por intermédio do jornalista Vicente Serejo, sabidamente expert em Cascudo.

A entrevista feita por Lêdo Ivo, em discurso direto, revela-o literalmente encantado com a sabedoria do velho mestre norte-rio-grandense em trânsito na cidade grande, mas infenso a suas tentações mundanas. O título escolhido pelo poeta alagoano traduz à perfeição o estado de graça em que acha, no momento: «Câmara Cascudo - ele sabe o que sabe o povo».

Seguem-se à entrevista três excertos de *O Tempo e Eu,* de Cascudo, reflexões literárias e de outras ordens e que são reveladoras do modo como ele trabalhava, e outras de significado intimista. Num dos excertos, o flagramos comentando o fenômeno do amor, (coisa rara, nele); em outro, registra sua veemente repulsa às razões do pessimismo; no terceiro, comenta a negligência dos brasileiros com as cartas...

Lêdo Ivo é tema do ensaio assinado por Edson Nery da Fonseca, que respira a atmosfera nostálgica do Recife dos anos 40, seus modismos literários, seus cafés, etc. *En passant*, o crítico literário pernambucano descreve os traços distintivos da poesia de Lêdo Ivo, que o tornam um dos mais vigorosos poetas brasileiros da atualidade.

O outro texto em destaque, e que enforma o **Encarte** deste Galo é o trabalho exaustivo de pesquisa realizado pelo escritor Tarcísio Gurgel sobre a polêmica que abalou as letras natalenses, no início do século, colocando em posições opostas o jovem crítico Antônio Marinho e o consagrado poeta e teatrólogo Segundo Wanderley. O trabalho de Tarcísio Gurgel é ilustrativo de um momento de grande vivacidade das letras natalenses, mas de que só restavam vagas notícias. Agora, é possível se acompanhar sua trajetória, que segue num crescendo dramático.

O gênero Ensaio tem presença marcante neste número. Hildeberto Barbosa Filho escreve sobre *Lugar de Estórias*, de Bartolomeu Correia de Melo, destacando essa obra como lugar de estilo poético; Brasigóis Felício traça o perfil de José Mauro de Vasconcelos; Laurence descreve o papel que o problema do mal tem na filosofia de Hannah Arendt e sua relação com o pensamento de Karl Popper; Anchieta Fernandes revela como Natal é vista pelos quadrinistas potiguares; Carlos Newton Jr. mergulha fundo nas relações entre romantismo e nacionalismo no Brasil.

Quatro poetas dão leveza às páginas desta edição, Dorian Gray Caldas, possuído do espírito natalino, imagina o menino-Deus nascido em Natal; Racine Santos se volta para a paisagem agreste do sertão, de onde extrai cinco sonetos; o poeta Luís Carlos Guimarães reflete sobre a poesia de Luís Patriota, em que detecta traços modernistas em meio à forma parnasiana dominante; o paraibano Vanildo Brito, maravilhado com Baía Formosa e sua enseada respingada de barcos, se rende a tantos encantos na «Cantiga para Baía Formosa».

A reportagem se faz presente em «Um apetite para as letras», resultado de uma conversa do jornalista Nelson Patriota com o escritor Jardelino de Lucena Filho, e em torno do seu livro *Sopa é sopa!*, que foi lançado este mês. Letras e gastronomia dividem espaço na obra.

Finalmente, um esclarecimento: a partir deste número, o tradicional formato gráfico de O GALO se apresenta levemente alterado, por razões industriais. Sem reflexos, porém, no seu conteúdo.

Atenciosamente,

O Editor

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
CARLOS ALBERTO DE OLIVEIRA TORRES
Diretor-Geral

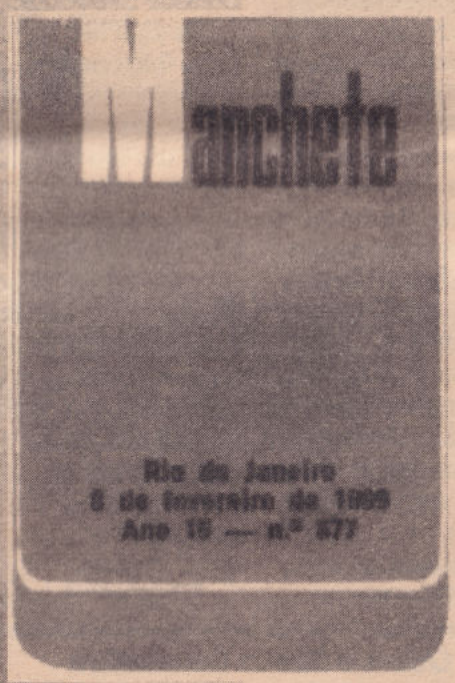
O GALO

Nelson Patriota Editor — **Tácito Costa** Redator — **Jailton Fonseca** Produção

Colaboraram nesta edição: *Vicente Serejo, Luís Carlos Guimarães, Dorian Gray Caldas, Edson Nery da Fonseca, Giulio Sanmartini, Racine Santos, Ana Amélia Fernandes, Vanildo Brito, Brasigóis Felício, Hildeberto Barbosa Filho, Anchieta Fernandes, Tarcísio Gurgel, Carlos Newton Jr.e Djaci Branquinho Mendonça.*

Redação: *Rua Jundiaí, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084)221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0342. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.* ***E-mail do editor:*** **nelson@digi.com.br**

Pequena história de um reencontro



Vicente Serejo

Giulio Sanmartini mora no alto de uma mansarda na rua Mezzaterra, em Belluno, capital provincial do Veneto italiano, região de queijos e de vinhos. Nos dias de inverno, e olhando a neve a cair sobre as Dolomitas, as montanhas que cercam sua vila várias vezes secular, comentou que estava vencendo a monotonia dos primeiros dias de inverno revisitando suas coleções de revistas, numa viagem mágica ao Brasil de sua juventude, ele que aqui morou muitos anos porque é italiano e brasileiro ao mesmo tempo. Cumpria assim, e talvez até sem lembrar, a lição poética de Paulo Mendes Campos quando dizia que os dias de chuva foram feitos para a leitura de revistas velhas.

Numa dessas viagens, reencontrou na Manchete de fevereiro de 1969 uma entrevista do poeta Lêdo Ivo com Cascudo, feita no Rio, com o título de *Ele sabe o que sabe o povo*. Ora, a notícia acendeu a alma. E confessei logo que desejava ter uma cópia. E mais: se ele fazia questão de escrever um texto sobre Cascudo, afinal quando ainda morava no Brasil fizera parte da equipe de Aurélio Buarque de Holanda e, nessa condição, leu e anotou a obra fundamental de Cascudo na busca de fixar as raízes eruditas da acepção popular de algumas expressões que seriam, como foram, dicionarizadas no Aurélio a partir da definição cascudeana. Ele aceitou. E remeteu tudo. Até a fotografia que ilustra originalmente a entrevista, um Cascudo ainda bem forte, aos 71 anos, com sua cabeleira leonina.

Quando foi?

Giulio Sanmartini

Sinceramente não lembro quando tomei conhecimento pela primeira vez de Câmara Cascudo, tenho certeza que no início dos anos 1970 o conhecia de ouvir falar. Tudo se deu por causa de uma Feira de Indústria realizada no Rio de Janeiro. Eu precisava de um auxiliar que falasse francês e apresentou-se uma bela e jovem mulher.

- Me chamo Márcia Carrilho!
- De Natal, Rio Grande do Norte.
- Sei, terra de Câmara Cascudo.
- Sim, seu Luís é amigo de meu pai (Miguel Carrilho).

Assim trabalhamos juntos durante somente um mês, mas fizemos uma amizade que já dura há alguns anos.

De Cascudo só sabia ser o mais famoso folclorista brasileiro. Alguns anos se passaram, eu estava morando em Juiz de Fora e todas as vezes que ia ao Rio fazia minha corrida pelas livrarias do centro da cidade, numa dessas, a São José (nessa época já não era mais na rua homônima, mas na do Carmo onde está até hoje), deparo num cesto de padaria um monte de livros em oferta e entre estes a primeira edição de Civilização e Cultura, em dois volumes, e foi com este que penetrei no mundo cascudiano. Dessa edição lamentavelmente restou-me somente o primeiro volume, pois caí na besteira de emprestá-los a um amigo que só me devolveu este.

Em 1985 estava preparando meu primeiro livro, uma coletânea de notícias jornalísticas de 1910 sobre a passagem do cometa de Halley, que se nos apresentaria no ano seguinte. Alguns sobreviventes dessa passagem davam à imprensa notícias fantasiosas, lembrei-me que Câmara Cascudo na época do cometa teria doze anos, portanto deveria lembrar-se bem do fato. Recorro à Márcia Carrilho, ela me dá o telefone da casa de seu Luís em Natal. Ligo e atende-me sua filha Ana Maria, muito agradável e jovial, convida-me logo a ir à festa de seu aniversário que se realizaria dali a alguns dias. Explico-lhe meu objetivo, ela acha difícil pois o pai, além da surdez, não anda muito bem de saúde (viria a falecer alguns meses depois).

Nesse mesmo ano leio que Antônio Houaiss estava elaborando um novo dicionário da língua portuguesa. Nas minhas lidas e relidas de Civilização e Cultura, agora já possuidor da segunda edição, por pura curiosidade tinha grifado as palavras inexistentes no dicionário do Aurélio transformando-as em fichas. Pego o telefone e ligo para a Academia Brasileira de Letras, pedindo para marcar um colóquio com Houaiss, para minha surpresa vem o próprio falar comigo, explico-lhe o assunto, ele pergunta se eu poderia ir vê-lo.

- Quando? - pergunto
- O senhor pode vir hoje?
- É claro, professor, estou em Copacabana, chegarei aí em uma hora.

Levei meu trabalho, ele gostou, tinha mais de quinhentas fichas. Perguntou-me se podia ser seu colaborador na área de folclore. É óbvio que concordei e assim li, estudei e anotei mais de 30 livros de Cascudo, fazendo algo como três mil fichas.

O dicionário parou por falta de patrocínio, mas me deu a alegria de conhecer cada vez mais o trabalho cascudiano, mais que isso, Civilização e Cultura passou a ficar na minha estante rotativa para referências, junto com dicionário e enciclopédias, segundo Carlos Drummond de Andrade. - "Já consultou o Cascudo? O Cascudo é quem sabe. Me traga aqui o Cascudo".

O tempo continua passando, ligo-me ao meio acadêmico levado pela mão do astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão de quem sou colaborador até hoje. Em 1996 tenho que fazer uma viagem à Itália, especificamente à cidade de Belluno onde nasci, pela proximidade com Veneza, fui ficando por aqui e fazendo estudos sobre navegação nos séculos XV e XVI na Biblioteca Marciana. Aqui edito dois livros lançados no Brasil, um em 1997 sobre São Januário o primeiro padroeiro do Rio de Janeiro, quando este era somente um acidente geográfico. No ano seguinte faço outro sobre as ligações das Casas de Bragança com a de Habsburgo, aproveitando o bicentenário do nascimento de Pedro I e vou ao Brasil participar de um seminário (D. Pedro I: Estadista de Dois Mundos), conheço o presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, professor Enélio de Lima Petrovich, outros encontros, troca de correspondência e recebo o honroso convite de ser sócio correspondente dessa casa. Confirmada a eleição, marco a posse para março de 1999, pois iria a Natal para o lançamento do livro Profissão: Pescador, de Miguel Carrilho, que havia editado aqui na Itália.

Estava exatamente no lançamento do livro (Academia Norte-rio-grandense de letras) quando alguém me diz:

- Chegou Ana Maria Cascudo!

Fui direto a ela, me apresentei, disse que lembrava-se de minha chamada de quatorze anos antes e marcamos um encontro pois estava (como estou) elaborando o índice onomástico de Civilização e Cultura e assim fui à sua casa, conheci o marido Camilo Barreto. Foi-me dado de presente um dos livros de memória de Cascudo - Na Ronda do Tempo.

Na Toca do Miga deitado numa rede, recebendo o maravilhoso ar da lagoa de Extremoz, de um só fôlego leio o livro. Deslumbro-me pois apesar de conhecer o trabalho de Cascudo não conhecia a pessoa e nesse livro ele se desnuda. E assim foi.

A ENTREVISTA

Como escreveu Vicente Serejo em uma de suas crônicas - *Uma tarde, tão misteriosamente quanto chegaram, Giulio e Angela subiram de*

O encontro aconteceu no apartamento de Fernando Luís, seu filho, colega de revista do poeta Lêdo Ivo e onde foi feita a entrevista no dia 18 de janeiro de 1969. O fato está registrado à página 28, *Na Ronda do Tempo*, o diário íntimo publicado pela Editora da UFRN em 69 e reeditado agora, ano passado, quando do seu centenário. Menciona as visitas do amigo Thavile – Thadeu Vilar de Lemos, companheiro de *A Imprensa*, jornal fundado por seu pai, e biógrafo ligeiro do próprio fundador do jornal, o Coronel Cascudo; Antônio Pinto de Medeiros e Lêdo Ivo, quando faz uma anotação final identificadora do detalhe: "Lêdo Ivo, como depois atinei, estava "fazendo" uma entrevista através dos reflexos condicionais, convergidos na Manchete".

Deve ser esta a pequena história da entrevista feita e publicada há trinta anos e que se transcreve aqui, nesta edição comemorativa de O GALO nos 101 dezembros de Cascudo, tal como foi publicada originalmente na Manchete de fevereiro de 1969. Como diria Cascudo, muito antes da Internet, eis um milagre da transposição. Milagre que devemos a Giulio Sanmartine, aquele que este ano esteve em Natal, tomou posse no Instituto Histórico, jogou dama à sombra de uma jaqueira na Lagoa de Extremoz, bebeu caldo de cana caiana na Ribeira e cachaça no Beco da Lama, como qualquer mortal. E que de volta a Belluno, achou pouco e ainda localizou, e comprou, para o gosto deste colecionador obsessivo, a edição italiana de Macunaíma, o herói marioandradino sem nenhum caráter.

Vicente Serejo é jornalista, professor e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Quem é Giulio Sanmartini

Giulio Sanmartini nasceu em Belluno (18/6/1944). É sócio correspondente dos institutos Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e do Rio de Janeiro.

Livros:

Publicados: *Cometa Halley 1910 passou... e o mundo não acabou* (1985), prefácio de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão; *Copacabana 1892-1992. Subsídios para história* (1992, co-autoria); *Roberto, o início do ídolo Dinamite* - (1993), prefácio de Sérgio Cabral; *Cidade do Rio de Janeiro, curiosidades na história de sua fundação* - (1998), prefácio de Ronaldo Rogério de Freitas Mourão; *Casa de Bragança - Casa de Habsburgo, origem da família imperial brasileira* - (1998), prefácio de Antônio Pimentel Winz.

No Prelo: *Crônicas* (título provisório).

A publicar: *Cinco Crônicas do Rio de Janeiro, As estrelas da bandeira; Leonardo da Vinci paleontólogo, As navegações no tempo de Colombo, Os defensores da flora e da fauna na mitologia do indígena brasileiro, Os santos Magos adoradores de Jesus* (para o IHGRN).

Em elaboração: *A nobreza nas ruas do Rio, O Brasil e os franceses, Os imigrantes vênetos no Brasil de 1876 a 1900.*

Em colaborações: *Dicionário enciclopédico de astronomia e astronáutica* (Roberto Mourão); *Dicionário da língua portuguesa* (Antônio Houaiss).

Pesquisas: Junto ao Museu de Astronomia e Ciências Afins - *História Social da astronomia no Brasil (1808 a 1889); Dicionário bibliográfico dos Cientistas no Brasil*, junto à Illinois University (Springfield, USA) - *Julia Lopes de Almeida* (crônicas publicadas no jornal A Republica).

Artigos: O Globo, Jornal do Brasil, O Barbacenense e Jornal de Hoje.

novo nas asas de um avião e voaram de volta a Belluno... -

Assim que retornei a minha pequena cidade, tive que esvaziar a casa que pertencera à minha família e eu vendera. Para minha surpresa entre as coisas que estava carregando encontro uma quase centenas de revistas brasileiras dos anos 1950/60 (O Cruzeiro, Revista Ilustrada e Manchete).

De improviso vejo uma foto de um alguém que conhecia, era uma matéria do poeta Lêdo Ivo sobre uma conversa que tivera com nosso Câmara Cascudo no Rio de Janeiro em 1969. Leio-a, escrevo à Camila Cascudo perguntando a lembrança que sua mãe tinha do fato. Fui informado que há 16 anos ele não ia ao Rio e resolveu visitar o filho Fernando Luís.

Lembro-me então que Ronda do Tempo são suas memórias do ano de 1969 e que ele fala dessa viagem, retorno ao livro, descubro que esta fora feita no dia 10 de janeiro e mais ainda que cita a visita que lhe fizera na avenida Atlântica 2710 (apartamento de seu filho) o poeta Lêdo Ivo - *Lêdo Ivo, o poeta autêntico. Lutamos para atualizar a escrita atrasada, versos, planos, confidências* - com isso entendo que Cascudo estava sendo entrevistado sem o saber. Sigo lendo o livro, sua estada no Rio chega ao fim e parte para Recife, dessa cidade no dia 4 de fevereiro escreve - *A sucursal da* ***Manchete*** *mandara publicações para minha mulher. Vejo o n.º 877, com uma página carinhosa e lírica de Lêdo Ivo. Deparando minha fotografia, macilenta e vesga, estendo mentalmente a voz e a mão, numa reverência instintiva* - ***a bênção, Vovô...***

Essa entrevista merece ser divulgada pois marca um ano importante na vida de Câmara Cascudo como se pode entender pela apresentação que ele mesmo fez à Ronda do Tempo - *Este é o mais íntimo e confidencial de meus livros (...) Terá pequena edição e não se repetirá enquanto eu viver. Solilóquios de um velho professor aposentado e no aposento de sua pequena biblioteca.*

O título dessa apresentação diz tudo. *No princípio era o verbo...*

Pois é, seu Luís, a vida não me concedeu a jóia de poder ter-lhe beijado as mãos.

Belluno, outubro de 1999

Giulio Sanmartini, ítalo-brasileiro, é historiador, jornalista e cronista.

A entrevista

Lêdo Ivo

No seu quarto de hotel, em Quelimane, na Zambézia, ele ficou a noite inteira acordado, até que no céu da madrugada surgisse o Cruzeiro do Sul. "Eu esperei o Cruzeiro do Sul como se fosse um amigo pessoal". Longe de sua terra, o brasileiro Luís da Câmara Cascudo contemplava a constelação que indicara às naus da descoberta a rota para as Índias. E as estrelas conduziam o seu pensamento para o outro lado do oceano.

Ele fora passar seis meses na África para estudar a comida brasileira. Mas esclarece: "Sou desconfiado dos nutricionistas. A mim, o que interessa é o mistério do paladar, a perspectiva alimentar que é uma sedução para o brasileiro. Comida sem tempero é bobagem. Aliás, na minha opinião, as duas maiores expressões do gênio nacional são o samba e a feijoada completa".

Embora seja autor de 130 livros, que lhe renderam projeção internacional, e agora esteja sendo festejado, à sua revelia, pelo cinqüentenário de sua vida literária, o setuagenário Luís da Câmara Cascudo se considera, no fundo, apenas um leitor profissional. E quando lhe pergunto que método adotou para produzir tanto, ele me explica: "O meu método consiste em não ter nenhum. Apenas obedeço às disposições mentais intransferíveis. Durmo, como, passeio, converso e trabalho quando tenho vontade. Pelo menos 40 dos meus livros foram escritos rigorosamente à noite, quando eu, guardado pelas estrelas, podia contemplar Órion e a Ursa Maior". Mas, considerado um dos oito ou dez maiores folcloristas do século, Cascudo não simpatiza muito com a palavra folclore, pelo seu sentido limitado aos cantos e estórias populares. Prefere ser tido como um estudioso ou estudante da cultura popular. E esclarece, fumando um charuto sem tragar, e cumprindo assim uma recomendação médica: "A cultura popular é o complexo. Representa a totalidade das atividades normais do povo, do artesanato ao mito, da alimentação ao gesto. No Brasil o folclore se tem restringido quase exclusivamente às cantorias e aos contos do povo, e não pega tudo. Ora, a mim interessa tudo o que é do povo, até o ele faz no banheiro ou no mato".

Vamos dar um exemplo. Na rua, Cascudo vê um brasileiro fazendo "o obsceno gesto que a Vênus de Milo jamais poderia fazer", como diria Manuel Bandeira. E, tendo já estudado os gestos obscenos nos egípcios e nos persas, sabe que essa manifestação braçal dos nossos patrícios se perde na noite dos tempos, e ele conhece um quadro francês, dos tempos de Madame Pompadour, em que ela aparece.

Bronze de corpo inteiro do escritor e folclorista Luís da Câmara Cascudo, assentado sob uma mão gigantesca no exterior do Memorial que leva seu nome, no Centro

"Dediquei-me ao meu povo. E, na minha biblioteca, completo o que trago do povo. Quando pesquiso, não sou escravo de um assunto. Se encontro coisa mais interessante e na qual ninguém ainda tocou, pulo para essa outra coisa". Em sua casa, em Natal, Cascudo possui todas as fontes da literatura oral do mundo, inclusive preciosa coleção de microfilmes. Ele não precisou sair de sua terra para se tornar um nome internacionalmente conhecido, respeitado e chaleirado no domínio do folclore, da etnografia e da História. Em sinal de admiração e gratidão ao potiguar célebre que hoje, surdo como uma porta, ouve pouco de sua própria glória, os conterrâneos deram o seu nome à rua em que ele reside. O homenageado protestou. E, na placa, está hoje a correção: *Rua Luís da Câmara Cascudo, ex-Rua das Virgens*. Seu pai era um dos homens mais ricos do Rio Grande do Norte. E, sendo quase analfabeto, só uma coisa exigiu do filho único: que soubesse latim. Morreu pobre, mas lhe deixou bons imóveis e uma frase lapidar: "Mulher só envelhece até a cintura". No tempo das vacas gordas, Cascudo (sobrenome de origem política, pois é um apelido dado a seu avô, e incorporado pelo pai) usou monóculo e polainas, e fez várias viagens à Europa. E quando a mina paterna se extinguiu, o filho verificou que trazia dentro de si uma grande riqueza. As histórias que ouvira dos vaqueiros e cantadores e das pretas velhas ensinaram-lhe o caminho de tudo. Antigo caçador de preás e mocós nos serrotes potiguares, e paciente seguidor de tatus, Luís da Câmara Cascudo foi descobrindo, nas matas e nos livros, o caminho da sabedoria e da felicidade. Tanto se interessava por um inseto como pela obra de Goethe.

A história da Imperatriz Porcina, a de José Pretinho, a de Miguelão – qualquer história o seduz, seja o dizque-diz inventivo do homem virado fábula clássica de livro ou a fatia da vida que vem bater à porta da biblioteca onde a sua própria aventura intelectual já se transformou em 25 mil fichas. "Leio em oito línguas. Sei francês, inglês, italiano, alemão, espanhol, latim e bastante grego. Mas só falo

português. Muitas vezes saio da etnografia, da etnologia e da História e vou viajar na quarta dimensão, lendo poesia a noite inteira. Nos poetas mais eruditos, procuro (e encontro) o que a terra lhes deu. Por que tal poeta usa tal linguagem? Essa escolha já é o depoimento obscuro de sua personalidade".

Semanas atrás, vendo na televisão os astronautas da Apolo-8 que, na nave espacial, levantavam o polegar da mão esquerda, Luís da Câmara Cascudo exclamou e ensinou: "É um gesto romano, de salvar o gladiador". O mestre do *Dicionário do Folclore Brasileiro, Vaqueiros e Cantadores, Jangada* e *Geografia dos Mitos Brasileiros* é um valorizador do cotidiano. Nos cafundós dos judas, sabe espreitá-lo numa estória de assombração ou de bicho. Num velório, na posição de descanso de um caipira, ou numa garrafa de cachaça. Ele surpreende o que o homem tem de mais intemporal ou imemorial. "Isto está em Homero". Agora, que veio passar algumas semanas no Rio, onde não aparecia há mais de dez anos, seu olhar se crava nas madames que, ornadas de barrocas e monumentais cachos-de-banana, saem dos cabeleireiros da zona sul.

Mas, marido exemplar, "casado com uma flor" (dona Dália), ele está apenas observando a semelhança de certos penteados copacabanais com os das múmias do Egito. Tendo estudado medicina três anos, antes de se formar em direito, ainda hoje se considera forte em fisiologia e terapêutica. Tempos atrás, aprofundou-se em teologia só para poder elaborar um trabalho sobre Dante e a tradição popular no Brasil. E quando lhe perguntei porque, em lugar de estudar tanto, não recorreu a um padre, ponderou: "O padre podia me tapear".

Assim é Luís da Câmara Cascudo, o homem que sabe tudo, formado pela Universidade da Boca do Povo. Um dia, ele recebeu um cabograma, com resposta paga, de um cientista norte-americano que queria saber se jacaré dorme de dia. Uma vez, Pedro Bloch foi entrevistá-lo em Natal, levando o fotógrafo Gervásio Batista. E este ficou tão impressionado com a grandeza e sabedoria do entrevistado que não resistiu. Perguntou-lhe: "Posso lhe dar um beijo?". E, sem esperar resposta, beijou Luís da Câmara Cascudo. À saída, quando Pedro Bloch o interpelou sobre o gesto insólito, o seco e irônico Gervásio Batista justificou aquele súbito e irresistível acesso de afetividade: "Senti que o homem é grande mesmo, compreende?"

Lêdo Ivo, alagoano, é poeta, jornalista e tradutor. Escreveu, entre outros, *Finisterra*.

Três excertos de *O Tempo e Eu*, parte 2

Luís da Câmara Cascudo

V

Conversou-se muito sobre o motivo do Amor na poesia. Ironizam-me porque não há uma página minha sobre o assunto. Os meus companheiros são todos poetas. Contra-ataco com Miguel de Unamuno: - *Los que más hablan de amor son los que menos aman!* Declaro não acreditar no Amor tornado material de expansão literária, barro para a modelagem lírica, madeira para santo ou demônio. Acredito que os grandes amores são silenciosos como as águas profundas são serenas. O mar tempestuoso, de vagalhões sonoros, é sempre no litoral. Depois das descargas retóricas em resposta, bolas por cima da trave do **goal**, lembro que, enquanto Francesca de Rimini confidenciava sua tragédia a Dante Alighieri, o amante Paolo, inseparável no eterno castigo, guardava silêncio. Teria amado menos? Quando volto a falar, argumento com a insistência dos impotentes minuciando luxúria e dos covardes narrando heroísmos. Sublimações de recalques. Exibições verbais para a autovalorização da subalternidade funcional.

Você quer acabar com a Poesia!... finalizam, em falta de melhor argumento lógico. Noventa e nove por cento das mulheres cantadas nos poemas são hipotéticas. Materializações de desejos obscuros ao derredor de uma polarização imaginária.

X

Exclua as notícias más na sua conversa. O interesse do pessimista é a transmissão daquela cinza, água suja e crepúsculo aos espíritos distantes. Não seja intermediário fervoroso dos temas deprimentes e melancólicos. Interrompa a ligação malévola. Acorde o Sol, sacuda a Lua, semeie de estrelas a noite intencionalmente antecipada. Um dos supremos castigos do Demônio é não saber ou não poder rir. Não faça rir com o atrito de urtigas.

Drama de Paolo e Francesca, no Canto 5, do Inferno de Dante, exemplifica tema do amor, para Cascudo

Fidelino de Figueiredo, na introdução do *L'Agonie du Christianisme* (S. Paulo, 1941), divulga um episódio pouco sabido de Miguel de Unamuno.

Era uma hora de efervescência social de Bilbao. Manifestações públicas borbulhantes, imprensa escrita com brasas. Unamuno fora convidado para pronunciar uma conferência na **Casa del Pueblo** ante auditório flamejante. Quando todos esperavam um dilúvio de fogo, o velho Reitor de Salamanca, durante mais de uma hora, leu versos místicos, poemas místicos ante a exultação trepidante dos bascos. Foi uma chuva calmante, sedativa, pacificadora. Entendessem ou não, nessa noite não houve distúrbio e a imprensa do dia seguinte mudara o clarim na doce melodia compreensiva. E Miguel de Unamuno nada tinha de comum com o corpo de bombeiros. Seria uma atitude de contradição, uma afirmativa de sua independência, escolhendo o **seu** assunto e não obedecendo às excitações anônimas, irresponsáveis, confusas.

Tenha o heroísmo do bom-humor, como outros têm a volúpia do ácido crotálico. Não seja o teletipo para a crueldade sádica, o pus promovido a creme, a perfídia espirituosa, eficiente quando propagada. "As Amargas, não", foi título de livro de Álvaro Moreira. Os diabinhos obscuros da maldade jamais devem segurar o volante de sua linguagem.

Ajude a limpar a poesia de hostilidade e rancor, diariamente sacudida sobre nós, na esperança de que o saldo, não absorvido, leve o contágio subsequente. Estabeleça, firmemente, uma barreira de silêncio, uma sólida muralha de gelo, afastando a continuidade do monturo fumegante. A onda pérfida pode ser sintonizada mas não retransmitida. O clima de excitação em que vivemos depende da nossa colaboração, do nosso alento, renovando-lhe o impulso. Deixe-o cair, inutilizando-se na imobilidade. Dentro de nós há recursos que dissolvem o bolo de lama, empurrado em nossa garganta. Não o inclua nos condimentos do espírito.

"Basta a cada dia o seu mal", ensinou Jesus Cristo ao apóstolo Mateus, antigo cobrador de impostos em Cafarnaum. Recuse participar nessa política inflacionária da maledicência feliz. Narre o **desagradável** pessoal sem a técnica da queixa, rojante e lamentável. Apenas uma clara informa

ção. Não insista, senão a descarga aliviadora torna-se tóxico individual. Todos os profetas da desgraça morreram nela.

Frei Luís Ponce de León (1527-1591), professor na Universidade de Salamanca, padeceu quatro anos de prisão no Santo Ofício. Libertado, proclamada sua inocência, reabilitado, voltou à cátedra eminentíssima. Imenso auditório encheu o salão, que hoje tem seu nome. Fray Luis subiu à tribuna, benzeu-se, e quando toda a gente esperava a explosão humana e natural da justa amargura, principiou como se continuasse a aula do dia anterior: - *Diciamos ayer...* Nem uma referência ao motivo que angustiaria e revoltaria a multidão assistente. Ainda hoje aquele *Dicibamos Histerna Die* é um refrão orgulhador na Espanha Universitária; a serenidade do Mestre, acima das vicissitudes do mundo.

Recusara-se a transmitir o sofrimento...

C

Quando reunia documentação para o meu **Marquês de Olinda e seu Tempo** (Brasiliana 107, S. Paulo, com prefácio do conde de Afonso Celso, 1938), era obrigado a recorrer às solicitações epistolares, trabalhando na província e sem auxílio oficial algum. Recordo um episódio típico. Escrevia os pedidos unicamente confiado na gentileza dos destinatários. Não tinha credenciais para merecer respostas. Uma vez enviei cinco cartas ousadas. Uma a Mr. Chiappe, prefeito de polícia em Paris, outra ao Prof. Fezas Vidal, reitor da Universidade de Coimbra, ao príncipe Max de Bade, jesuíta, professor na Universidade de Fribourgo, na Suíça, ao dr. Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, eminente político de Minas Gerais, casado na família do marquês de Olinda, e ao dr. Antônio Azeredo, vice-presidente do Senado Federal, solicitando-lhe a graça de um exemplar do Anais do Senado do Império, mesmo por empréstimo. Todos, gentilmente, enviaram quanto lhes pedira e que aproveitei no meu estudo. Todos menos o dr. Antônio Azeredo. Minha carta encalhou no seu atarefadíssimo gabinete. Nunca obtive resposta. O senador Eloy de Souza obteve o volume para mim.

Stefan Zweig definia o brasileiro como um cavaleiro gentilíssimo que não sabia responder cartas. Não é tanto assim, mas tem sua percentagem de veracidade.

Lêdo Ivo e o Recife dos anos 40

Edson Nery da Fonseca

Permitam-me evocar inicialmente minha primeira visita a Penedo. Foi em janeiro de 1952, há quase meio século. Comissionado pelo Instituto Nacional do Livro para inspecionar as bibliotecas que recebiam doações daquele benemérito órgão do Ministério da Educação, fundado e durante muitos anos dirigido pelo escritor Augusto Meyer, eu cheguei a esta "velha mestra de civismo" — como a chamou Gilberto Freyre — e, de repente — "de repente, não mais que de repente", como diria Vinícius de Moraes — senti uma das maiores emoções de minha vida: a de ver o rio São Francisco.

Confesso minha antipatia pelo civismo puramente retórico. Ouvia falar no "rio da unidade nacional" e atribuía a frase a esse gênero convencional de civismo. Quando contemplei o São Francisco deste seu Penedo, senti um grande remorso. E quase me ajoelhei diante de suas águas, pedindo perdão, como São Tomé, pela minha descrença inicial. Vi que o São Francisco era maior do que a retórica das frases cívicas.

Venho agora a Penedo convocado pelo Dr. Francisco Alberto Sales para, por sugestão de Cassiano Nunes, tomar parte na justa homenagem que esta cidade presta ao poeta Ledo Ivo. A ambos o meu agradecimento.

Fachada do prédio onde funciona ainda hoje o jornal "O Diário de Pernambuco"

Poeta federal. Alagoano radicado no Rio de Janeiro. Morador na Paris dos anos 50, profundamente europeizado. Conferencista em universidades norte-americanas. Admirável tradutor de Jane Austen, de Maupassant, de Dostoiévski e, sobretudo, do difícil Rimbaud, do qual fez não apenas a transcrição para nossa língua, mas a perfeita edição, no sentido inglês da palavra.[1] Consagrado poeta, romancista, ensaísta e cronista. Membro da Academia Brasileira de Letras. Amigo de grandes poetas como Bandeira, Drummond, Murilo Mendes, Cassiano Ricardo, João Cabral de Melo Neto que o retratou num poema. Podia ser um daqueles desenraizados do conhecido romance de Maurice Barrès.

O poeta Lêdo Ivo e seus companheiros da geração recifense Darcy Damasceno e Félix de Souza

Em vez disso, Ledo Ivo é um ser profundamente ligado à terra natal, como demonstra **Finisterra**, um de seus mais recentes volumes de poesia, prêmio Luisa Cláudio de Sousa do Pen Club do Brasil, Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal, Prêmio Casimiro de Abreu do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

"Minha pátria — ele diz num dos mais belos poemas de **Finisterra — é onde os goiamus / pressentindo o cair da noite / buscam as locas entre os mangues. / /** No meu país palustre / o peso das chuvas encurva os cajueiros / e o sol calcina lágrimas".[2] E nas **Confissões de um poeta** — livro marcante na memorialística de língua portuguesa — define-se como um ser tropical:

"De repente, sinto que tudo o que me cerca são sinais de um universo equatorial, e mesmo as minhas lembranças mais longínquas se nimbam dessa cálida vibração tropical. A posição das estrelas no céu rasgado pelo verão, a cal das casas, o cheiro de jasmim, os turbilhões de insetos, as chuvas súbitas que, logo cessadas, se mudam em nostalgias, o calor que convida à sesta, o frêmito das bananeiras, mangueiras e outras árvores barrocas, o cheiro quase sexual do suor, o condimento das comidas, a estonteante claridade dos dias fúlgidos junto às praias — tudo isto é o Trópico, não apenas fora de mim, mas também dentro e junto a mim".[3] Eis um parágrafo que Gilberto Freyre — o grande reabilitador do Trópico entre nós — gostaria de ter escrito.

Nascido em Maceió, Ledo Ivo é um alagoano total. Não cantou apenas a cidade em que nasceu: "Este é o meu lugar, entranhado em meu sangue / como a lama no fundo da noite lacustre. / E por mais que me afaste, estarei sempre aqui / e serei este ven

to e a luz do farol, / e minha morte vive na cioba encurralada".[4]

Cantou São Miguel dos Campos: "Fui hoje em sonho a São Miguel dos Campos / e vi todos os meus mortos passeando / (...) Ao chegar hoje a São Miguel dos Campos / tive nas mãos a minha eternidade / (...) Junto ao meu clâ, em São Miguel dos Campos, / na pútrida lagoa que recebe / / a vaga azul do mar universal / vejo surgir em pleno dia a estrela / / que haverá de caber na minha mão, / com seu peso e fulgor me redimindo".[5]

Cantou Porto Real do Colégio: "A ferrugem não é uma ofensa aos homens e objetos, mas o emblema de uma secreta realeza. O vento, a chuva e a areia são os emissários de uma eternidade que só vive nos desgastes que fraturam a superfície das coisas. / Nos degraus roídos desta igreja de Porto Real do Colégio, freme a esperança dos homens. E a ferrugem radiosa protege os mortos".[6]

E não esqueceu Penedo: "Só Deus e os morcegos habitam / a Igreja de Nossa Senhora da Corrente. / O espírito invisível paira entre os altares / roídos e o vento de Penedo / cega lentamente os olhos dos santos / que os turistas e antiquários não conseguiram roubar. / Deus é barroco. Deus é como os morcegos: / voando à noite entre os espaços estrelados / procura chupar o sangue dos homens / que enegrecem o dia com os seus pecados. / / Na abóbada da igreja que o rio às vezes invade / os morcegos escondem o céu alegórico / eternamente sonegado aos pecadores. / O céu negro dos homens! Sob o soalho avariado / os ratos se inclinam à Presença eucarística. / E Nossa Senhora da Corrente, padroeira dos ratos e morcegos, / entre flores de papel e velas fedorentas / compartilha da solidão divina. / Ó Mãe dos homens, que sorri radiosa em seu abandono / como a minha própria mãe, rogai por mim!"[7]

Em 1940, Ledo Ivo foi viver no Recife. Ficou até 1941. Mas foram dois anos muito importantes em sua existência poética. Lá fez a significativa descoberta de Rimbaud, que aparece depois num de seus primeiros sonetos, rimando insólita e belamente com a primeira pessoa do presente do verbo ir: "Por um campo fantástico eu me vou / brutalmente pisando sobre flores / e nos meus ombros vai perdendo as cores / o paletó de Jean Arthur Rimbaud".[8]

No Recife já viviam outros alagoanos também embriagados pela literatura, como o poeta Heydn

Velhos hotéis do Recife preservam a arquitetura aristocrática de uma época que teve o seu apogeu entre os anos 4 › 50, quando surgiu a geração de Lêdo Ivo e de João Cabral de Melo Neto

Goulart, o contista Breno Accioli, o jornalista Benedito Coutinho. Onde estão todos eles?, pergunto agora como Manuel Bandeira ao recriar o tema **ubi sunt.** E com Bandeira respondo que "Estão todos dormindo / Estão todos deitados / Dormindo / Profundamente".

Foi no Recife desses anos 40 — anos terríveis em que sofríamos com a ocupação de Paris pelos alemães: Paris!, exclamava o poeta Ascenso Ferreira, "que farão Loulou e Margot?" — foi no início da década 40 que Ledo Ivo e eu nos conhecemos em torno de duas grandes figuras recifenses: Willy Lewin e Vicente do Rego Monteiro.

Vicente, como se sabe, é artista plástico dos mais conhecidos no Brasil e no mundo. Nasceu em 1899 no Recife, onde morreu em 1970; mas passava longas temporadas em Paris, onde foi muito festejado como pintor e poeta. Willy não obteve a mesma repercussão porque não quis: era um desses intelectuais que gostam de viver entre seus livros, **au-dessus de la mélée,** como dizem os franceses.

Nascido no Recife, em 1908, Willy Dinis Lewin morreu no Rio de Janeiro, em 1971. Sua biblioteca particular testemunhava a enorme cultura literária que fazia dele um líder natural dos jovens intelectuais recifenses. João Cabral de Melo Neto, que não fez nenhum curso superior, costuma dizer que é formado na biblioteca de Willy Lewin, prefaciador de seu primeiro livro, **Pedro do sono.**[9]

Quando se iniciou a década que estou evocando, Willy Lewin já era autor de dois livrinhos — **15 poemas** (impresso por José Maria Carneiro de Albuquerque Melo em sua gráfica particular) e **Caminhos da poesia** (crítica literária) — ambos publicados em 1936.

Como Ledo Ivo, Willy Lewin foi morar no Rio de Janeiro em 1943, tornando-se colaborador assíduo do **Correio da Manhã** e de **O Estado de São Paulo.** Em 1952, Simeão Leal publicou, num dos **Cadernos de Cultura** do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, os **Ensaios de circunstância,** contendo textos da melhor teoria literária e exegeses de autores ingleses, franceses e norte-americanos.[10]

Em suas **Confissões de um poeta,** Ledo Ivo se refere a esta grande figura hoje infelizmente esquecida: "Não posso jogar pedras em minha primeira formação literária, no Recife (1940/41), quando, sob a instigação e orientação de Willy Lewin, eu devorava Rimbaud, Baudelaire, Claudel, Valéry, Virgínia Woolf, Cocteau, Mauriac, Julien Green, Proust e tantos outros autores que, distanciando-me da realidade ambiente, me davam uma visão aristocrática da arte e da literatura.

"Essa fase preciosa, em que eu e os meus primeiros companheiros de viagem colocávamos a Forma acima de tudo, em lugar de distanciar-me da vida, serviu-me para abordá-la quando, cumprido o longo período de assimilação, saí de mim mesmo em busca do universo dos meus semelhantes".[11]

Como se vê, Ledo Ivo tem a rara honestidade intelectual de proclamar as influências que recebeu, em vez de escondê-las como fazem os tolos que ignoram a grande lição de Mikhail Bakhtin ao escrever: "Não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederão; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia".[12]

Desenvolvendo sua admirável confissão, Ledo Ivo escreve ainda: "Eu teria sido um autor frustrado ou limitado se, no limiar de minha vida literária, essa constelação de nomes prestigiosos não tivesse iluminado o meu caminho. Eles abriram os meus horizontes, levaram-me desde cedo a preocupações formais que se concretizavam através da interrogação existencial e até, em certo tempo, de uma inquietação religiosa; e me nutriram de uma curiosidade intelectual que o passar dos anos não empalideceu. Muito pelo contrário, ela sempre se

reaviva, tanto diante do autor preclaro e do clássico deleitável, como do nome novo ou desconhecido que resvala numa informação literária ou num balcão de livraria, e me devolve, intacto, esse prazer da leitura que às vezes tem algo de sexual".[13]

Vejo pela "cronologia da vida e da obra" de Ledo Ivo — um dos apêndices da antologia **Central poética** — que ele assinala, em 1941, sua participação no I Congresso de Poesia do Recife.[14] Lembro-me bem desse estranho mas significativo Congresso, inaugurado num bar do Porto do Recife — o Shipchandler do velho Jack Ayres — e continuado nas casas de Willy Lewin e Vicente do Rego Monteiro.

Na casa de Willy, que era descendente do judeu alemão Arthur Lewin e da católica pernambucana Laura Diniz Lewin, bebia-se cerveja e na de Vicente a aguardente por ele mesmo fabricada nos tempos em que foi arrendatário do engenho Várzea Grande.

Vicente foi o grande animador da vida intelectual e artística do Recife dos anos 40. A coleção da revista que fundou em 1939 e dirigiu até 1946 com o significativo título de **Renovação,** bem que merecia uma edição facsimilar, semelhante às edições recentes de revistas do modernismo do triângulo Rio de Janeiro-São Paulo-Minas Gerais, as únicas privilegiadas pelo mecenato paulista, como se não tivesse havido no Nordeste economicamente pobre nenhum movimento de renovação literária e artística.

Renovação era também uma editora que publicou a tese apresentada por João Cabral de Melo Neto ao

O chapéu era um ornamento indispensável na cabeça dos homens do Velho Recife

Congresso de Poesia — **Considerações sobre o poeta dormindo**[14] — e os **Poemas de bolso** do próprio Vicente do Rego Monteiro, "em fraternidade poética instantânea ao 1º Congresso de Poesia do Recife", como está impresso na página da dedicatória. Na aba dos **Poemas de bolso**, pequena brochura que é um primor de arte gráfica, a editora Renovação anunciava, além de **Pedra do Sono** de João Cabral, 8 livros que, suponho, nunca foram publicados. Um deles, **Crepúsculo civil** de Ledo Ivo.[15]

Bairro do Recife, que deu nome à cidade, num flagrante de 50 anos atrás, com seu casario típico

Vê-se por este bibliônimo que é antiga a paixão de Ledo Ivo pelos grandes temas românticos, como o crepúsculo, a noite, a aurora, a brisa. Ele teve sempre a coragem de enfrentá-los, sem jamais resvalar na pieguice romanticóide. Na geração de 45, Ledo Ivo e João Cabral se destacam como os maiores poetas, sendo, entretanto, muito diferentes. Vale recordar seu próprio depoimento em relação ao autor da **Educação pela pedra:**

"Ao chegar ao Recife, para as primeiras aventuras literárias, o que mais me impressionou foi a limpidez das divisas estéticas de um iniciante que haveria de ser um dos grandes poetas de nossa língua. João Cabral de Melo Neto começava e terminava nitidamente. Tudo, nele, ostentava a clareza e a exatidão de uma faca. Decerto na **faca só lâmina** de sua lucidez contundente havia o brilho de uma insânia mallarmaica, que o obrigou, certa feita, a um isolamento de onde contemplava "jardins enfurecidos". (É estranhável, aliás, que os seus incontáveis críticos e exegetas não se tenham detido, ainda, diante dessa face visionária do poeta que celebrou "a serventia das idéias fixas", preferindo singrar só uma de suas **duas águas**). Mas voltemos ao momento daquele primeiro encontro de dois jovens poetas que, precisamente porque eram diferentes e antagônicos, com as suas estéticas que se repeliam e se desencontravam, podiam caminhar juntos. Enquanto João Cabral mantinha as suas alucinações sob o controle de um alvo sol de aspirina, dosava-se a si mesmo, e conhecia a extensão de seus tesouros, produzindo poemas como o cata-vento produz água, eu era todo incerteza e turbilhão, abundância e desperdício, seqüestrado por um turbilhonante mim mesmo desprovido de setas e contornos".[16]

Venho do Recife a Penedo para saudar Ledo Ivo. Não falo em nome de academias ditas de letras, de conselhos ditos de cultura e de fundações ditas culturais. Falo, sim, em memória de Willy Lewin e de Vicente do Rego Monteiro, de Haydn Goulart e de Breno Accioli, de Odorico e Deolindo Tavares, dos que se reuniram no I Congresso de Poesia do Recife e hoje "estão todos dormindo / estão todos deitados / dormindo / profundamente". E também — por que não dizê-lo? — em nome da cidade que será sempre grata a Ledo Ivo pelo poema em que ele diz:

Amar mulheres, várias.
Amar cidades, só uma — Recife.
E assim mesmo com as suas pontes,
e os seus rios que cantam,
e seus jardins leves como sonâmbulos
e suas esquinas que desdobram os sonhos de Nassau.
Amar senhoras, muitas. Cidade,
só uma, e assim mesmo com o vento amplo do Atlântico
e o sol do Nordeste entre as mãos.
Felizes os jovens poetas que recebem em seus corações
antes do amor e depois da infância
a palavra, a cidade Recife.
Felizes os poetas que podem lembrar-se eternamente
das pontes que separavam: ia-se a noite
no Capibaribe, e as águas do Beberibe
te davam, ó Madalena,
o meu primeiro verso.

Corola diante do mar.
Bares da arte poética,
bondes, navios, aviões.
Cidade, meus pés transportam as tuas pontes
para margens versáteis.

Igrejas nos postais, namorados nos por

tais.
Recife de meu pai,
Recife que me deu a poesia sem que eu pedisse nada,
cidade onde se descobre Rimbaud,
a maresia de antigamente em meus olhos abertos.
Mulheres, inúmeras. Cidade, só uma e assim mesmo diante do mar.[17]

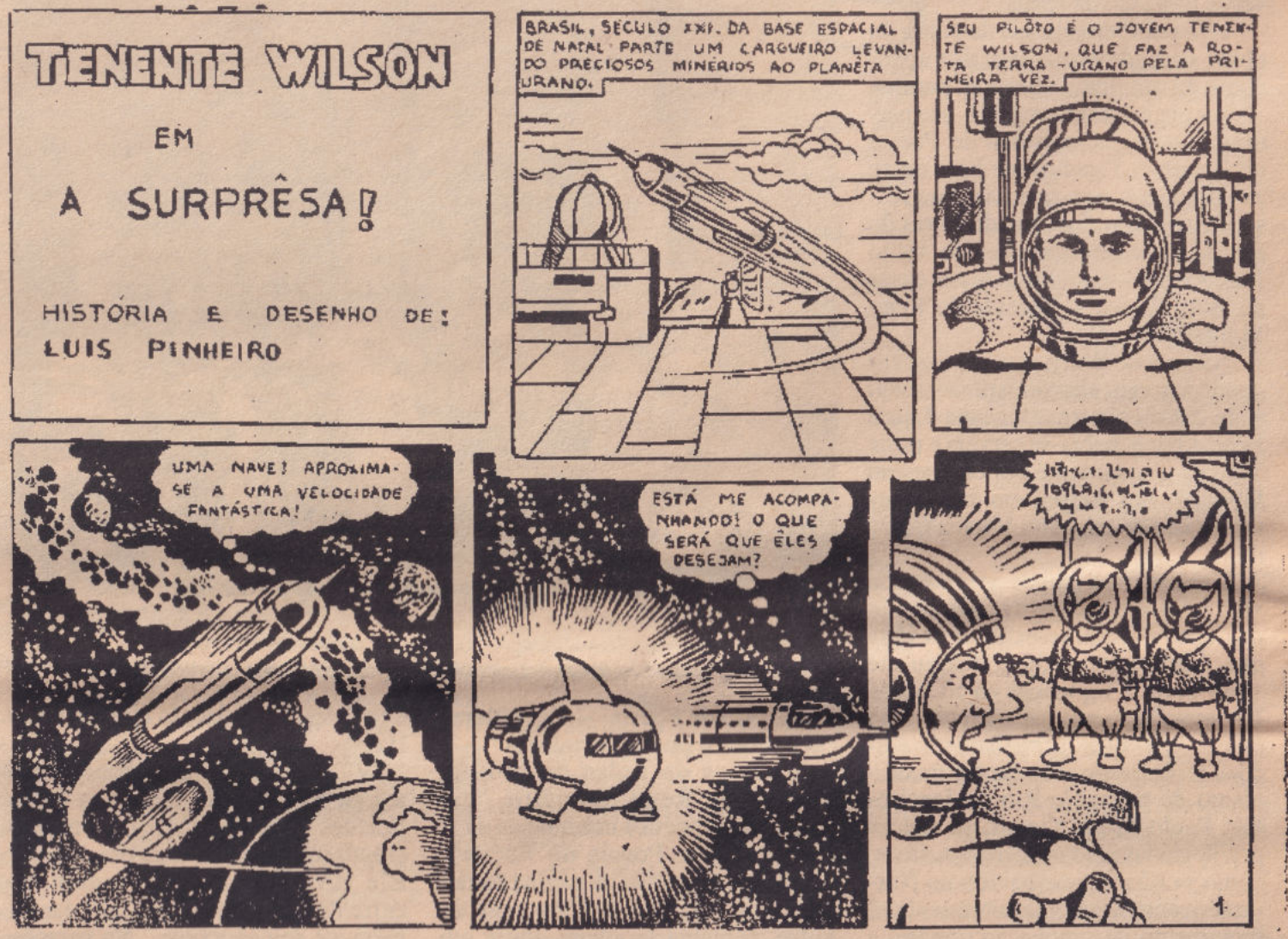
* * *

Reproduzo integralmente o poema por três motivos: primeiro (e mais importante) porque é muito bonito; segundo porque não reapareceu nas obras poéticas do autor, figurando apenas na antologia organizada por Edilberto Coutinho **Presença poética do Recife**; e terceiro (**bu not least!**) porque falando na homenagem de Penedo a Ledo Ivo não poderia deixar de trazer à cidade acariciada pelo vento do São Francisco um pouco daquela brisa oceânica do meu Recife, onde Ledo Ivo descobriu Rimbaud e com ele partiu num "barco ébrio" para a viagem iluminada e iluminante da Poesia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
1 - IVO, Lêdo. "Minha terra". In: **Central poética (poemas escolhidos).** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976, p.205.
2 - IVO, Lêdo. **Confissões de um poeta.** São Paulo: DIFEL, 1979, p.189.
3 - IVO, Lêdo. "Planta de Maceió". In: **Central poética,** op. cit. (n.2) p.216.
4 - IVO, Lêdo. "Fronteira seca". In: **Central poética,** op. cit. (n.2) p.207-209.
5 - IVO, Lêdo. "Porto Real do Colégio". In: **Central poética,** op. cit. (n.2) p.214-215.
6 - IVO, Lêdo. "Nossa Senhora da Corrente". In: **Central poética,** op. cit. (n.2) p.214.
7 - IVO, Lêdo. "Soneto da rebelião". In: **Central poética,** op. cit. (n.2) p.50.
8 - LEWIN, Willy. "João Cabral de Melo Neto e sua poesia". In: Melo Neto, João Cabral de. **Pedra do Sono.** Pernambuco: Oficinas Gráficas de Drechsler & Cia., 1942, p. (7-8).
9 - LEWIN, Willy. **Ensaios de circunstância.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1952. 79p. (Os Cadernos de Cultura, 36).
10 - IVO, Lêdo. **Confissões de um poeta,** op. cit. (n.3) p.124.
11 - BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.375.
13 - IVO, Lêdo. **Confissões de um poeta,** op. cit. (n.3) p.124.
14 - MELO NETO, João Cabral de. **Considerações sobre o poeta dormindo.** Recife: Renovação, 1941. Reproduzida em: **Obra completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.683-688.
15 - MONTEIRO, Vicente do Rego. **Poemas de bolso.** Recife: Renovação, 1941. 55p. (Coleção Poesia).
16 - IVO, Lêdo. **Confissões de um poeta,** op. cit. (n.3) p.2.
17 - IVO, Lêdo. "Recife, poesia". In: Coutinho, Edilberto, ed. **Presença poética do Recife; crítica e antologia poética.** 3.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983, p.100.
18 - RIMBAUD, Jean-Arthur. **Uma temporada no inferno e Iluminações.** Trad., introd. e notas de Lêdo Ivo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

Edson Nery da Fonseca, pernambucano, é biblioteconomista e ensaísta.

Natal em quadrinhos



Quadrinhos em Natal

Anchieta Fernandes

O referencial do tema da Cidade do Natal nas estórias em quadrinhos, se torna importante a partir do prisma do referencial inverso: de estórias em quadrinhos, como técnica de comunicação, ter sido praticada com bastante intensidade na capital do Rio Grande do Norte - para esta pesquisa contribuindo artistas individuais ou grupos atuando nesta Cidade do Natal.

O GRUPEHQ, por exemplo, Grupo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos, desde 1971 criou uma verdadeira escola de quadrinhos, com um possível estilo natalense de desenho a se projetar para o mundo; tanto é assim que notícia sobre quadrinhos grupehquianos foi publicada em Portugal, e quadrinho de artista natalense já foi publicado em revista holandesa, e charge em quadrinhos de artista natalense já foi publicada em página de jornal de Praga, na República Checa.

Mas.. como é a presença de Natal nas estórias em quadrinhos natalenses? Vejamos, tematicamente.

a) tópicos históricos da formação da cidade

Sobre a formação histórica de Natal, englobada na própria história geral do Estado do Rio Grande do Norte, desenhistas e roteiristas têm quadrinizado o tema. O n.º de janeiro de 1989 da revista *Igapó* conta em quadrinhos *A Fundação do Forte dos Reis Magos*, argumento e desenhos de Aucides Bezerra, que remete não somente ao histórico do Forte, como também aos preâmbulos da Colonização (Tratado de Tordesilhas, chegada dos portugueses ao nosso litoral), e termina na última página com um resumo biográfico de Felipe Camarão, o índio Poti. O texto de Aucides é interessante, do ponto de vista idiomático, por servir-se funcionalmente da terminologia indígena.

Já no que diz respeito à linguagem

de quadrinhos em si, ao esquema narrativo, esta quadrinização da revista *Igapó* de 1989 falha um pouco. Primeiro, por não elaborar bem o desenvolvimento da sucessividade dos fatos, levando a certa confusão no momento cronológico da leitura. É de se observar também a quase inexistência do elemento onomatipaico, que é essencial à narrativa quadrinhesca. A estética é pobre, enquadramentos sem criatividade, sem dinâmica.

Quanto ao aspecto cronológico, são mais desculpáveis os esquemas narrativos de outras quadrinizações, que também contaram a história da cidade, mas pontuando-a com demarcações em lugares históricos e monumentos da nossa capital. Isso porque um sobre-enredo ocorre a partir de um passeio turístico pela cidade e/ou pontos próximos no litoral. Foram os casos de *Vai Ser Bom Se Você Vir*, folheto produzido pela Publicar Ltda., em novembro de 1975, com desenhos de Aucides e Lindberg, para um congresso turístico internacional no Rio de Janeiro. E o primeiro n.º da revista *Rota do Sol*, em janeiro de 1994, com roteiro de Aucides Bezerra e desenhos de Gilvan Lira e Luiz Elson.

Também coerente, do ponto de vista da sucessividade dos fatos, foi a revista de edição única *Estamos Aqui Por Vocação*, de 1973, produzida por Anchieta Fernandes e Emanoel C. Amaral, e que contou a história de algumas das indústrias têxteis da cidade, em uma dinâmica versão conduzida pelo personagem "Retalhino". O jornalista Cassiano Arruda deu também o seu pitaco na elaboração dessa revista, que foi encartada em junho de 1973 na revista *Veja*.

b) personagens

Um trabalho também bastante constante dos desenhistas e roteiristas que têm continuado a atuar, em nome do Grupehq, é o de biografar em quadrinhos personagens históricos. A maioria com passagens de sua vida ocorridas em Natal. São os casos das quadrinizações:

1) *Câmara Cascudo*, livrinho com roteiro de Anchieta Fernandes, desenho de João Antônio e Aucides, e edição em agosto de 1975 por José Luiz Silva, via Edições Folk.

2) *Auta de Souza*, livrinho produzido em outubro de 1993 por Grupehq Produções para a série *Personagens Históricos de Macaíba*, da Fundação de Cultura e Meio Ambiente, da Prefeitura de Macaíba.

3) *Alberto Maranhão*, edição lançada em março de 1994, para comemorar os 90 anos do Teatro Alberto Maranhão, com texto e arte-final de Aucides Bezerra e desenhos de Luiz Elson.

4) Em 1997, por ocasião do 180º aniversário da Revolução de 1817, os artistas do Grupehq produziram uma biografia em quadrinhos de André de Albuquerque, tão importante historicamente para Natal que seu nome patrocina a principal praça da cidade.

5) No suplemento *O Cascudinho*, do jornal *Diário de Natal* (suplemento publicado pelo Grupehq) foram biografados em quadrinhos: Henrique Castriciano, Isabel Gondim, Câmara Cascudo e Edgar Barbosa.

6) Além de personagens históricos da cidade, de naturalidade norte-rio-grandense, uma biografia quadrinizada também pode-se registrar: quando da realização em Natal, em outubro de 1991, do XII Congresso Eucarístico Nacional, os desenhistas Adrovando e Emanoel publicaram, através de Incap Gráfica, uma biografia do papa João Paulo II, que visitou Natal justamente para participar deste congresso eucarístico, marcando então um dos grandes acontecimentos religiosos da capital do RN.

O que é negativo em algumas dessas biografias quadrinizadas, é que os desenhistas, por vezes hesitantes entre o traço fotográfico e o caricaturado, terminam por fazerem tão diferentes os personagens, no quadrinho, da personalidade real, que somente com muita boa vontade quem a conhece, ao vivo ou em fotografia, a vê nos quadrinhos. Parece que estas biografias quadrinizadas são produzidas muito apressadamente.

c) publicidade

As histórias em quadrinhos, ao longo de sua caminhada histórica de séculos, têm cumprido diversas finalidades: divertir, ilustrar fatos históricos (como os já mencionados na letra a) e lições curriculares, iniciar novos caminhos para a arte do desenho, vender ideologias (políticas, religiosas) e, também, vender produtos e serviços comerciais. É sabido que a partir dos anos 20, as estórias em quadrinhos influenciaram o estilo do poster publicitário, fazendo despertar a imaginação criadora de cartazistas geniais como os franceses Charles Loupot e Cassandre (Jean-Marie Moreau).

Empresas industriais e comerciais passaram a empregar a linguagem quadrinizada, na veiculação de qualidades e efeitos de produtos e serviços que são ofertados ao público consumidor. Os super-heróis tiveram suas duplicatas publicitárias.

Como na década passada, o primeiro super-herói publicitário natalense, o *Galux*, de Galvão Mesquita/Casa Lux, criado em 1980 pela dupla Everaldo Gomes/Marcelo Mariz em trabalho para a Dumbo Publicidade, e que era bem parecido com o *Capitão América*. Sob o aspecto da autenticidade regional, foram mais válidos os personagens de uma bem bolada série que a agência Critério fez em 1977 para a firma a Sertaneja, lançando-a nas páginas do jornal *O Poti*. Lia-se/via-se então a dinâmica luta entre o *Consumidor* associado à "A Sertaneja" contra *Dona Carestia*. Envolvia o fantástico da literatura de cordel a partir do momento em que um cacto vira gente, vira herói, o *Super Cactus*, tudo terminando em um clima de magia gráfica na transformação do cacto/símbolo de "A Sertaneja" em super-herói, aparecendo no sonho do garoto em Noite de Natal, e então *Dona Pechincha* encontra em "A Sertaneja" um mundo de brinquedos e outros presentes, baratos.

d) campanhas políticas

Sob o ponto de vista do uso criativo da linguagem/quadrinhos, estas estórias publicitárias do comércio natalense foram mais eficazes que o que foi feito pelos partidos políticos nas campanhas feitas em Natal. Tanto o folheto de 1981, fazendo a campanha de filiação do Partido dos Trabalhadores (PT), como o de 1988, contando a vida de Henrique Eduar

do Alves e propagando a sua candidatura a Prefeito de Natal; ou os do ano de 1922, fazendo a campanha do mesmo PT e do Partido Humanista para levar seus candidatos aos cargos de Prefeito, Vice-prefeito e vereadores de Natal falharam. Falharam estes folhetos em quadrinhos porque, dentre outros motivos, não usaram uma linguagem de quadrinhos com criatividade renovadora (como deveria ter sido, de acordo com as propostas de renovação política intencionada).

e) ficção científica

Desde a fundação do Grupehq, em maio de 1971, que o desenhista Luís Pinheiro, tanto na revista *Gibi-Notícias*, como no suplemento *Quadrinhos*, do jornal *O Poti*, publicou a série com o personagem *Tenente Wilson*, um oficial da aeronáutica vivenciando, a partir de uma Natal futurística, incríveis aventuras no espaço sideral. Com um traço sofrendo leves influências de Alex Raymond (*Flash Gordon*) e Esteban Maroto (*Cinco Por Infinitus*) o quadrinho cienci-ficcional de Luís Pinheiro foi razoável. Merecendo apenas a crítica (se o merecer) de que ele, pela própria idade que tinha quando desenhou a saga do *Tenente Wilson* em Natal (13 anos), não soube humanizar melhor o herói, libertando-o da escravidão à máquina, não colocando uma possibilidade humana de ambiente humano e concreto, sem tanto delírio. A Natal real (mesmo a de uma suposta em futuro longínquo) pouco aparece nas aventuras.

O mesmo acontecendo com o herói *Asa Tisk*, que o desenhista Carlos Alberto de Oliveira lançou na revista *Epopéia Potiguar* em 1983, fazendo-o defensor de uma Natal irreconhecível. Em uma entrevista, o próprio Carlos Alberto revelou-se influenciado pelo roteirista norte-americano Stan Lee.

f) humor futebolístico

Esta Natal real pode-se sentir nas charges que o desenhista Edmar Viana criou, em parceria com Everaldo Lopes, na coluna *Cartão Amarelo*, primeiro no *Diário de Natal/O Poti*, depois na *Tribuna do Norte*; muitas das suas charges em quadrinhos, algumas inesquecíveis, foram centradas nas reações dos torcedores em momentos do clássico ABC x América.

g) poema em quadrinhos

Dos poetas/processo do Rio Grande do Norte, o que melhor utiliza a linguagem dos quadrinhos em seus poemas é Falves Silva. Um dos seus poemas nessa linguagem foi o que Manoel Onofre Júnior incluiu na antologia publicada recentemente *Poesia Viva de Natal* (Capitania das Artes/Nordestal Editora). O próprio Falves explicou o seu poema visual quadrinizado, onde a espera feliz por um Natal em Natal e a mensagem chavão "próspero Ano Novo" são contraditadas pelo brotar ameaçador de uma megalópole diante da calma do rio Potengi; e pelos estigmas da fome e violência e exploração econômica. Por isso que a criança faminta, e de olhar triste, tem a acompanhá-la um ponto de interrogação, uma pergunta que poderia ser: qual será o novo milênio da criança faminta, dos nossos suicidas urbanos, da calma do Potengi sofrendo a ameaça dos espigões, e da multiplicação da supervalorização do dinheiro? Na leitura, a diferença entre a constelação superposicional sobre-roteirística de imagem e as confusas imagens dos pretensos quadrinhos históricos referidos no início do artigo, é que o poema/quadrinhos tem mesmo a função de ideograma e não de sucessividade linear necessária ao quadrinho narrativo comum.

Talvez como um consolo às imagens fortes do quadrinho/poema de Falves, gostaria de fazer uma sugestão: que os nossos desenhistas de estórias em quadrinhos se voltem mais para um trabalho de versões quadrinizadas de obras de nossos escritores de ficção que situam seus enredos em Natal e no tema do aniversário da cidade. Seria, por exemplo, inesgotável, uma série que se criasse a partir de todos aqueles pequenos seres animais e suas poéticas aventuras visualizadas por Câmara Cascudo em um *canto de muro* natalense. E aquele *Gajeiro Curió* que se perdeu num fandango natalense, e foi reencontrado no texto de Newton Navarro? Aqueles jovens curtidores do romance *Gestos Mecânicos*, de Rubem G. Nunes? A humanização lírica dos habitantes das Rocas em *Cabra das Rocas*, de Homero Homem? As belíssimas lendas dos contos do livro *Sinos de Natal*, de Stella Wanderley?

Tudo isso poderia revigorar a compreensão de nossa cidade, e reintensificar a força da linguagem de nossa literatura em uma nova dimensão lingüística – a da captação visual em sucessividade narrativa. Desenhistas brasileiros e internacionais já fizeram trabalhos muito bons nesse sentido, adaptando em quadrinhos grandes clássicos da literatura.

Anchieta Fernandes, norte-rio-grandense, é pesquisador e roteirista de histórias em quadrinhos. É um dos fundadores do Grupehq.

BARTOLOMEU CORREIA DE MELO

Lugar de estórias, lugar de estilo

Hildeberto Barbosa Filho

Contar casos, narrar estórias, caracterizar tipos, descrever situações inusitadas podem constituir algo cediço para a criação literária.

A bem da verdade, a tradição regionalista (e entenda-se o termo sem o viés muitas vezes polêmico que muitos lhe imprimem), parece ter esgotado o repertório daquilo que o filósofo Henry Bergson identifica como a "função fabuladora", peculiar à fantasia humana. Tudo leva a crer, portanto, que a vertente regionalista da literatura exige, uma vez que quase impossível no tocante ao espectro temático, renovação sobretudo nos espaços da linguagem ou nos aspectos narrativos.

Bartolomeu realiza uma particular e inventiva estilização do falar regional nordestino

Escritores como José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Mário Palmério, José Cândido de Carvalho, Eulício Farias de Lacerda e Francisco J. C. Dantas, entre outros, revelam-se, até certo ponto, pressionados pelas solicitações de inovação e aprimoramento no terreno da técnica de composição e do estilo.

Não é outro, me parece, o compromisso do escritor potiguar B..tolomeu Correia de Melo, com *Lugar de estórias* (contos), seu livro de estréia, publicado pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1998, e Prêmio Joaquim Cardoso da União Brasileira de Escritores, em 1997.

No Conto *dois vinténs de ...va*, diz o narrador: "(...) somente velhos e crianças juntos entendem a doçura do antigo era-uma-vez".

Ora, é precisamente esta doçura antiga, não propriamente da substância vívida dos *causos*, mas fundamentalmente da maneira de narrá-los, isto é, do modo singular e saboroso de modelar a frase, de fazer estética e significativa a linguagem, que Bartolomeu Correia de Melo recupera nos meandros de sua escritura literária.

Diria que o autor de *Lugar de estórias* realiza uma particular e inventiva estilização do falar regional nordestino, atento a todos os elementos da estrutura lingüística, ou seja, os elementos lexicais, acústicos, morfo-sintáticos e semânticos, retrabalhados em sua combinação discursiva de modo que a língua, isto é, a componente idiomática, tende, a cada página, a resultar viva e poética.

Logo no primeiro conto, *Ai Jesus!*, a tópica da moça-velha, beata e solteirona se reveste de descrições que retrartam o desenrolar do enredo, favorece, no entanto, o prazer da apreciação vocabular e fraseológica um tanto quanto original, pesar de cristalizada na mais autêntica tradição oral da narrativa.

Ao traçar o retrato da personagem, assinala o narrador:

Na alvura sadia do rosto, alguma beleza restante. Bonança do olhar clareando o sorriso fácil, mais jovem que ela. Falava sempre adequado, sem alarde nem ranço de caduquice, mesmo debaixo daquela moqueira. Seus gestos surgiam brandos, como enfeitando o doce da voz. Isso, devido à fineza bem-nascida da nobre compostura. Mas também, embora em parte, pela asma renitente que lhe desalentava o peito. (...) Chamava-se Josefina.

Ainda no mesmo conto, depara-se (o que ocorre tantas vezes em outras passagens de outras estórias), a prosa se transformando em poesia: "Silêncio

virando solidão, que virou mais saudade, que virou tristeza; que de tudo vira então..."

Aos casos de rezas fortes, superstições, assombrações, matreirices, valentias, uns apelando para o lúdico e o realismo, outros para o grotesco e o fantástico, associam-se os tipos populares que descortinam, com suas peripécias características de anti-heróis, o fundo psicológico e o imaginário de uma comunidade ainda não tocada pelo peso do progresso e da urbanização.

Neste sentido, a qualidade literária dos contos de Bartolomeu Correia de Melo se alarga para absorver um resíduo antropológico que tende, para além do valor estético, a se firmar no seu valor também documental. Assim constitui-se enquanto obra artística, sobremodo pelo perfil estilístico que ostenta,, mas também obra de força sociológica, pelos aspectos rurais, folclóricos e primitivos aproveitados na elaboração do universo ficcional.

Observando-se bem, os enredos parecem simplesmente exemplificar o saber (e por que não o sabor?) das categorias nomeadas por Andres Jolles de "formas simples". A cada estória parece corresponder, enquanto estrutura originária, um provérbio, um dito popular, um apotegma qualquer, eivado de vasta e inevitável sabedoria. Aliás, o que não falta na literatura regionalista. Aliás, o que parece lógico e inegável nas relações entre o erudito e o popular, espaço também onde se cruzam as pequenas fábulas desse *Lugar de estórias.*

Contudo, ainda insisto, o vigor pessoal da prosa do escritor norte-rio-grandense não parece residir no conteúdo, por mais curiosas que sejam as situações narradas. O vigor pessoal, a força estética, a componente literária propriamente dita estão na linguagem e no estilo, ainda que a modéstia do autor o queira defender dessa justa e merecida glória, conforme sinalizam suas próprias palavras, em discurso pronunciado na União Brasileira de Escritores:

Assim não me arvoro. Quem nasce artesão não morre artista. Meus toscos escritos não escondem mensagens, apenas contam. Não mostram beletrices, apenas contam. Não revoejam metafísicas nem reúnem filosofias, apenasmente contam. Tudinho estórias do meu lugar, nos falares da minha gente; quase nada restando de minha real pertença.

Hildeberto Barbosa Filho, paraibano, é poeta e crítico literário. Escreveu, entre outros, *Caligrafia das Léguas.*

José Mauro do povo

Brasigóis Felício

Uma das coisas de que me arrependo, em minha fase de xerife e guardião de cemitério da literatura, foi a de ter atacado com adjetivos de artilharia pesada, a obra de José Mauro de Vasconcelos. As uvas estavam verdes, e em minha arrogante e insuficiente presunção, achava que todos os que fazem literatura devem ser gênios, e escrever como Joyce. José Mauro, amigo de Bariani Ortêncio, chegou a incomodar-se com as ferinas críticas que recebia do implume literato de província em começo de carreira. Soube que perguntou ao Bariani: "Quem é este Brasigóis?". Eu era apenas uma garoto que também amava os Beatles e os Rolling Stones, e não sabia ainda que obras imortais da literatura podem ser simples e ingênuas. Mesmo hoje não o vejo nas cumeadas canônicas da literatura brasileira, mas respeito o lirismo e a popularidade de suas obras, que despertaram milhões de pessoas para o prazer de mergulhar na fascinante universo da vida feita literatura.

Quem foi este Zé Mauro, cujas obras muitos não leram e das quais não gostaram, por vaidosura e preconceito? Filho de pai sapateiro e mãe lavadeira de roupa, foi criado por um médico, em Natal. Dotado de físico de atleta, e de espírito olímpico, lá foi campeão de remo e natação. Acossado pela angústia da rejeição, segundo relata Luís G.M. Bezerra, seu grande amigo, que tem todas as suas obras com afetivas dedicatórias. Solitário, sempre, só se dava bem, em Natal, com dois ou três amigos, colegas de jogos e estudos no Colégio Marista. A esses amigos foi dedicado e leal até o fim de seus dias de sobrevivente de uma trombose que o deixou inválido, por vários meses, reduzido a uma vida vegetativa. Foi um dos escritores brasileiros que mais ganhou dinheiro. Enganado por seu advogado, morreu pobre e só.

Em Natal, depois de vencer campeonatos de remo e natação, buscando um sentido para a vida, com a angústia da rejeição, fez-se aventureiro. Por achar que "navegar é preciso, viver não é preciso", abandonou o curso de medicina e foi ser marinheiro, como um Joseph Conrad dos trópicos.

O escritor José Mauro de Vasconcelos conseguiu vender mais de 160 mil exemplares de *Meu pé de laranja lima* na Argentina, ao longo de doze edições. Outros livros seus foram recordes de vende no Brasil

Na França chegou a estudar por dois anos e meio na Sorbonne. Mas a fogueira das vaidades da pacata vidinha acadêmica não tinha nada a ver com a vida aventureira, que tanto amava, e que acabou levando-o a ser amigo e protetor de índios e ribeirinhos, nas barrancas do Araguaia. O lendário Beero-kan deu-lhe inspiração para escrever *Kuriala* e *Rosinha minha canoa*. Para escrever seus livros foi conhecer o vasto mundo garimpeiro. Para escrever *Barro Blanco* foi trabalhar nas salinas, em Mossoró. Foi ator de cinema e telenovela. Quando visitava Natal não se hospedava em hotéis e recusava a hospitalidade dos raros amigos. Como tinha problemas de coluna, preferia dormir sobre a mesa do consultório de um médico seu amigo. Mesa que - enfatiza Luiz M. Bezerra - não dispensava, mesmo quando tinha companhia feminina, o que era raro, tendo em vista sua conhecida misantropia e rejeição ao "próximo", que para ele só era interessante quando estava bem distante.

A vida errante e aventureira de José Mauro chega a lembrar a existência aventureira de Jack London. Luiz M. Bezerra mostra-me com orgulho, um exemplar da edição argentina *Meu pé de laranja lima*, que saiu por lá em doze edições de 160 mil exemplares cada. Um milhão 600 mil exemplares vendidos, lidos e amados, tudo em tomo da figura ingênua, lírica e traquinas do menino Zezé, que de certo modo antecipou o mega-sucesso de Ziraldo, *O menino maluquinho*. Cansado de guerra e de navegar sem rumo certo, em busca de algo (ou alguém) que não existe, para escrever sobre o povo foi ser operário em uma fábrica em Bangu. Prometeu escrever um romance sobre o sofrimento da vida operária, mas não chegou a fazê-lo. Era arredio, e de temperamento imprevisível. Um amigo o convidava para um jantar, e ele perguntava: "Fulano vai estar presente?". Sim, respondia o convidante. "Então eu não vou". E não ia mesmo. Até adoecer gravemente, José Mauro fez do Araguaia sua Pasárgada – a terceira margem de sua vida angustiada, errante e solitária. Agora entendo o profundo sentido de uma frase de Goethe, que colocou como epígrafe, em um de seus livros: "Sou o que sou. Podem não gostar de minha face, mas não poderão mudá-la".

Brasigóis Felício, goiano, é jornalista e cronista. Escreveu, entre outros, *Viver é devagar*, crônicas.

Racine Santos

Poeta, dramaturgo, Racine Santos busca no soneto novas possibilidades de expressão da vida sertaneja, suas agruras, seus estigmas, mas também sua magia, sob tantos aspectos revelados na forma fixa dos poemas: um vaqueiro que é prisioneiro de um sonho; a cobra-coral, "emblema do pecado e danação"; "um sol que corta feito faca"; "um vento que reza benditos"; "um boi de prata que incendeia o sertão". São elementos que hoje estão incorporados à estética armorial mas que, independentemente desse rótulo, alimentam há séculos o imaginário sertanejo, captado nestes cinco sonetos.

O Vaqueiro

Ostentando no peito sertanejo
Velha cota de couro cravejada
De prata, sufocava triste arpejo
dilacerando sua alma alforjada.

¨ que um sonho o trazia em cativeiro:
Jovem dama senhora das fazendas
E dos campos onde ele era o vaqueiro
Incansável na lida e nas contendas.

Aclamado era em gesta e vaquejada
Das caatingas seus cardos não sentia
Atrás do barbatão, rês tresmalhada.

Somente um dardo frio lhe atingia:
Se a dama olhava o mundo da alpendrada
Apenas o vaqueiro ela não via.

O Vaqueiro II

Pelo sol com suas facas, fustigado
De perneiras, peitoril e gibão
O vaqueiro vivia no sertão
A tanger seu destino e alheio gado

O aboio revelava triste fado
Conduzindo boiadas vida afora
Só pensava na dama, na senhora
Que o trazia cativo e torturado

Cavalgava banhado em claridade
Mas com o peito ferido e enclausurado
De quem vive perdido em soledade

Dolorosa era a sina do Encourado
Nas rédeas do cavalo a liberdade
No peito um coração todo ensombrado

As Cobras-Corais

As corais no sertão pardo e moreno
são guardiães da caatinga agoniada
sobre o dorso uma véstia avermelhada
dando cores alegres ao veneno.

Enfeitando com anéis a Indesejada
brilham ao sol como um perigoso aceno
convidando os mortais para o terreno
das traições, da vingança e da emboscada.

Emblemas do pecado e danação
são rubis da mais funda das jazidas
que Cérbero vigia. No sertão

espalham sofrimento a cada corte
quais punhais contorcidos que têm vida
vão tentando mudar a cor da morte.

As Pedras do Seridó

As pedras deste reino ensolarado
Recortando a paisagem sertaneja
Erguem-se como torres de um sobrado
Aonde segredos vivem e a luz sobeja

Minaretes de sonhos, catedrais
Ameias de castelos encantados
Ali moram dragões, vivem jograis
Princesas, cascavéis, reis degolados

Altares pelo sangue consagrados
Às lendas, orações, choros e gritos
Que envolvem de mistérios os lajeados

Em torno os gaviões celebram ritos
O Encoberto vê o sonho edificado
E o vento reza à noite seus benditos

Boi-de-reis

(Para Augusto Ribeiro Jr.)

Este sol que me corta feito facas
De repente acendeu novas fogueiras
Vi então as chamas rubras, passageiras
Puxando sons de sinos e matracas

O silêncio foi quebrado no instante
Em que corre um boi de prata na estrada
Que parecia uma barca incendiada
Tangida pelo aboio de um brincante

E a passagem dos estranhos viajantes
Deixou toda a paisagem em convulsão
Erguendo em transe bandeiras triunfantes

Causava estranhamento a procissão
Que no chapéu de espelhos dos galantes
Refletia as mil faces do sertão

Um apetite para as letras

Nelson Patriota

Foto: João Vital

Jardelino de Lucena reúne em seu livro receitas de sopas consagradas por povos, épocas e países diferentes, e seus respectivos acompanhamentos

A que gênero pertence o livro *Sopa é sopa*, que o professor Jardelino de Lucena Filho lançou no último dia 9, num restaurante da cidade, em meio a uma grande degustação de sopas e seus acompanhamentos, e que atraiu um público recorde em lançamentos recentes? Uma hipótese é que se enquadra no gênero tipo "sociologia da comida", numa das ramificações da moderna Historia das Mentalidades, colocada na moda pelos historiadores franceses da Escola dos Anais. Mesmo porque *Sopa é sopa* vai além de um manual voltado à vida prática, desses que as donas de casa gostam de ter à mão, a fim de manuseá-los para dar uma pitada de requinte ou novidade à mesa doméstica, haja vista que, diferentemente dos seus congêneres, se apresenta recheado de excertos da literatura clássica internacional e brasileira, como a dizer que o seu Autor, antes de se constituir um *gourmand*, fez escola para *gourmet* nas boas letras. A homenagem que presta a Luís da Câmara Cascudo, "o primeiro historiador da alimentação no Brasil" é esclarecedora de suas intenções que extrapolam, nitidamente, os limites de um mero manual de culinária! E aí é possível que o sociólogo Jardelino de Lucena tenha precedência sobre o degustador de pratos refinados que ele se revelou ser desde quando há um década publicou, entre um ciclo restrito de amigos *Seleção de Receitas*, obra esgotada em que ensinava como preparar pratos de faisão, pato, e bacalhau! Um toque de humor desculparia o sociólogo desse ato claramente provocativo às nossas socialites. Sem falar que, ao se decidir por escrever um receituário de sopas, daqui e de alhures, fez pesquisas de campo em pelo menos dois continentes.

Mas o comecinho de tudo foi na infância. Jardelino lembra que foi, *sempre*, um menino curioso. "Ficava olhando minha mãe preparando os alimentos para levar ao fogo, as combinações e as seqüências com que determinados alimentos eram levados ao fogo ou ao forno.", conta.

Esse aprendizado doméstico foi enriquecido e posto em prático, mais tarde, no bar e restaurante *O Tabuleiro da Baiana*, cujo proprietário era o seu pai, e que, curiosamente, nada devia à culinária baiana. O nome não passava de uma homenagem à música homônima de Dorival Caymmi que, na época, estourara nas paradas das rádios na voz de Carmen Miranda.

Sociólogo em formação em Louvain, Bélgica, no início dos anos 60, recém-casado, Jardelino encontrou uma Europa ainda às voltas com as seqüelas deixadas pela guerra. E, ao contrário da Europa de hoje, superabundante em grãos, laticínios, etc., o Velho Continente padecia de uma crise que se expressava na escassa variedade de alimentos. Seu aprendizado culinário sofreu, portanto, diante desse obstáculo circunstancial. Por outro lado, foi um desafio que o sociólogo aceitaria de pronto, aprendendo a lidar com a economia da escassez e a maximizar seus resultados.

Preparar determinados pratos requeria um esforço especial de pesquisa no complexo mercado europeu. O feijão era adquirido na Antuérpia, do Japão chegavam caranguejos, camarões da Indonésia, chucrute na Alemanha...

O certo é que seu novo lar em Louvain logo tornou-se um ponto de encontro de brasileiros exilados. Todos ali chegados por compartilharem o mesmo drama da extraterritorialidade involuntária. E a cozinha tão brasileira quanto internacional que era oferecida à mesa de Jardelino vinha mitigar um pouco as carências de cheiros e paladares nacionais que impunha o exílio. "Quando cheguei a Louvain houve uma explosão na brasileiros na cidade por causa da Revolução. O grupo de brasileiros passou de oito para 115. Eu morava no centro da cidade, e recebia muito; minha casa passou a ser quase um consulado brasileiro". Entre os hóspedes, ele lembra o professor Hanna Safieh e sua esposa Jacira Gondim, que mais tarde ensinariam na UFRN química e sociologia, respectivamente; o padre João Medeiros Filho, de Caicó, os sociólogos Lúcio Kovarick e Augusto Guillon, a filósosa Andrea Lopraric, entre outros.

Com o know-how adquirido na Europa no decorrer de dois anos e meio de estudos acadêmicos e experiências culinárias, e mais aquele que levara do Brasil, Jardelino de Lucena passou a praticar com mais desenvoltura a alta cozinha. Nos anos em que esteve à frente do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN ele recorda que trazia muita gente de fora para a casa de praia de Jenipabu. Eram professores, palestrantes, pesquisadores que vinham participar de eventos como "A Semana Nacional do Negro", Congresso Nacional de Inglês", "Seminário de Língua Francesa", etc. Os eventos acadêmicos davam lugar a eventos gustativos à noite, em Jenipabu. E não faltaram os modismos culinários. "Teve a semana do vatapá, outra do caruru, teve a época do cozido, do churrasco...".

Nesse quase meio século de experiências com ervas finas, essências, especiarias, raras ou não, alimentos tradicionais aprendidas no Tabuleiro da Baiana do velho Jardelino de Lucena, pai, passando pela escola dos bares madrugadores da Ribeira e da velha Tenda do Cigano enveredando

Fotos: João Vital

A combinação de lugumes e especiarias inspirou as mais diversas fórmulas de sopas - sólidas, líquidas, consomées, etc., algumas, inclusive, enriquecidas de propriedades afrodisíacas, simpatias, e outras.

pelas criações irresistíveis de um Paul Bocuse e sua Nouvelle Cuisine, das tartines à moda Bassoleil, das criações autorizadas pelo saber conscienciosо do *gourmet*, Jardelino de Lucena já poderia ter escrito mais e sob mais variados temas culinários.

Principalmente, quando a culinária se apresenta revestida de boa literatura, resultando em uma espécie de compêndio da sociologia da comida. Esaú troca o direito de progenitura com seu esperto irmão Jacó por um prato de lentilhas. A citação é bíblica, e aparece, com detalhes, no preâmbulo à receita inaugural de *Sopa é sopa* - que é a Sopa de Lentilhas Vermelhas. Extra texto, comenta: "Daí que desde aquela época há tantos judeus chamados Jacó e tão poucos Esaús."

Além de suas propriedades nutritivas e de fácil cozimento, a Sopa de Lentilhas para o Ano Novo tem um atrativo extra para quem aprecia simpatias: é prenunciadora de sorte e prosperidade, ensina o autor.

Entre sopas típicas da cozinha internacional e aquelas de cor local, entrepõem-se as sopas de grãos, sopas cremes e consommés, caldos brodos, canjas e sopas sólidas, sopas de peixes e de frutos do mar e as sopas dietéticas. Estas últimas, aliás, em número reduzido, se comparadas às demais. Não devem constituir material de interesse do autor, com certeza.

E como a gastronomia também fala de perto à curiosidade humana, avultam exemplos disso. Como um inevitável "consommé afrodisíaco" - originário da Grécia, claro. E se perguntado se crê nos efeitos afrodisíacos dos alimentos, ele lembra que a literatura está repleta de afirmativas a tal respeito. Como, por exemplo, a fórmula consagrada pela Universidade de Palermo: "Consumi gengibre até uma idade avançada e amareis e sereis amados como na juventude". Aristófanes, o comediante grego que ousou gracejar com Sócrates, já apontava as qualidades afrodisíacas do açafrão. A própria Bíblia faz eco a Aristófanes quando compara, nos Cantares de Salomão, a amada a um campo de açafrão, ensina. "A história dos afrodisíacos é tão velha quanto a humanidade. O cravo, a noz moscada e o açafrão e, praticamente, todos os temperos sempre tiveram a reputação de incentivar o paladar e o desejo". Outras curiosidades são a "sopa de feijão embriagado"(Brasil); a "sopa de pedra" (Portugal); a "sopa de rabada" (Brasil), etc.

A memória gustativa dos natalenses não pode deixar de festejar o resgate das fórmulas de duas sopas que marcaram época num passado recente: o Caldo a Cavalo, da Tenda do Cigano, e o Caldo de Cabeça de Peixe, da Peixada Potengi, detalhes que não passaram despercebidos à perspicácia do jornalista-gourmet Vicente Serejo, que prefacia a obra.

Creio com tais contribuições à memória natalense, na passagem dos seus 400 anos de nascimento da cidade (e principalmente ao seu paladar) Jardelino de Lucena Filho fecha um círculo ligando sociologia e gastronomia, aprofundando similaridades que antes eram apenas suspeitadas, mas que poucos ousaram trabalhá-las. A presença de um numeroso público ao lançamento de *Sopa é sopa* foi a melhor resposta que o autor poderia esperar num cenário otimista. E se confirmou.

Nelson Patriota é jornalista e sociólogo. Edita o jornal "O Galo".

Marinho versus Segundo

A Otacílio Lopes Cardoso

Segundo Wanderley vai ser estudado pelo modo porque aprendi a compreender a crítica, se é que a compreendi como me ensinaram os mestres.

Antonio Marinho
(Na primeira crítica da série sobre o poeta)

Reduziste-me a pó, atiraste-me para o arquivo das cousas insignificantes, abriste uma profunda cova à minha personalidade literária. Mas não forneceste, sequer um círio para guiar-me nos tenebrosos meandros da eternidade à sombria morada do inflexível Plutão.

Segundo Wanderley
(Na Carta Aberta publicada em *A Tribuna*)

Este estudo que é o único trabalho de crítica moderna aparecido entre nós inteiramente objetivo e feito sem nenhuma preocupação pessoal, custou-lhe [a Antonio Marinho] inúmeros desgostos e provocou-lhe enorme silêncio no meio natalense.

Henrique Castriciano
(no necrológio de Antônio Marinho publicado em *A Tribuna*)

Antonio Marinho realiza o primeiro trabalho de crítica literária moderna em Natal, segundo Henrique Castriciano

Críticas de Marinho fizeram Segundo Wanderley se sentir "atirado no arquivo das coisas insignificantes"

(Pequena história de um escândalo na Literatura Potiguar)

Tarcísio Gurgel

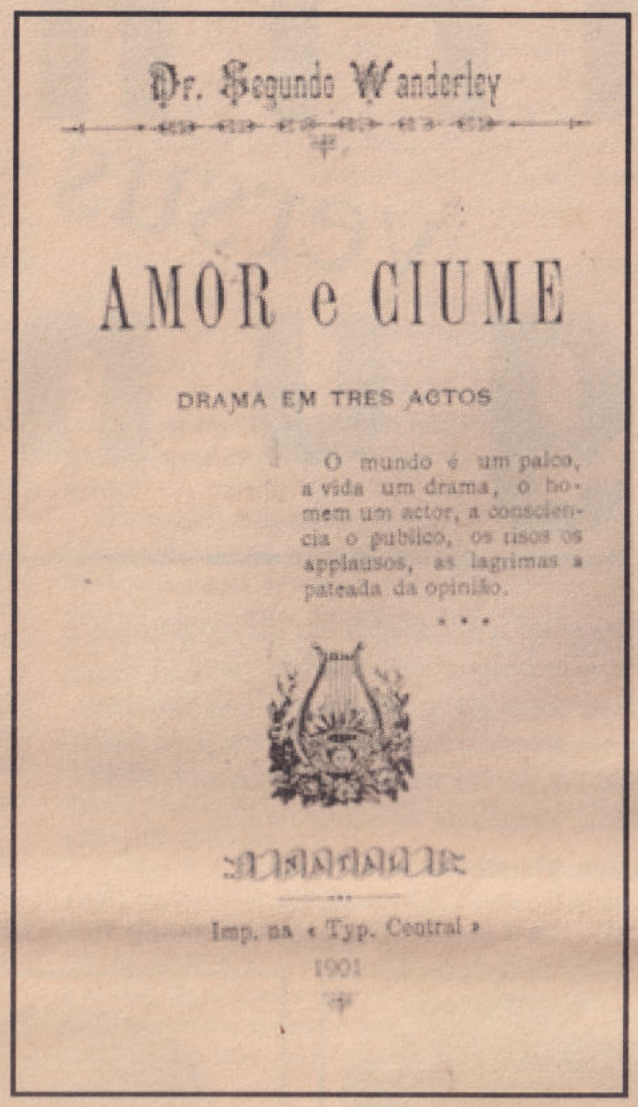
No ano de 1901 um escândalo abalou a sociedade literária norte-riograndense. Quem o provocou foi um talentoso rapaz, de quem hoje pouco se fala, mesmo entre os apreciadores da nossa poesia e da nossa prosa. O móvel, uma série de críticas, dirigidas a Segundo Wanderley, em três edições do jornal *A Tribuna*, pertencente a uma associação denominada Congresso Literário, de que ambos faziam parte. Ao contrário do já consagrado poeta, (Dr. Segundo, como era costumeiramente referido pela imprensa e reverenciado pela cidadezinha), Antonio Marinho não deixou livro publicado e isto também há de ter contribuído para o silêncio em torno de sua pessoa. Dele ficamos sabendo – sem qualquer intenção de trocadilho - quase sempre, segundo Henrique, segundo Cascudo, segundo Floriano Cavalcanti, segundo Veríssimo de Melo, segundo M. Rodrigues de Melo. Não que seja pouco. Mas, Antônio Marinho já merecia uma exegese mais demorada e crítica da sua participação na construção da literatura potiguar, com ênfase especial para tal episódio. E não porque se trate de um gênio que a província esqueceu. Mesmo entre as muitas contribuições que deixou em publicações como *A Tribuna*, de que foi um dos redatores, e em cujas páginas transcorreu o *affaire* a que nos referimos, mesmo aí podemos verificar os altos e baixos do seu talento de jovem inquieto e por vezes

ditório, como já notara Floriano Cavalcanti. Mas, bastaria o estudo crítico que realizou e fez publicar sobre o poeta e dramaturgo mais famoso da sua época, para consagrá-lo e justificar tal resgate.

Em razão da indignação causada entre os seus pares, não terá sido mera coincidência que tal episódio, descontada uma ou outra menção, a maior das quais se encontra no livro de estréia de Luís da Câmara Cascudo[1] tenha sido convenientemente recalcado da nossa vida literária. Afinal, o atingido era um poeta aureolado, competente administrador da sua glória e, detentor de atributos extremamente ponderáveis, no espaço provinciano: cidadão e médico boníssimos. Talvez por isto, ninguém desse notícia de onde eu poderia ler a série de críticas, afinal o fundamento deste trabalho. E estes artigos, eu simplesmente não conseguia encontrar. Nem a consabida generosidade do intelectual discreto que é Otacílio Lopes Cardoso foi suficiente para resolver tal problema. As três coleções de *A Tribuna*, em ótimo estado que me passou correspondiam aos anos de 87, 88 e 89, do século passado... Menos mal que contendo vários dos trabalhos de Marinho, foram importantes para delinear o seu perfil de intelectual e o período áureo da revista. Não era pouco. Mas não eram ainda as críticas. Sem desistir, conheci um novo bafejo da sorte porque logo na sequência, consegui xerocar de um exemplar da Revista da Academia da ANRL, pertencente ao pesquisador Cláudio Galvão, o famoso discurso de posse do acadêmico Floriano Cavalcanti, certamente o estudo ainda hoje mais importante sobre o crítico. E as costumeiras e preciosas informações de Cascudo. O resto era silêncio.

O acaso – e uma vez que ele existe, que surja (como surgiu) exatamente nestas circunstâncias - veio, afinal em meu socorro. Pois foi decerto ele que me levou um dia, já desanimado, ao Memorial Câmara Cascudo e, consultando o rico acervo de periódicos ali existente encontrei o que buscava. *Cascudo providebit*, como poderia ele próprio dizer bem humorado. Todo o conjunto de críticas da série "O Dr. Segundo Wanderley como Dramaturgo e como Poeta", publicada nas edições de 12 de junho, 07 e 24 de julho do ano de 1901, ali estava, em ótimo estado. Mas, havia mais. Uma "Carta Aberta" que o poeta fez publicar (escrita, como se de um jato, na data em que Marinho publicara o fecho da série e publicada na edição de 15 de agosto). E ainda: o pungente necrológio escrito por Henrique Castriciano, em edição que circulou no ano seguinte. Faz-se ouvir, então, a mais lúcida voz da cultura potiguar, amigo de ambos os contendores, que se refere aos fatos e às personagens, com a sua proverbial isenção. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. O irônico é que, na mesma edição em que é publicado o necrológio, esteja estampado na primeira página um soneto de fatura condoreira, onde Segundo homenageia, usando – por vezes abusando – do estro grandiloquente, de que jamais conseguiria livrar-se, o temerário aeronauta potiguar Augusto Severo, morto em uma explosão do balão com que se alçara aos céus de Paris. Título: "A Tragédia da Glória".

Com algum esforço pode-se calcular os efeitos de uma polêmica assim. Afinal, repetindo o que autores como os citados Henrique Castriciano e Luís da Câmara Cascudo tanto gostavam de fazer, não é difícil



Dr. Segundo Wanderley

AMOR e CIUME

DRAMA EM TRES ACTOS

O mundo é um palco, a vida um drama, o homem um actor, a consciencia o publico, os risos os applausos, as lagrimas a pateada da opinião.

* * *

Imp. na « Typ. Central »

1901

Antonio Marinho denuncia a "ingenuidade romântica e o moralismo" no drama "Amor e Ciúme", de Segundo Wanderley

imaginar que, mesmo com uma intensa vida cultural, sobretudo literária, dado o grande número de poetas, a cidade que contava apenas quinze mil habitantes, à época em que se deu o *affaire*, levava uma vidinha perfeitamente previsível. Feita de pequenos acontecimentos e episódios fortuitos, sobretudo no campo da boêmia, onde as disputas amigáveis de Itajubá e Gothardo Neto (cordão encarnado x cordão azul) ou o surgimento de algum novo pasquim, justificavam uma espécie de curiosidade vocacional que Câmara Cascudo registra no capítulo em que trata da vida literária em **História da Cidade do Natal**. Reinava, com administração bem mais visível que a anterior o segundo dos varões da família Albuquerque Maranhão, perfeitamente sintonizado com os intelectuais da terra, a ponto de cometer alguns escritos, assinando-se com o pitoresco pseudônimo Zeferino Arruda. E o alegre reinado de Lourival Açucena, feito de boêmia e alguma irreverência, cedera lugar à postura compenetrada do poeta condoreiro. Plastrom e pince-nez, solenidades em Palácio, vida morigerada, grandes vôos da imaginação.

Doutor Segundo: primeiro entre os pares

A República e a fama do poeta Segundo Wanderley chegaram praticamente juntos ao Rio Grande do Norte, pois foi justo no ano de 1889, que ele retornou da Bahia, onde havia se formado médico (tal como o pai, também egresso da faculdade ali existente, também poeta, também dramaturgo, além de importante político na administração provinciana). De franzina compleição, modos elegantes, discreto no vestir, acabaria tornando-se, de certa maneira, o braço lírico da oligarquia nascente. E ele, republicano convicto, encarnou – na boa tradição lírica castroalvina – a voz candente, pronta a verberar contra as injustiças, sem prejuízo dos galanteios em versos com que homenageava atrizes ou os panegíricos destinados a vultos políticos em evidência. Ou seja: ao tom épico necessário para consolidar o espetáculo republicano, ajuntavam-se as hipérboles de um poeta que chegava à pequenina Natal com a aura de doutor, trazendo na bagagem mais que o anel e uma tese sobre doenças tropicais. Também o acompanhava a fama resultante de ter dois livros publicados: **Estrelas Cadentes** (1883) e **Miragens e Prismas** (1887) e uma indiscutível notoriedade. [2], sobretudo se se leva em conta a pobreza mental da cidade. Mas, a presença de Segundo Wanderley e a disposição dos mentores da oligarquia (quase todos intelectuais), de infundirem uma consciência cultural que logo se multiplicaria em associações que exercitavam uma emulação fidalga e em cujos órgãos de imprensa se multiplicavam os poetas, dá bem a medida da importância que o mesmo viria a assumir.

Não se conhece no Estado, por isso, um outro exemplo de fama tão zelosamente cultivada e tão gigantesca, enquanto durou, como comprovam os testemunhos, o mais veemente sendo o do jovem Cascudo. E tanto mais que, no mesmo período estão presentes à cena cultural do Estado figuras reunidas pelo mesmo escritor naquele livro: Henrique Castriciano, Auta de Souza, Fereira Itajubá, Gothardo Neto, Ana Lima, tantos outros:

Entre todos os poetas, Manuel Segundo Wanderley foi o que possuiu maior soma de aplausos e de encômios. Recebeu manifestações, associações tiveram o seu nome, versos e livros eram arrebatados pelo público, ávido de tonitruâncias gárrulas do nosso condoreiro fora de tempo.

Sendo, certamente, o mais pretensioso dos ensaios publicados em **Alma Patrícia**[3] o seu autor avança, na direção do *leitmotiv* da polêmica famosa, quase sempre em sintonia com o crítico, embora tenha preferido, ao invés de uma análise mais profunda da série de artigos de Marinho, comentar criticamente tópicos da carta em que Segundo Wanderley se defende da crítica recebida. (A ambas as questões tornaremos adiante). Seja como for, através desse interessante trabalho é possível vislumbrar-se o brilho que cercava o poeta e que o crítico faz questão de ressaltar, retomando-o, aliás, quando sai a reedição das **Poesias**, (Natal, Tip. Galhardo, 55), como ajuda à família do poeta, que morrera empobrecido.

Além de Cascudo, a aura do poeta viria a entusiasmar outros intelectuais, já agora, no seu centenário. Um, em particular, demorou-se na pesquisa a seu respeito, ilustrando com ricos exemplos aquela fama. Foi o pesquisador Manuel Rodrigues de Melo, que, na condição de presidente da Academia Norte-lan-

Riograndense de Letras, dedicou-lhe uma série de comemorações, com palestras, concurso sobre a figura do poeta e sua obra e um número especial da revista, em que, ao lado de outros trabalhos, publicou o resultado de extensa pesquisa. Sem pretender enveredar pelo caminho crítico, tal como fizera Cascudo, o assuense empreendeu demorada busca na revista *Oásis* e na própria *A Tribuna*, para constatar de forma documental a permanente divulgação do nome daquele poeta. Que, porá em relevo também a outra faceta da sua atividade intelectual: a de homem de teatro. E sobre a repercussão da sua atividade enquanto dramaturgo, foi possível resgatar da revista famosa [4] verdadeiras preciosidades. Ao noticiar a encenação de "Alberto ou a Glória do Artista", por exemplo, o redator classifica-a de "produção corretíssima"; sobre "Brasileiros e Portugueses" dirá outra notícia, tratar-se de "aparatoso drama original", pois era, afinal, uma "inspirada produção do aplaudido dramaturgo e festejado poeta Dr. Segundo Wanderley". A propósito de "A Louca da Montanha" o jornal não é menos laudatório, considerando-a uma "soberba e arrebatadora produção do talentoso poeta norte-riograndense Dr. Segundo Wanderley".

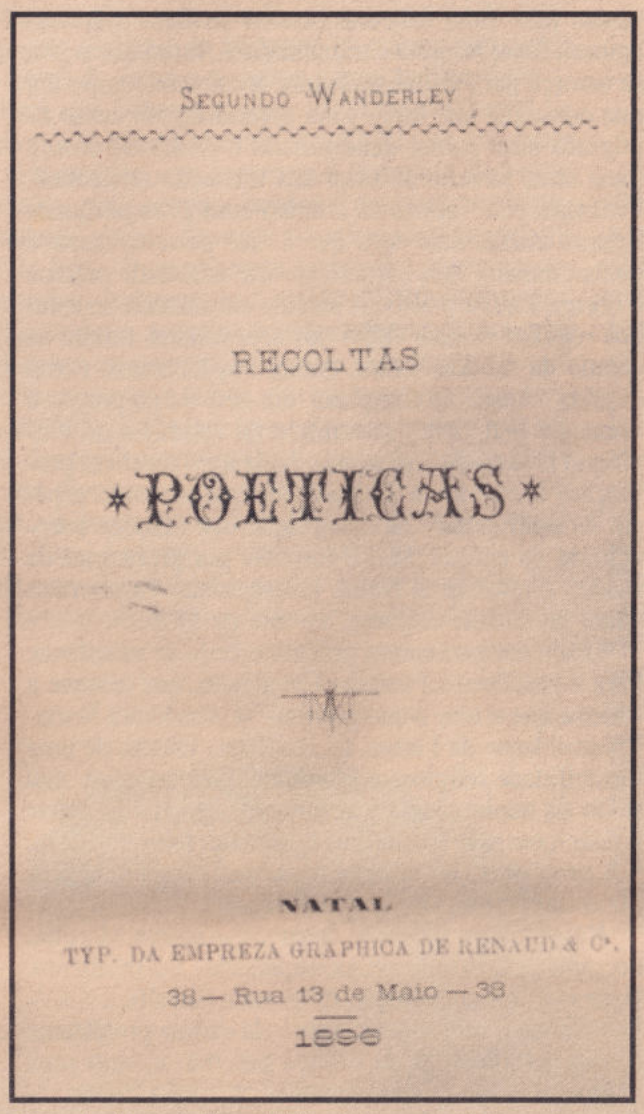
Em nenhum momento o pesquisador Rodrigues de Melo esconderá sua sincera admiração pela produção poética do autor de "O Poeta e a Fidalga", enfatizando inclusive a importância de uma copiosa genealogia, da qual ele, Segundo, seria o nome maior. E sobre tal posição de destaque transcreverá notícias relacionadas, sobretudo ao lançamento, em 1896, de **Recoltas Poéticas**: "(...) As "Recoltas" do Dr. Segundo não será, decerto, um livro de poesias inéditas, porque algumas delas já foram publicadas em periódicos desta capital, porém cremos que ainda assim a extração das "Recoltas" será rápida, como rápidas foram as das "Estrelas Cadentes" e das "Miragens", que difícil torna-se atualmente fazer-se aquisição de um exemplar daqueles primorosos livros que, com justo motivo, mereceram os aplausos do público e a opinião favorável de uma parte importante da imprensa do país".

Tamanha admiração que inundava as páginas da imprensa, produziria, inevitavelmente um exagero a que não estariam imunes outros ferrenhos admiradores da sua obra. A sobrinha Palmira Wanderley, por exemplo, poetisa de indiscutível importância na transição para a modernidade lírica potiguar, citando Nilo Pereira, em texto publicado por ocasião do centenário do poeta [5] narra o seguinte episódio:

"(...) que viajando [ele, Nilo] *sobre os nossos mares, mal começava a recitar "O Naufrágio do Vapor Bahia", no local em que ocorrera a tragédia e imediatamente, todos os companheiros de bordo, que se achavam na amurada do navio recitaram com ele. Eram passageiros de toda parte do Brasil, nacionalizando o nome do poeta."*

Aquele mesmo Rodrigues de Melo, no alentado estudo que publicou, não consegue disciplinar a sua condição de admirador do epígono de Castro Alves, lembrando:

"(...) Já houve quem fizesse o seguinte teste com a poesia condoreira de Castro Alves e Segundo Wanderley: na poesia do primeiro colocou o nome de Segundo; na poesia de Segundo colocou o nome de Castro Alves; em seguida perguntou ao contendor **(sic)** *qual é a melhor? Ao que o outro respondeu: a de Castro Alves, isto é, a que pertencia a Segundo Wanderley."*


SEGUNDO WANDERLEY

RECOLTAS

POETICAS

NATAL

TYP. DA EMPREZA GRAPHICA DE RENAUD & C.ª

38 — Rua 13 de Maio — 38

1896

O condoreirismo de Segundo Wanderley se manifesta em diversos poemas de *Recoltas Poéticas*

Essa, digamos assim, tecnologia condoreira de Segundo Wanderley capaz de socorrer a sua inesgotável inspiração o levaria, inevitavelmente ao proscênio cívico do Estado. Os comentadores da sua atuação na cena literária, ressaltando o já citado Cascudo, assinalam: não havia solenidade, tertúlia oficial, botafora de autoridade, que não tivesse o brilho de alguma produção da lavra desse poeta romântico. E ele, é claro, com a incrível disponibilidade do seu estro e a crença inabalável nos ideais republicanos, tinha sempre alguma produção especialmente preparada, para atender à solicitação. Veja-se, por exemplo, o comentário de M. Rodrigues de Melo:

"(...) Em 1897, a guerra de Canudos estava queimando. De Natal seguiu para o campo de batalha o 34º Batalhão, levando a contribuição norte-riograndense. O 'Oásis', no seu número 53, primeira página noticia o fato em todos os detalhes, dizendo em certa altura: 'falou seguidamente o cidadão M. Ferreira Itajubá' e após este subiu à tribuna o aplaudido e festejado poeta potiguar Dr. Segundo Wanderley que ao assomar ali foi saudado com uma salva de palma, recitando uma poesia ultra primorosa'".

Mesmo ponderando, corretamente, que a informação breve sobre Itajubá, devia-se em parte ao fato de que ele estava apenas começando, Rodrigues não deixa de assinalar a diferença de tratamento [6]. Tal postura não chega a surpreender, uma vez que Segundo tem todo o resultado do seu trabalho, bombasticamente repercutido na imprensa. A tonitruância dos seus versos, se confrontada com o romantismo ingênuo de Itajubá (mesmo que este fosse muito chegado a um discurso, tal como demonstra o registro jornalístico), causaria na bem pouco formada opinião pública do período, efeito análogo àquele que Luiz Costa Lima chamou de "cultura preponderantemente auditiva", ao estudar a repercussão dos sermões e da oratória bacharelesca em nossa cultura. Nada mais exato na observação do autor de **Dispersa Demanda** (Rio, Francisco Alves, 1981)[7], se considerarmos que uma sociedade praticamente ágrafa dificilmente resiste aos efeitos eletrizantes de uma boa metáfora, de uma pausa dramática, de um gesto denotador de mil dolorosas intenções de um orador/recitador competente. Dr. Segundo, parece não haver dúvidas, tinha, mesmo que intuitivamente, a perfeita noção disto. E nem é preciso lembrar suas inextirpáveis ligações com o teatro, porque a simples declamação dos seus fervorosos poemas deixava excitados corações e mentes natalenses.

Antes de encerrar-se o século, um episódio o liga, coincidentemente, a um importante símbolo da oratória nacional: Ruy Barbosa. Devidamente registrado pelo mesmo Rodrigues de Melo, nos ajuda a entender um pouco mais a sua fama. Trata-se – da repercussão na imprensa de um episódio policial, um espancamento de menores. Indignado, o civilista publica um candente artigo na capital da República, intitulado "Estigma Policial". A emoção indisfarçável de M. Rodrigues de Melo o leva a transcrever, na íntegra um soneto feito a propósito por Segundo Wanderley, onde este, verberando contra o agressor, utiliza-se de todos os clichês da poética à qual se filia. O policial é um "estúpido sicário", porque se faz, com o ato condenável, um "algoz boçal de tímidas crianças", tanto que "cospe lodo" "na fronte aureolada/ pela nívea coroa da candura". E culmina com uma imprecação, altissonante, tipicamente condoreira:

"Maldita lei! Covarde prepotência!
Que fere a mãe – na face do filhinho!
Que insulta o lar – no berço da inocência!"

Rodrigues informa que Rui, tomando conhecimento do soneto, o fez publicar no Rio, acompanhado de nota "(...) em que fazia rasgados elogios". O registro de tamanha repercussão, não faltaria igualmente a A Tribuna, em que colaboravam Segundo Wanderley e Antonio Marinho. O pesquisador transcreve o comentário da seção Pétite Chronique, assinado por certo Ypisilone:

"A Imprensa, *do Dr. Ruy Barbosa, transcreveu o belo soneto do nosso talentoso conterrâneo, Dr.*

gundo Wanderley, inspirado pelo brilhante artigo do notável jurisconsulto, intitulado "Estigma Policial", precedendo-o de conceitos altamente honrosos para o distinto poeta, tanto mais quanto, ao meu ver, o Dr. Segundo tem produções que se avantajam no mérito àquela que publicamos na edição de 27 de novembro último. Segundo Wanderley, bem que não seja um poeta moderno, é um poeta consumado, indiscutivelmente." (grifo nosso)

Certamente não dispondo da informação, o pesquisador M. Rodrigues de Melo deixa de dizer que o autor da nota, curiosamente assumindo o pedante francesismo do título e o ridículo pseudônimo, era Antonio Marinho. Aos vinte e um anos, e embora fazendo discreto coro aos elogios, já sinalizava com a postura que, em 1901, após haver morado no Norte e retornado à capital, haveria de adotar, em longo estudo, contra o anacronismo que fazia a fama de Segundo Wanderley, conforme é possível verificar no trecho que grifamos. Quando isto acontecer de fato, a vida literária da capital conhecerá o impacto de um abalo sísmico. Dar-se-á o confronto do novo com o velho, situação que mais cedo ou mais tarde haveria de ocorrer e a qual, o poeta, precocemente envelhecido, parecia intuir, já na advertência colocada na primeira reunião das suas poesias, no volume em que empreende a recolha da sua poesia até então:

Meis et Amicis

O Presente livro não é uma composição recente; é uma coleção de utopias velhas numa brochura nova. O seu título RECOLTAS POÉTICAS *é a justificativa desta proposição.*

Publicando-o sei que cometo um grave atentado contra a literatura moderna, mas a culpa não é minha, pois obedeço mais às reiteradas instâncias e amistosas solicitações de amigos intransigentes do que às sugestões estultas de uma pretensiosidade ridícula ou de uma fatuidade frívola.

Eis o meu bilhete de apresentação.

Segundo

O jovem audaz Antônio Marinho

É possível que, à época, muitos tenham alegado que o escândalo que, paradoxalmente, ligaria para sempre as figuras de Antônio Marinho e Segundo Wanderley, só aconteceu porque a elite cultural e política havia dado muita trela ao primeiro. Afinal, ele não era propriamente um bem nascido, sequer concluíra os preparatórios e, tal como o poeta Itajubá, tinha a mania de se meter onde não era chamado. De certo modo era assim mesmo. Basta ver o incrível malabarismo que teve de fazer para se sair bem da condição de arrimo de família, segundo escreveram Castriciano, Cascudo, Floriano Cavalcanti, uns poucos mais. Mas, disso não há dúvidas: com a sua inteligência, exercia um incrível fascínio sobre os conspícuos intelectuais do período. A família de que provinha, não tinha cabedais (como se dizia à época) embora fosse honesta e trabalhadora. Tanto que o pai, se esforça para tê-lo estudando, ao mesmo tempo em que consegue que inicie uma aprendizagem como tipógrafo num jornal denominado *Correio de Natal*, local onde haveria de fazer sua iniciação intelectual, facilitada pelo inevitável contato com as importantes figuras intelectuais com quem, aos poucos, travava conhecimento. Aos catorze anos a orfandade paterna o obriga a adiar possíveis sonhos em matéria de estudos regulares: mais velho dos seis irmãos, tornou-se arrimo da família. Entra, então, nos Correios, como estafeta. Antes de completar um ano de emprego é nomeado praticante, assumindo tal condição no longínquo Estado do Amazonas, onde logo receberá promoção, tornando-se amanuense (que era uma espécie de escriturário na designação das funções burocráticas da época). Mas é forçado, por problemas de saúde, a retornar a Natal, conseguindo ficar como adido na mesma empresa, no ano de 1896.

O seu temperamento polêmico cedo se manifesta. Para o acadêmico Floriano Cavalcanti, que assume a cadeira que o tem como patrono na Academia Norte-Riograndense de Letras, tal tendência resulta de uma instabilidade religiosa e filosófica que o marcou, mal saído da adolescência e resultante, decerto da sofreguidão com que acumulava leituras as mais ecléticas. [8] A propósito, no discurso com que chega à ANRL, diz o importante intelectual potiguar:

Racionalista, mas sem diretivas, Antônio Marinho deixava-se conduzir pelas impressões do momento. Haja vista a sua evolução religiosa e filosófica. Católico romano, ao primeiro sopro da crítica protestante ruíram os alicerces da crença paterna, e, sem uma análise demorada das questões, investiu contra os dogmas que aprendera no catecismo da paróquia (fase de "O Século").

Henrique Castriciano, que o conheceu de perto, e que jamais escondeu sua admiração por suas inteligência e coragem, testemunha, ao escrever-lhe o necrológio, na edição de *A Tribuna* de 25 de maio de 1902:

Antônio Marinho era um insubmisso e, [refere-se à sua primeira ida para o Norte] *logo que chegou àquele Estado não hesitou em abrir uma luta contra o administrador de sua repartição, publicando contra ele uma série de artigos que produziram um escândalo, como é fácil imaginar.*

Fácil é imaginar, igualmente, que, retornando a Natal em 1896, já acumulava razoável reconhecimento público como jornalista, porque a 21 de abril de 1897, quando do lançamento de *A Tribuna*, como órgão de imprensa do Congresso Literário, Marinho não apenas é aceito pela entidade na condição de associado, como se torna um dos redatores, compondo um grupo de que faziam parte José de Viveiros, Manoel Coelho, Francisco Palma e Ezequiel Wanderley. Cabe-lhe, aliás, conforme registra aquele mesmo Floriano Cavalcanti, o artigo de abertura, empolgado pela data e pela República, (nascida há apenas oito anos) com o óbvio título de "21 de Abril", uma não menos óbvia apologia da figura do inconfidente. O êxito como jornalista e intelectual não evita que, por força dos compromissos profissionais tenha de, mais uma vez, retornar ao Amazonas, onde, afinal, não se demora por absoluta inadaptação ao clima. Não descuida de mandar colaboração, mas a precariedade da saúde não o deixa em paz. Nem uma breve passagem por Belém, onde, enfrentando novas dificuldades chega a retomar a atividade de tipógrafo, o fez permanecer. E ele retorna definitivamente a Natal, em junho de 1898. Irá conhecer, então, numa velocidade vertiginosa, como transcorreriam todas as coisas ligadas a sua existência e memória, uma notoriedade assustadora. Intensifica sua colaboração no jornal, chegando à condição de Diretor e, convocado por um ilustre colega colaborador, ninguém menos que o governador Alberto Maranhão, assume a função de Oficial de Gabinete em seu Governo. Mas, logo tornará à antiga repartição, agora na condição de Administrador Geral dos Correios no Rio Grande do Norte, certamente por contar com a ajuda de amigos assim, tão influentes. [9]

Os assuntos da literatura já o interessavam, desde a primeira fase de *A Tribuna*, onde viria a publicar, no segundo ano da criação do Congresso Literário, um pioneiro trabalho de levantamento histórico sobre a modesta produção literária até então, fazendo ressaltar figuras como o poeta romântico e maçon Joaquim Fagundes. Já demonstra aí, uma clara preocupação de revelar os fundamentos teóricos com que trabalha, voltando-se, naturalmente para uma postura cientificista, como notaram os estudiosos da sua contribuição, enquanto que a retórica empregada e o enfoque histórico, de natureza taineano, apontavam para uma clara opção pelos procedimentos da chamada Escola do Recife, onde pontificara o vulto mais caro à sua admiração: o não menos polêmico Silvio Romero.

A aura de crítico consolidada, brilhava, agora, com intensidade. Mas, o escândalo que irá provocar com a publicação das crítica a Segundo, quando retornou da última estada no Norte, fará descer como uma espécie de cortina de silêncio sobre a sua figura. Muito tempo decorrerá até que algum intelectual volte-se para a figura de Marinho, estudando-o com seriedade. Quase trinta anos após **Alma Patrícia** surge outra contribuição importante. Embora sem menção àquela importante fonte, Floriano Cavalcanti, ao tomar posse na cadeira que tem como patrono Antônio Marinho, na ANRNL, em 1950, explica que para fazê-lo, acabou se tornando duplamente devedor do primeiro presidente da instituição, Henrique Castriciano (o mesmo generoso Henrique que salvara para a memória do Estado a figura de Nísia Floresta). Em primeiro lugar, pelo convite, em si; Floriano, um jurista, embora reconhecidamente erudito, não se julgava com o direito de tomar assento em tal grêmio. Em segundo lugar, pela escolha do Patrono. Por puro desconhecimento, até então, como faz questão de assinalar, não atentara para a figura do crítico que lhe é, afinal, indicada pelo autor de **Vibrações**. E embora não tenha sido fácil pesquisar tão polêmica figura, como ele também admitiu, é possível dizer-se que desta aceitação ao convite que lhe foi formulado resultou um duplo ganho para a cultura do Estado: o ressurgimento da figura de Marinho, e o que é mais importante: pela ótica de um intelectual isento (equidistante das paixões que o episódio despertaria), capaz, assim, de um adequado resgate. [10] E o discurso de Cavalcanti, publicado na revista da Academia

(Ano III – no. 3, 1955) tornou-se, afinal, uma das mais importantes peças produzidas por acadêmico para empossar-se na citada instituição. Embora, igualmente a Cascudo, não venha a se aprofundar no episódio, em si – o que é óbvio, dado o objetivo da peça oratória – não deixa de assinalar o conturbado processo de formação intelectual daquele menino de gênio, que buscava sofregamente atualizar-se, como se desconfiasse que tinha contra si uma perspectiva de existência muito limitada. "Antonio Marinho – diz – não seriou disciplinas. Tudo nele era apenas inteligência e intuição. Em rigor, não foi além do curso primário, pois mal entrado no secundário, teve que abandoná-lo. Mas, justamente esta falta de lastro é que o levou do espiritualismo ao materialismo e deste ao positivismo. Na sua febre de conhecer e de explicar, empanturrou-se de vulgarizações filosóficas."

Considerada a sua pouca idade, não há como não esconder que Marinho foi, de fato, uma figura de exceção.[11] É certo que as idéias novas tinham bom trânsito por aqui e talvez se pudesse mesmo falar de um estímulo da parte do poder público, na figura de um "oligarca esclarecido" que foi Alberto Maranhão. Assim, destacam-se no período o tantas vezes citado Henrique Castriciano e outras figuras de notável abertura intelectual, como Manuel Dantas, ou o combativo jornalista Pedro Avelino, (que, por essa época, aliás, recebe uma convocação para os intelectuais do Estado, remeterem trabalhos a Sílvio Romero que está por publicar o terceiro volume da sua **História da Literatura Brasileira**), e Antônio de Souza – que ainda não é, evidentemente, o romancista Policarpo Feitosa, mas já uma figura respeitável entre a intelectualidade local. Mas, que Marinho era de exceção, sobretudo pela sua idade, lá isso era... Mesmo assim, admira e muito a sua coragem, ao decidir-se a criticar a obra de Segundo, porque jamais alguém acreditaria que houvesse alguém capaz de tamanho atrevimento. E isto não apenas aconteceu, como se demorou por três edições, e quatro partes (a primeira é dividida em duas seções) em *A Tribuna*. A síntese analítica que Floriano Cavalcanti faz, a propósito, é isenta e reflete o julgamento de alguém, que considerou o episódio de forma desapaixonada:

"(...) o seu trabalho culminante, onde fez crítica filosófica e sociológica, foi 'O Dr. Segundo Wanderley como dramaturgo e como poeta.' Obra de técnico. Poderá ter sido rigoroso e até mesmo implacável, quando negou ao consagrado vate a coroa de primeiro poeta, que ele a detinha por consenso dos coevos, e que lhe eu reconheceria. Tirante isso e lá um outro ponto em que dele discordo, citadamente a assertiva de que a personalidade artística de Segundo, como dramaturgo, não resistiria a uma análise, e a de quer faltava sentimento às suas poesias, 'sendo quase sempre falsas', a sua crítica é modelar, tendo sínteses admiráveis, como a da vida intelectual do Estado, da literatura brasileira e do teatro nacional, cuja penúria, a seu ver, é maior do que no romance, devido à impossibilidade do drama adaptar-se às escolas naturalistas."

Mesmo não concordando sobre a opinião do crítico quanto ao lugar de Segundo na poesia potiguar e se o teatro do mesmo resistiria a uma análise, é preciso dizer que sobram razões ao ocupante inicial da cadeira de Antônio Marinho na ANRL, ao comentar tais críticas. No que concerne à trajetória do teatro brasileiro, por exemplo: porque é absolutamente surpreendente o nível de conhecimento que o jovem crítico da *belle époque* potiguar revela a respeito, conhecimento certamente adquirido em Sílvio Romero. Em razão disto, aumenta a contundência da sua crítica, já que a argumentação de que se utiliza para criticar o dramaturgo é sólida, em vários momentos mesmo, irrefutável. É claro que o aparato crítico que utilizou deve ser considerado na perspectiva da época em que divulgou o seu trabalho. E que, se teve que pagar um preço por esta audácia, parecia ter consciência disto. Sozinho, arrostou uma unanimidade ou quase isto. E conseguiu provar que a insubmissão é um pressuposto para o correto exercício da crítica.

Castro Alves foi uma das principais influências poéticas sobre Segundo Wanderley e o modelo para a sua "tecnologia condoreira"

As razões da crítica e da reação

A julgar pela nota que transcrevemos, da edição das **Recoltas Poéticas**, alguma restrição existia sobre a poesia condoreira de Segundo Wanderley já na altura de 1896. Que Marinho devia fazer coro a uma opinião não manifestada publicamente pela intelectualidade mais esclarecida da jovem República potiguar, não é improvável. Porém, fosse para não constranger o bardo envelhecido precocemente (como lembraria Cascudo, em razão da fragilidade da sua própria saúde), fosse pela conveniência, de respeitar a sua condição de ícone lírico dos ideais oligárquicos, tal elite preferia silenciar. Pelo menos é possível deduzir assim, levando em conta a afirmativa feita por Henrique Castriciano no texto já citado, em que homenageia o crítico após sua morte. Um pouco que deixando transparecer indignação, ele afirma: "É bem verdade que Antonio Marinho foi mais de uma vez injusto com o nosso querido poeta, mas fê-lo com sinceridade, dizendo abertamente o que pensava, ao contrário de muita gente que não tem a coragem de repetir alto e bom som o que a propósito das nossas coisas e dos nossos homens, murmura entre quatro paredes." Por isto, é interessante também considerar que alguns indícios são encontrados na própria *A Tribuna*. Já nos referimos ao comentário de Ypissilone, a propósito do soneto que teria emocionado Ruy e as discretas restrições, então externadas, sobre a poesia de Segundo. Na edição em que se inicia a série, outro dado: transcreve-se um comentário de Rodrigues de Carvalho, (poeta paraibano que fora contemporâneo de Henrique Castriciano na passagem deste pela Faculdade de Direito do Ceará e que prefaciara **Ruínas**) a respeito da literatura potiguar. Tendo visitado a capital, onde travara contato com os seus intelectuais, levara daqui uma impressão, digamos assim, condizente com o que dizia Antonio Marinho. Mas, o fazia de modo sintético e usando de diplomacia. Sobre Segundo Wanderley, especificamente, dizia: *"É um perfeito condoreiro deslocado entre os que buscam acompanhar a evolução das letras."*

Já sobre Castriciano, afirmava, reforçando a afinidade intelectual que existia entre ambos: "Este é um poeta do Brasil". E dá, como indício da atualização do mesmo, o fato de que, havendo incursionado pelo teatro, encenara uma peça intitulada **O Engeitado**[12] no ano anterior, como uma verdadeira "novidade". E a julgar pelo comentário feito, deve ter causado grande espanto na platéia. "O que me admira – diz ele – é Castriciano não ter sido linchado no momento em que o engeitado reconhece ter se amasiado com a própria mãe." Não é necessário considerar-se, por demasiado óbvia, a aproximação edipiana referida no comentário. Mais rico é estabelecer uma re

*Se*lação entre a exploração do escabroso, (numa postura evidentemente naturalista, nessa incursão dramatúrgica do poeta de **Vibrações**), e a ingenuidade romântica, o moralismo do autor de "Amor e Ciúme", dramalhão que se tornaria uma espécie de mote para a série "O Dr. Segundo Wanderley como Dramaturgo e como Poeta".

Ao iniciar a sua análise, Marinho adverte que o crítico não pode correr o risco de se deixar conduzir por oráculos, do mesmo modo que não pode se influenciar pelo que chama de "tendência da turba". E após falar do que pretende e como, ("Segundo Wanderley vai ser estudado pelo modo porque (**sic**) aprendi a crítica"), estabelece uma das sínteses às quais se referira Floriano Cavalcanti, para situar o leitor a respeito do que tivera sido, até então, a trajetória do teatro brasileiro. Ressalta, como de passagem notou o acadêmico que, enquanto o romance conhecera uma evolução capaz de revelar talentos no campo do naturalismo, o teatro não conseguira livrar-se de uma deformação romântica, conhecendo, no máximo, uma abertura via humor, herança de Martins Pena, que, via Artur Azevedo, resultou nas chamadas "Revistas de fim de Ano", uma atualização brasileira da burleta. Uma vez que a renovação do gênero dramático não se dá, "(...) o dramalhão é, no entanto, ainda levado com êxito na metrópole e nos Estados, onde o provincianismo romântico se extasia a ouvir as grandes tiradas de moral, as declamações sonoras e as pieguices tão ao gosto das naturezas sentimentais." E, após empreender algumas incursões sobre a vida cultural da cidade e a popularidade de Segundo Wanderley, lembra ao leitor que em seu estudo se valerá da tríade clássica da crítica taineana, o meio, o momento e a raça, para justificar sua análise do teatro a que se refere, ajuntando-lhes mais adiante o peso da contribuição subjetiva, ("a individualidade" reclamada por Zola) quando falar da poesia de Segundo Wanderley.

Na crítica seguinte, outra breve síntese: a da produção teatral no Estado, que precedera a do autor estudado, igualmente constituída de dramas românticos, hoje desaparecidos, assinados por poetas de algum mérito na província, como Joaquim Fagundes, José Theophilo e até Moreira Brandão, que em 1859 escrevera uma peça chamada "André de Albuquerque", numa evidente homenagem aos revolucionários de 1817. Não esquece de mencionar Luiz Carlos Lins Wanderley, progenitor de Segundo, autor de limitado calibre, mas de grande notoriedade no meio político e social da Província. Também menciona Henrique Castriciano e seu *O Engeitado*, que o impressionara tanto quanto a Rodrigues de Carvalho. E volta-se, agora para valer, para Segundo Wanderley e a sua obra dramatúrgica. "Nos últimos anos – observa Marinho – tem-se dedicado mais ao drama do que à poesia. Nesta, Segundo conquistaria, certo, renome mais duradouro e brilhante do que a popularidade que lhe dá o teatro, se afeiçoasse o seu talento à cultura moderna." Como se vê, já cedendo à impetuosidade própria de quem é assumido esgrimista de idéias e jovem, ainda por cima, ele já é conclusivo. Mas, detendo-se na análise do drama "Amor e Ciúme", que tomara como exemplo, faz uma observação que vale como uma demonstração de como funcionavam, em seu anacronismo, os dramalhões românticos:

"Através da arrogância da frase, do tom declamatório, da maneira artificial dos diálogos e solilóquios; diante das variantes imprevistas da ação que se desdobra ao sabor da fantasia do autor, que prepara surpresas agradáveis e desenlaces inverossímeis, vê-se clara a preocupação exclusiva de armar o efeito a um auditório cujas faculdades estéticas não estão educadas de modo a fazê-lo compreender e julgar o valor de uma obra de psicologia no teatro."

O soneto autógrafo de Segundo Wanderley ilustra a capa da antologia poética mais famosa do Rio Grande do Norte

Trata-se, como se vê de uma afirmativa duplamente corajosa, em se tratando da peça há pouco referida, que teve um extraordinário êxito e que, justo no ano em que sai a crítica, é publicada em livro. [13] Senão vejamos: Marinho acusa Segundo de apelar ao fácil, para tirar partido do efeito dramático. E por que o faz? Porque o público da capital não está apto a entender "uma obra de psicologia no teatro". Não se preocupe o leitor: ele não se valerá de elementos de análise freudianos, até porque, à época, eles ainda estão sendo desenvolvidos. O entendimento das questões psicológicas restringe-se praticamente ao campo da psiquiatria, e os estados mórbidos são considerados anomalias assustadoras, desafios quase inexpugnáveis. Ora, é convicção do crítico, que o dramaturgo (de resto, médico), pretendeu com a peça realizar um "estudo de psicologia mórbida", algo como uma incursão psiquiátrica através do comportamento da personagem feminina e que falhara em razão de fazer perigosas concessões ao gosto do público.

Forçoso é reconhecer que, também aqui Marinho estava certo. Pelo uso deliberado de artifícios dramáticos visando aos pontos fracos da emoção dos espectadores Segundo fazia concessões perigosas, na medida em que, além de artificial, a argumentação científica que coloca na boca do médico-personagem, em alguns momentos chega a soar ridícula.Ou seja: findava ali mesmo, no amanho da incultura da platéia, o tipo de teatro pelo qual optara. O enredo e as personagens demonstram-no cabalmente.

Consideremos a trama da peça, tal como o fez o crítico. Na noite em que, juntamente com amigos mais próximo se preparam para comemorar o aniversário, de Ângela, sua mulher, o médico Oscar é chamado a atender um rapaz que tentara o suicídio e sai para atendê-lo. Sequer troca a roupa da festa. É o suficiente para Ângela acreditar que fora à procura de uma possível amante. E começam a se desdobrar os lances mais incríveis, que vão sendo desmontados, no seu exagero, ou mesmo na sua inverossimilhança, pelo atento espectador/leitor Antônio Marinho. Ao retornar, trava-se uma violenta discussão e Oscar, inconformado com o ciúme da esposa se retira da casa. Quem permanece, fiel a ambos, até para lutar por uma reaproximação, é um boníssimo Renato, que chega a ser comparado pelo crítico a um eunuco, tanto que resiste durante doze anos – o tempo que Oscar passa longe do lar – e não atenta jamais contra a moral da amiga, tão próxima. É quando adoece a filhinha do casal. Acometida de uma súbita cegueira, será atendida, em regime estritamente profissional, pelo pai, que tendo retornado do auto-exílio, a opera. Oscar vale-se, então, do incorruptível Renato, e arquiteta um plano, através do qual pretende salvar a mulher doente de ciúme e o casamento. Induz o amigo a raptar a filhinha e faz espalhar o boato de que estaria em casa de uma amante, o que é, digamos assim, um prato feito para Ângela, (cujo amor, identicamente ao de Oscar resistiu a esta longa dúzia de anos!) e que, armada de um punhal sai em busca de vingar a traição. O desenlace o leitor já terá previsto e é este, mesmo: Através do choque, Ângela cura o ciúme mórbido (não sem antes sofrer um impactante desmaio) porque na casa que lhe é indicada, encontra de fato o marido mas, em lugar da amante, a filha. Com a visão definitivamente recuperada.

Ao abrir a última parte da série "O Dr. Segundo Wanderley como Dramaturgo e como Poeta", Marinho diz, de modo contundente que, como autor teatral, o mesmo não resiste a uma análise. E faz um vaticínio. Em que pese o seu incontrolável condoreirismo, é como poeta que será lembrado no futuro. Não podendo fugir ao modelo crítico por que se orienta, faz um comentário inoportuno onde se misturam meio e raça, como fatores determinantes da descendência cultural: "A Holanda – diz ele – concorreu no Brasil, em grande parte, com elementos de baixa condição moral, razão pela qual não são mais apreciáveis os frutos colhidos do consórcio da gente dos Países Baixos com o nosso aborígene. – E comenta, o que, como adiante veremos, aumentaria a revolta do poeta, personalidade civil ilibada: "A família Wanderley descende desse consórcio". Logo a seguir, não percebendo a fragilidade do pressuposto teórico de que se valia, cai em óbvia contradição, ao fazer o elogio dos membros da família com os quais convive (pelo menos dois dos quais, regularmente em *A Tribuna*) lembrando que eles são voltados à arte e pondo em destaque a figura do próprio Segundo.

Sobre o seu desempenho como poeta, lembra que já em 1883, havia publicado **Estrelas Cadentes**, na Bahia, onde definitivamente adere ao condoreirismo,

çando a seguir, **Miragens e Prismas**. Para assinalar-lhe o anacronismo (não percebido obviamente pelos admiradores), ele lembra: quando o poeta chega à Bahia para estudar Medicina, Castro Alves já desaparecera "na voragem do túmulo" e quanto a Tobias Barreto "havia dez anos abandonara a velha intuição espiritualista e fazia-se arauto das idéias novas, apregoando o germanismo."

E comenta:

"(...) já a nossa orientação intelectual era outra, o espírito hauria em outras fontes, alimentava-se da seiva vivificante de novos ideais." A seguir, menciona um elenco que, não pertencendo à literatura, estava na raiz das transformações mais importantes que a mesma conheceria no período: Comte, Spencer, Haeckel, Darwin. "Como produtos do momento histórico de nossa evolução literária – arrematava – surgiram as escolas naturalista e crítico-cientificista a que se filiaram os realistas, os cientificistas e os parnasianos, para falar nos de sua nota." E dá uma estocada definitiva: "Estas considerações sobre a poesia dos últimos tempos foram feitas para acentuar o seguinte: Segundo Wanderley é um talento retardatário."

Utiliza-se, então, na sua análise, de alguns poemas para dar ao leitor a medida desse anacronismo. Ressalta, contudo, que há produções (chega a transcrever algumas estrofes do famosíssimo "Naufrágio do Vapor Bahia") [14], em que o poeta se sai bem, mesmo utilizando-se do discurso condoreiro. E não desconhecendo no mesmo a existência de talento, lamenta-lhe a teimosia em permanecer fiel a preceitos românticos, como se ainda vivesse no século anterior. Chega a citar, mesmo, algumas produções líricas em que ele toca a nota de uma nova poética, mas sem que isto signifique uma adesão à idéia de que sua forma de poetar careça de correção de rumos. (Cascudo, impaciente, nem consideraria como válidas tais incursões) [15] E conclui o seu trabalho (de demolição, como chegaram a reclamar alguns apaixonados admiradores de Segundo Wanderley) retomando sua profissão de fé no aparato crítico que oriundo da França municiava no Brasil críticos da altura de Silvio Romero, afirmando:

"Segundo Wanderley é um belo talento, como tenho dito, prejudicado pelo meio. A sua ação reflexa sobre este tem concorrido altamente para viciá-lo cada vez mais, o que, por outro lado, garante-lhe uma popularidade até certo ponto convertida numa imunidade que sou o primeiro a violar, aqui, para combater uma opinião falsa a seu respeito por muitos partilhada: Segundo Wanderley é o nosso primeiro poeta, dizem.

Não. Coloquêmo-lo no lugar que merece"

Mas, não encerra, sem um pedido e uma observação, ambos intrigantes. Dirigindo-se ao poeta, solicita: "Não me agradeça nem me admoeste o distinto confrade pelos conceitos com que, porventura, a sua vaidade se tenha sentido lisongeada ou ferida." E, no fecho, um lembrete que soa como uma sutil advertência, disfarçada em modéstia: "Este estudo, porém, é apenas o esboço de um mais largo trabalho de crítica: não se lhe deve, portanto, atribuir a pretensão de estudo completo."

O poeta atingido não se fez esperar. E, se à época, pudesse persistir em alguém, a dúvida de que as críticas de Marinho viriam, não temos razão para acreditar, como decerto os seus fiéis admiradores, que Segundo, por combalido que estivesse (fato por ele mencionado na carta) não as respondesse de imediato. E de fato, tal acontece já na edição imediatamente posterior àquela onde se encerra a série. Trata-se de uma longa carta, endereçada reverentemente a "Meu ilustre criticista e talentoso confrade Antônio Marinho", onde, na boa feição romântica, não fugindo obviamente à tonitruância da frase apaixonada e ao léxico grandiloquente, o poeta e dramaturgo tenta responder – embora faça questão de dizer que não quer polemizar – as críticas que lhe haviam sido dirigidas. Na verdade, como haverá de observar o leitor nos textos que adiante transcreveremos, o que faz é uma defesa patética de uma fase que já havia passado. Mesmo assim, a postura de lutador é demonstrativa da sua grande dignidade, como chegaram a assinalar os comentadores do episódio. Pois se não se atualizou para os embates da literatura (Marinho havia comentado também que, após deixar a Faculdade, o mesmo não havia estudado como devera e que, preferira, adaptando-se ao meio, não considerar a necessidade de evoluir), mas, se optara por ser fiel a moldes ultrapassados, Wanderley não seria menos consciente dessa escolha, e por isso, revidará, numa afirmativa que impressionou Câmara Cascudo, em seu estudo de **Alma Patrícia**: "Não sou sectário incondicional e fanático de todas as inovações, pelo simples fato de trazerem o rótulo da atualidade e a etiqueta da moda."

Silvio Romero, líder da Escola do Recife, foi a principal referência crítica de Antônio Marinho

De extrema sinceridade era, sem dúvida aquele senhor que, envelhecido mal atingira os quarenta (ele viria a falecer com 49 anos) aparece na foto reproduzida pela Revista da Academia Norte-riograndense de Letras, que lhe comemorou o centenário. Cabelo e bigode absolutamente brancos, fisionomia austera, terno escuro, pince-nez, plastrom, ele tem no olhar um quê de enigmático, como se revelasse a um só tempo alegria e susto. Tão sincero, que não foge a uma ingênua comparação entre o seu estado de espírito, terminada a leitura das críticas, com o de "(...) uma criança ao ver desmanchar-se de repente, nos ares, a esfera de sabão irizada e tênue, matizada de variegadas e atraentes cambiantes, que, com tanto cuidado e infantil orgulho havia fabricado." Para falar do orgulho de ser Wanderley, e civilizado, assegura, com ironia, lembrando a propósito a observação de Marinho, que é avesso a confrontos e polêmicas "(...) de qualquer natureza que elas sejam, defeito, talvez, de algumas gotas de sangue batavo degenerado que me circula nas veias." Devolvida a grosseria, é categórico:

"Firmado nessa teoria, recuso-me a responder detalhadamente o *auto de fé* onde esperdiçaste as mais preciosas gemas de tua

contraadamantina facúndia, e emborcaste, numa prodigalidade pasmosa, a cornucópia inesgotável de tua variadíssima e florescente erudição, encaixilhada na primorosa moldura do mais equilibrado estilo."

Trata-se, ainda uma vez do uso da luva de pelica, valendo-se de um gongorismo que certamente impressionou os seus partidários. O impetuoso Marinho não iria preocupar-se com o estilo, nem estava em jogo tal questão. Mas, Segundo é só emoção. E fala, finalmente, dos seus procedimentos poéticos, reforçando a ênfase romântica. O trecho é relativamente longo, mas, de suma importância para o entendimento da questão:

"Sou um espírito indisciplinado e insubmisso ao oficialismo doutrinário dos iconoclastas de gabinete, árbitros privilegiados do evolucionismo literário e modeladores intransigentes e impecáveis do senso artístico, dogmáticos Petrônios da elegante correção estilística, Hierofantes invulneráveis da estética do *demi-monde*.

Limito-me a versejar por mero diletantismo e a escrever dramas como simples curioso, em obediência, talvez, a uma influência atávica, sem preocupação de escolas, de moldes, de sistemas, espontânea e desabotoadamente, subordinado exclusivamente às sugestões de meu temperamento, variando ao capricho de minha fantasia, mas sempre atendendo ao meio, consultando a opinião criteriosa dos insuspeitos, afinado pela clave do bom senso e, muitas vezes, divorcidado do *modernismo* exagerado da época."

Impossível estar mais de acordo com as restrições que lhe faz Marinho. É uma concordância pela divergência de postura, digamos assim, coisa que ele reafirmará, com mais veemência, ao escrever dramaticamente uma frase, que parece dita de outro modo por uma das suas personagens de "Amor e Ciúme" e que também impressionou Cascudo no estudo citado:

"Podem taxar-me de estacionário, decadente, rotineiro, anacrônico, o que quiserem; o que não posso ser é insincero, impessoal e contraditório."

E faz, então, o revide mais veemente, talvez porque o crítico havia atingido o que lhe era mais caro: a recepção popular da sua obra. Surge, por inteiro, o público idealizado, tipicamente romântico, o mesmo que ovacionara Hugo, Castro Alves e Tobias Barreto. O mesmo que o saudava estrepitosamente nas estréias das suas peças.

"No teu modo de ver, o público não passa de um grupo de fantoches sem imputabilidade, verdadeiros bonecos de convenção, degeneradas anomalias da natueza, produtos automáticos, obdecendo, numa passividade repulsiva e ingrata de cretinos, aos caprichos especulativos de uma imaginação enferma... *C'est trop fort! Mirabile dictu!*

É uma clamorosa injustiça! O povo é um juiz imparcial e reto, porque não tem simpatias prematuras, nem prevenções inconfessáveis; inteligente e autônomo, porque possui elementos tantos para firmar uma reputação, como para derrubar um trono."

Ao final da carta, ainda enfatizando o seu amor pelo povo, com quem tantas vezes estivera nos eventos da oligarquia, evoca um ancestral famoso para, ainda uma vez defender-se dos ataques do crítico:

"Dou por finda a minha terefa e por liquidado o meu ajuste de contas. Fica com os sábios que eu ficarei com o povo, e permite citar-te também aqui estes dois versinhos do imortal Molière, o demônio da impiedade:

J'aimerais mieux être au rang des ignorants
Que de me voir savant comme certaines gens."

Ou seja, confirmava sua preferência por um público anódino, que mais não lhe exigia, que emoção e humor. E devolve, num golpe derradeiro, desferido antes da frase final, desimportante, a advertência que Marinho havia feito, igualmente, encerrando suas críticas:

"Ao terminar esta despretensiosa e icitar, por minha vez, o obséquio de – *não me agradeceres, nem me admoestares pelos conceitos com que, por ventura, a tua vaidade se tenha sentido lisonjeada ou ferida."*

A carta de Segundo, de fato, encerra, no episódio, a atuação dos contendores. Mas, um profundo mal-estar toma conta da elite cultural do Estado. As manifestações de solidariedade e de indignação, feitas pela imprensa, obviamente são destinadas ao poeta. Antônio Marinho, que já estava doente, tem o seu estado de saúde agravado e se retira para o sertão central do Estado, vindo a falecer, em Angicos.[16] Segundo Wanderley lhe sobreviveria sete anos. Mas, perdera, definitivamente, o brilho de poeta que revelava na passagem do século. A sua dramaturgia, que resistiria ainda a algumas encenações, (e a uma repercussão ruidosa, da qual não abririam mão seus admiradores) não tardará, tal como previra Marinho, a desaparecer da cena potiguar. Esse desdobramento tem um quê de alegórico, na medida em que ilustra, por assim dizer, o fim daquela *belle époque*, onde tudo era motivo para criar uma agremiação cultural ou um jornal, Governador escrevia registros literários com o pseudônimo de Zeferino Arruda e a poetisa Auta de Souza publicava inéditos em *A Tribuna*. Por uma estranha ironia, vai assumir a condição de ídolo, um poeta nascido em extrato social inferior, mas admirado por ele, Segundo. Que adorava *meetings* e que era igualmente romântico e, portanto, se concordamos com Marinho, também anacrônico: Ferreira Itajubá. Havia apenas uma diferença: enquanto o poeta das **Recoltas Poéticas** punha condores, em sua poesia, utilizando-se de palavras e imagens impressionantes, o de **Terra Natal** mostrava-se enternecido com a algazarra dos verdelinhos sertanejos, e falava, numa linguagem quase rude, da solidão tristíssima dos morros...

Tarcísio Gurgel é professor universitário e ficcionista. Escreveu, entre outros, *Os de Macatuba* e *Conto por conto*.

NOTAS

[1] V. Estudo "Segundo Wanderley" in **Alma Patrícia** (Natal, Atelier Typ. M. Victorino, 1921)

[2] A propósito da bibliografia poética de Segundo Wanderley, sucederam-se citações equivocadas, sobretudo porque muitos – como recentemente fez o historiador Assis Brasil, em antologia sobre a poesia potiguar publicada pela Imago Editora, acreditavam que o livro de estréia do poeta fosse **Recoltas Poéticas**, já publicado em Natal, em 1896.

[3] Cascudo investiu decisivamente nele, alegando que serviria como modelo em que haveria de no futuro "(...) um razoável livro de crítica"coisa que, em relação à literatura potiguar, infelizmente, não aconteceu

[4] Todas as transcrições concernentes a *Oásis*, encontram-se nos artigos que Manoel Rodrigues de Melo publicou inicialmente em *Tribuna do Norte*, reeditados, depois, na Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras – Ano VIII – No. 6, 1960, dedicada ao centenário de Segundo Wanderley.

[5] Na revista da ANRL, já citada

[6] M. Rodrigues de Melo deixa, contudo, de registrar o fato de que havia, nessa fase, uma surda resistência a quem Cascudo classificou em **Alma Patrícia** (Pp. 121/122): "(...) homem rude e simples (...) emérito sereneiro, tendo mais inimigos do que cabelos na cabeça (...) e (...) principal fator do descrédito (...)" de si mesmo." Não se contendo, pergunta, a certa altura, referindo-se à agitada presença de Itajubá, na vida cultural do início do século: "(...) como levar-se o homem destes, rude e simples, as salas, aos clubs?"

[7] V. Especialmente o capítulo "Da Existência Precária: o Sistema Intelectual no Brasil"

[8] A famosa biblioteca de Henrique Castriciano o acudiu muitas vezes na busca de satisfazer uma curiosidade insaciável.

[9] A julgar pelas dificuldades que, como vimos, marcaram suas relações trabalhistas com tal empresa.

[10] As paixões ficaram de tal modo exacerbadas em relação ao episódio, que várias personalidades do mundo intelectual potiguar se pronunciaram, a partir da réplica, em forma de carta – de que adiante trataremos – remetida por Segundo Wanderley a Antonio Marinho, através da mesma *A Tribuna*. Paixões duradouras, afinal. Na revista em que se comemorou o centenário do poeta (ANRL – no. 6 – 1960), por exemplo, um remanescente do período, Ivo Filho, comenta indignado:
"Esse isolamento [ele se refere a Antonio Marinho, já doente] o acabrunhou profudamente, e tendo quase certeza de que a morte já distendia suas as asas sobre a sua pessoa, procurou uma vítima, em que descarregasse as agonias de sua vida angustiada. E essa vítima foi – Segundo Wanderley – o homem bom, incapaz de ofeder a quem quer que fosse (...) Para Antonio Marinho, porém, esse seria o homem que lhe devia servir de cobaia, pois ele precisava de provocar um escândalo (...)

[11] Mesmo que se considere especialmente rico o momento em que surge a principal publicação cultural do período, na qual ele tomou parte ativa: *A Tribuna*. Lembra Floriano, que em 1898 (o órgão do Congresso Literário surgira no ano anterior), com apenas quinze mil habitantes, Natal possuía nada menos que quatro agremiações culturais ("Le Monde de Marche" – *Oásis;* "Castro Alves" – *O Iris;* "Congresso Literário" – *A Tribuna*; "Centro Polimático" – *Revista do Rio Grande do Norte*) isto, sem falar de outros jornais mais voltados à política, entre os quais *A República,* além de associações dedicadas ao teatro, entre as quais avultava a "Fênix Dramática", dirigida pelo próprio Segundo Wanderley.

[12] Texto ao qual, desgraçadamente, não tivemos acesso.

[13] Natal, "Tipografia Central", 1901

[14] "Corria a noite a meio; em plácida derrota/Ia um barco a vogar qual célere gaivota/Por sobre o dorso azul da vaga boreal;/Vênus bela ocultara a sideral grinalda,/Sorria em baixo o mar – abismo de esmeralda,/Sorria em cima o céu, espelho de cristal. (...)" (p. 43 de **Recoltas Poéticas**. Natal, Typ. da Empresa Gráfica de Renaud & Cia.- 1896)

[15] V. **Alma Patrícia**, p. 89. Após transcrever o soneto "Implacável", onde Segundo Wanderley empreende um exercício de aliteração interessante ("Resvala o raio rútilo, rasgando (...) Treme a terra terrível, tenebrosa")ele comenta: "Esta monótona homofonia parece brouleios (**sic**) de lâmpada que o infeliz Cruz e Souza acendeu com o seu "veludosas vozes dos violões velados".E estabelece, na sequência uma relação de parentesco com um soneto de Gregório de Matos, perfeitamente discutível.

[16] Ao encerrar o comovente necrológio escrito por ocasião da sua morte e publicado em *A Tribuna* de 25 de maio de 1902 – quase um ano após a publicação das críticas – Henrique Castriciano dá a justa dimensão da perda: "Terminando, peço permissão para dizer que o talentoso rapaz, cuja perda lamentamos, era, quanto a mim, a mais bonita esperança da nova geração norte-rio-grandense! Devemos lamentar a sua morte, não tanto pelo que ele nos deixou, que é bem pouco, mas pelo que nos podia deixar, que seria muito."

Romantismo e Nacionalismo

Carlos Newton Jr.

Não se pode falar do projeto romântico brasileiro sem mencionar o papel desempenhado, nele, pelo nacionalismo. Evolução natural do sentimento nativista, despertado durante o período colonial e reforçado pela consolidação da Independência, o nacionalismo talvez tenha sido a característica mais marcante do nosso Romantismo. De fato, e para ficar em apenas dois exemplos, não há como pensar na exaltação da natureza (lugar-comum entre os escritores românticos), tampouco no indianismo do século XIX, esquecendo-se que sobre essas manifestações pairava a busca de uma expressão literária autenticamente nacional. Assim, o projeto romântico brasileiro é, antes de tudo, o projeto de construção de uma Literatura nacional.

O Romantismo fez com que, ao nativismo colonial, fosse incorporado um sentimento de patriotismo. Na exaltação da natureza tropical, exuberante, grandiosa, encontrava-se não só a intenção de marcar uma diferença em relação à Europa; além de registrar nossas peculiaridades, caracterizando uma paisagem familiar, procurava-se ressaltar as potencialidades do Brasil enquanto Nação independente, o papel que lhe caberia no concerto das nações do mundo - papel que deveria estar à altura da sua grandiosidade. Ou, para dizer com Antônio Cândido, ao sentimento da natureza foi acrescido o sentimento da *polis* [1]. No caso daqueles escritores que se converteram ao indianismo, a celebração do jovem país passava também pela celebração dos seus primeiros habitantes. Assim, da paisagem peculiar fazia parte o indígena, mais um elemento de diferença em relação aos outros países.

Claro está que existia uma flagrante artificialidade, tanto num caso quanto no outro. Os escritores, residindo no pouco de urbano que existia no Brasil, faziam a apologia de uma paisagem quase sempre desconhecida *in loco*; às vezes, portanto, essa paisagem aparecia coroada por certa atmosfera européia. Quanto ao nosso indígena, fosse de que grupo cultural fosse (todos pouco conhecidos e portanto vistos de maneira ingenuamente uniformizadora), transmudava-se em herói aos moldes de cavaleiro medieval europeu. Começavam a ser erguidos, aqui, a um só tempo, dois grandes mitos dinamizados pelo Romantismo, como lembra Alfredo Bosi - o mito da Nação e o mito do herói [2].

No caso do indianismo, não seria errado dizer que foi um quase-movimento no interior mesmo do Romantismo. Assim como o nacionalismo romântico incorpora um sentimento nativista que lhe é anterior e amplia seu alcance e repercussão, o indianismo do século XIX deve parte de sua origem ao indianismo brasileiro do século XVIII, presente nos textos de Basílio da Gama e Frei José de Santa Rita Durão. Este indianismo, segundo Ariano Suassuna, foi muito mais importante para o aparecimento do indianismo romântico do que outros fatores comumente arrolados, como a influência atribuída a Chateaubriand e J. Fenimore Cooper, por exemplo. Por outro lado, Suassuna lembra, ainda, que, ao se estudar as origens do indianismo romântico, não se deve menosprezar nosso indianismo proto-romântico, "um certo indianismo edênico" presente já na Carta de Pero Vaz de Caminha, bem como a exaltação da natureza paradisíaca do Brasil e do homem edênico e acobreado que a habitava, realizada pelos poetas brasileiros do século XVII, à exceção de Gregório de Matos.[3]

Hoje, intelectuais e críticos costumam execrar o indianismo romântico. Alguns chegam mesmo a questionar a qualidade de grandes obras da Literatura brasileira pertencentes ao movimento indianista, numa nítida demonstração do *pré-conceito* que cerra os olhos para o que a obra de Arte tem de valor estético - um valor supratemporal, independente do juízo de gosto ou de qualquer posicionamento ideológico. Esses estudiosos vêem, no indianismo, não a aceitação do indígena enquanto um *outro*, mas sua deformação, através de uma identificação forçada dos seus

valores culturais com os do homem europeu. Seria, por assim dizer, o império do maniqueísmo: o índio bom é aquele que se alia ao colonizador (e não conquistador), auxiliando-o no projeto de trazer a cultura e a civilização para a terra primitiva e selvagem; o mau é seu contrário. Até mesmo no aspecto físico, tirando a cor do cabelo e o acobreado da pele, o índio brasileiro não deixaria de referendar um arquétipo de homem tradicionalmente ligado ao "Belo".

A crítica pareceria perfeita, não fosse tão excludente. Porque, por mais que esteja correta em seus aspectos gerais, não há como negar um aspecto positivo no indianismo, mesmo com a consciência de toda a sua artificialidade. Existe, ali, algo de avanço. O índio, até então considerado um ser sem alma, um não-humano, é alçado à condição de gente, e mais ainda de herói, muito embora um herói aos moldes europeus. O que não deixa de representar uma valorização do índio e de alguns elementos de sua Cultura - a valorização possível, naquele momento histórico determinado. Essa valorização, que o negro só vai conhecer depois, com o movimento da Escola do Recife, foi fundamental para a construção de uma visão nova da Cultura brasileira. Aliás, diga-se de passagem que a acusação de artificialismo é mesmo contemporânea do indianismo (a posição de João Francisco Lisboa serve como exemplo, já citado por Antônio Cândido); não denota, portanto, nenhuma originalidade da crítica atual. Antes, trata-se de uma originalidade por assim dizer anacrônica - para lembrar Osman Lins e sem querer ser nem um pouco original. É importante lembrar que, por esse tempo, nos Estados Unidos, iniciava-se um segundo extermínio indígena de enormes proporções, com a chamada "conquista do Oeste". De 1860 a 1890 - período estudado por Dee Brown no seu hoje clássico *Bury my Heart at Wounded Knee* (*Enterrem meu Coração na Curva do Rio*, na tradução de Geraldo Galvão Ferraz[4]) -, grandes nações americanas foram dizimadas para que se cumprisse o que estabelecia a doutrina do "Destino Manifesto"[5].

No projeto romântico brasileiro irão engajar-se escritores das mais variadas tendências - políticas, sociais ou religiosas. De reacionários a progressistas; de escravagistas declarados, como José de Alencar, a abolicionistas, como Castro Alves; de católicos devotos àqueles que se importavam apenas com certo sentimento de religiosidade, indispensável, como acreditavam, à atividade criadora do artista. Se os modismos estéticos, herdados da Europa, ainda eram freqüentes, começava a pairar, sobre eles, certo "instinto de nacionalidade", de que Machado de Assis vai dar conta em uma espécie de panorama da literatura brasileira, escrito em 1873. Iniciava-se, desse modo, aquela outra independência, que, como anunciava Machado, "não tem sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo"[6].

A presença desse instinto de nacionalidade, mais perceptível em alguns textos, menos em outros, poderia representar a unidade na variedade das obras do nosso período romântico. E isto é válido tanto para as obras hoje consagradas, que já integram o cânone brasileiro, como para outras, ainda pouco conhecidas, mas tão ou mais importantes para a compreensão do período quanto as primeiras, sacralizadas e portanto freqüentes nos livros de História da Literatura Brasileira.

Dois romances da época servem para dar uma medida de tudo isso: *Ursula*, de Maria Firmina dos Reis[7], e *D. Narcisa de Villar*, de Ana Luísa de Azevedo e Castro[8]. Ambos foram publicados em 1859, e sob pseudônimos - Uma Maranhense e Indygena do Ypiranga, respectivamente. Os pseudônimos explicam-se, em parte, pela situação nada favorável às mulheres que ousavam escrever e publicar naquela época, indo além dos limites impostos por uma sociedade ainda rigidamene patriarcal e conservadora. Basta dizer que a identificação da autoria, nos dois casos, resulta de pesquisas relativamente recentes.

Ainda hoje ausentes dos livros de História da Literatura Brasileira, são romances que, além de não deixarem nada a desejar, do ponto de vista do valor literário, em relação a muito do que se publicava na época, surpreendem qualquer leitor pelo conteúdo fortemente progressista, mostrando como as autoras se encontravam muito à frente do seu tempo. Se são muitos os problemas tratados nos dois romances, pode se dizer, do ponto de vista mais geral, que, no primeiro, *Ursula*, predomina o tema da escravidão do negro, combatida de maneira contundente, sem qualquer subterfúgio; em *D. Narcisa de Villar*, por sua vez, misto de romance indianista e romance de emancipação feminina, acaba prevalecendo a crítica ao papel secundário e submisso da mulher na sociedade brasileira do século XIX.

Alegoria da América no teto do Museu do Ouro de Sabará, Minas Gerais. Tela do século XVIII

Através dos posicionamentos tomados em relação a alguns problemas característicos da época, é possível perceber como as autoras viam a Nação brasileira e o seu futuro, como o instinto de nacionalidade se expressava em suas obras. Porque, independente do conteúdo mais ou menos progressista dos romances, do ponto de vista da forma (dos recursos de estilo ou modismos da escrita) ambos encontram-se, como não poderia deixar de ser, balizados pelas convenções do seu tempo.

Em *Ursula*, a exaltação da natureza ocorre já na abertura do romance, logo no primeiro parágrafo. Se a natureza exuberante é o *locus* mais geral onde se desenvolve a história, o leitor encontra, logo de saída, a paisagem familiar recorrente nos livros da época, o cenário que se queria erguer para representar o novo país:

São vastos e belos os nossos campos; porque inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma - branco lençol de espuma, que não ergue marulhadas ondas, nem brame irado, ameaçando insano quebrar os limites, que lhe marcou a onipotente mão do rei da criação. Enrugada ligeiramente a superfície pelo manso correr da viração, frizadas as águas, aqui e ali, pelo volver rápido e fugitivo dos peixinhos, que mudamente se afagam, e que depois desaparecem para de novo voltarem - os campos são qual vasto deserto, majestoso e grande como o espaço, sublime como o infinito. [9]

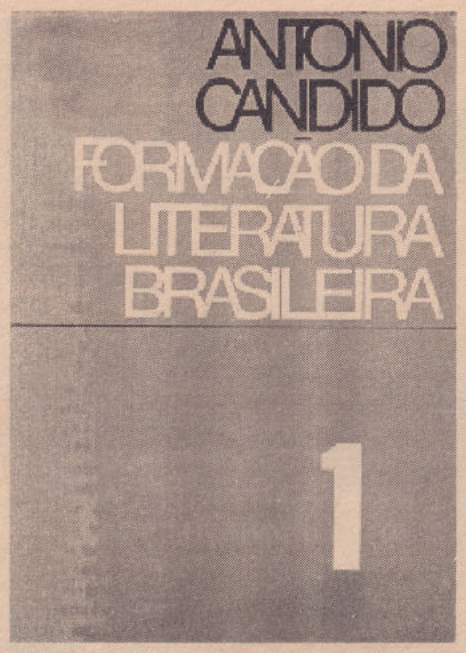
É uma grandiosidade constantemente lembrada. No capítulo III, a declaração mútua de amor entre os dois protagonistas, Tancredo e Ursula, acontece em íntima relação com a natureza, o que só faz reforçar a inserção da autora no projeto romântico brasileiro, demonstrando um dos pontos fortes de sua visão do nacional. A declaração de amor ocorre no mais espesso da mata (o velado), onde o reflexo do sol nascente penetrava a custo (a penumbra) e não se ouvia o barulho da mais pequena folha (o silêncio) - a atmosfera, portanto, é intencionalmente religiosa. Ocorre logo no amanhecer, hora em que a natureza acorda, "em que os pássaros despertam alegres e amorosos", "hora mágica em que toda criação louva ao senhor" e Ursula costuma

va conversar com sua solidão. A atitude contemplativa da personagem de Maria Firmina era comum entre os escritores e poetas românticos, para quem a beleza da natureza era uma das principais fontes de inspiração, ponto de partida para toda e qualquer espécie de devaneio.

A contemplação da beleza natural seria como que um primeiro passo para o desvelamento da beleza da Divindade, ou da própria idéia de Beleza, enquanto arquétipo platônico. A beleza natural leva à meditação acerca da perfeição do mundo, e daí a Deus - da Beleza à Verdade, da Verdade ao Bem. A floresta aparece, assim, como o *locus amoenu*, tão caro à tradição literária ocidental, de Virgílio aos poetas românicos ingleses (seja na *Ode a um Rouxinol*, de Keats, ou em *Adonais*, de Shelley), e destes à poesia romântica brasileira, com ecos em poetas nossos contemporâneos. Mas até mesmo quando descreve a floresta como uma espécie de paraíso primordial, Maria Firmina encontra espaço para exercer o seu senso crítico. Um enorme tronco de madeira, decepado e meio combusto, é usado pela autora para condenar a barbaria e a rotina das queimadas - processo ainda hoje comum, a constatar que nossa agricultura terceiro-mundista continua "semi-selvática".

A natureza exuberante é representada, ainda no capítulo III, pelo enorme pé de jatobá, de copa exuberante e tronco escultórico, que rivaliza em anos com a própria criação. Para realizar os espaçosos degraus, talhados no tronco da árvore, a natureza trabalhou "melhor que um hábil artista". Assim tinha de ser. Fiel à visão platônica da beleza, a autora só faz é constatar que a beleza da natureza, sendo cópia ou reflexo direto da Beleza Divina, é superior à beleza conseguida pelo melhor dos artistas. Porque a beleza artística, cópia da beleza natural, é já uma cópia da cópia, uma cópia de segundo grau e, portanto, inferior.

Platão encontra-se presente em tudo e por tudo. A declaração de amor baseia-se nas premissas do amor platônico, o amor-veneração, sem a satisfação dos sentidos. O louco e extasiado amor é despertado e



Antônio Cândido defende em sua obra que nossa literatura é uma ramificação da literatura portuguesa, e que sua formação verifica-se num estágio avançado da literatura matriz

confirmado sem o menor contato físico, apenas com o olhar, como se as almas dos amantes se encontrassem já ligadas em outra esfera, em uma vida anterior - um caso típico de *reminiscência* platônica: não um conhecimento, mas um re-conhecimento. O encontro se encerra com um beijo na mão, no capítulo VII, depois de Tancredo ter contado a Ursula toda a sua desventura amorosa com a falsa Adelaide.

A citação específica do capítulo III, aqui, justifica-se por ser ele uma espécie de núcleo de toda a trama, a partir do qual a história irá se desenvolver. Mas não há dúvida de que a estética romântica é a roupagem a revestir todo o romance. É assim que a "sedutora palidez" de Ursula, bem como seu constante estado melancólico (ressaltado no capítulo III pela iminência da partida de Tancredo), disposição de espírito que a fazia "mais bela do que nunca", resulta da condição de moda a que fora alçada a melancolia - segundo Sonia Brayner[10], a partir de Chateaubriand, em *René* e *Le Génie du Christianisme*. Cite-se ainda o aspecto cavalheiresco encontrado tanto em Tancredo quanto em Túlio (homens para quem a palavra empenhada era ouro-de-lei), para reforçar o quanto a forma de escrever de Maria Firmina dos Reis é coerente com o seu tempo.

Se o nacionalismo de Maria Firmina encontra-se materializado no que seu romance tem de elegia à natureza tropical e ufanismo pela nossa terra, deve-se ressaltar que sua visão do nacional passa também pelo apego à liberdade e conseqüente repúdio à tirania - neste caso, desviado das lutas pela independência e autonomia dos países estrangeiros para o ataque incisivo ao problema da escravidão, o que coloca a autora na vanguarda do movimento abolicionista brasileiro (a publicação de *Ursula* ocorre apenas nove anos depois da Lei Eusébio de Queiroz, que determinou a abolição do tráfico negreiro).

A escravidão é atacada de maneira nua e crua, com coragem poucas vezes vista na Literatura brasileira de então. O problema é colocado, também, já no primeiro capítulo do livro, quando a autora apresenta o personagem Túlio:

> O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, embalde - dissemos - se revoltava; porque se lhe erguia como barreira - o poder do forte contra o fraco!... [11]

Mas é numa fala da personagem Suzana que se encontra a mais forte passagem relativa ao tema. Com uma riqueza impressionante de detalhes, que demonstra um pouco da extrema violência que caracterizava a escravidão africana no Brasil (e que muitos vão tentar, depois, minimizar), a velha escrava narra sua viagem até aqui, num navio negreiro:

> Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a *mercadoria humana* no porão fomos *amarrados* em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!
>
> Muitos não se deixavam chegar esse último extremo - davam-se a morte.
>
> Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande Deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que escaldou-nos e veio dar a morte aos cabeças do motim. [12]

Há, assim, no romance *Ursula*, como já foi dito, certo descompasso entre um *conteúdo* fortemente progressista e uma *forma* tradicional, forma que se vale, não poucas vezes, de jogos de imagens recorrentes em outros escritores brasileiros do período, como um José de Alencar. Esse descompasso, aliado, é claro, ao fato de que o livro foi escrito por mulher, parece ter sido decisivo para a não-inclusão de *Ursula* em nosso cânone romântico: duplamente censurada em sua época, a obra espera, ainda, por uma já mais que merecida retratação.

Coisa semelhante ocorre no segundo romance, *D. Narcisa de Villar*. Trata-se, sem dúvida, de livro mais enxuto, de ritmo mais rápido e melhor. A autora demonstra possuir uma técnica narrativa mais apurada, comprovada pela agilidade nas situações e nos diálogos, que parecem fluir com muito mais naturalidade. Outro avanço: se em *Ursula* o casal apaixonado não passa de um beijo na mão, a autora de *D. Narcisa* vai além: não só une os lábios dos dois amantes, Narcisa e Leonardo, em "longo e estremecido beijo", como faz com que sua donzela, após um encontro com o amado (enquanto este encontrava-se enfermo), guarde nas suas recordações "as negligentes posições de seu corpo encantador, para com profusão encherem-lhe a mente"[13]. Por outro lado, falta à autora a coragem de Maria Firmina dos Reis. Ana Luísa, mulher do século XIX, retrocede a

ação do seu romance para os primeiros anos da colonização no Brasil, escondendo-se sob o véu do passado para criticar situações do seu presente. A crítica à escravidão recai sobre a escravidão indígena, enquanto o repúdio à situação da mulher passa por condenação a algo que já teria existido, sem qualquer vínculo explícito com a situação (nada diferente) do seu tempo.

D. Narcisa de Villar pode ser considerado um romance indianista - o próprio pseudônimo da autora, Indygena do Ypiranga, demonstra seu engajamento nessa corrente. Assim, a índia Efigênia e o mestiço Leonardo, filhos da floresta, são indivíduos bons, de moral e caráter elevados. Os irmãos de Narcisa (todos, sem exceção) representam o outro lado da moeda: são os conquistadores, ávidos por terras e lucro, homens cruéis e assassinos, sem a menor sombra de qualquer virtude. D. Martim de Villar, o irmão mais velho, "era um dos tiranos mandados ao Brasil em quem recaíra a má escolha do governo português. O bárbaro tratamento e despotismo que ele exercia sobre seus numerosos administrados faziam-no odiar por essa gente de coração tão sensível e a quem ele chamava selvagem"[14].

Quanto ao enredo do romance, é simples e previsível, o que deve ser pensado, em parte, levando-se em conta o público para o qual o livro foi pensado. O trágico desfecho da história de amor entre Narcisa e Leonardo não representa novidade alguma, pois é insistentemente anunciado no decorrer de todo o romance. Anunciado de modo explícito, vale salientar. Logo no capítulo II, por exemplo, em uma das constantes intervenções da narradora (ora para opinar sobre os acontecimentos contados, ora para dialogar com o leitor), o destino reservado ao casal é antecipadamente revelado nos seguintes termos: "Ah! pobres desgraçados, que só no céu teriam o prêmio de tão grande amor!".[15]

Não poderia ser outro o fim desses dois jovens que ousaram se opor ao tirânico sistema patriarcal e escravocrata então em voga no Brasil-colônia. Narcisa, jovem órfã, negando-se ao casamento *contratado* por seu irmão mais velho e, conse-

Machado de Assis vai dar conta, em uma espécie de panorama da literatura brasileira, de modismos estéticos herdados da Europa, mas revistidos de certo instinto de nacionalismo

qüentemente, seu senhor; Leonardo, mestiço e escravo, ousando mais ainda - casar-se com a sua senhora branca. Mas a atmosfera de denúncia criada pela autora serve, também, para representar a sua própria época (o século XIX), notadamente no que diz respeito ao papel secundário que ainda era desempenhado pela mulher no teatro social.

Assim, as surpresas encontradas na conclusão do romance ficam por conta dos outros personagens da história, que giram em torno do casal protagonista. Se em determinadas passagens do livro a autora deixa transparecer uma visão progressista de mundo, reserva as linhas finais para o registro da mais conformista das visões - os maus serão sempre punidos; os bons, abençoados, aqui ou no mundo futuro, na vida que virá depois da vida. Daí o final destinado a cada um dos três irmãos de Narcisa, tanto mais terrível quanto mais terrível o personagem foi em vida. Excetuando-se o final do mais moço, D. José, que morre de melancolia, num convento, vê-se como D. Luís (pai e assassino de Leonardo) e D. Martim sofrem na mesma medida que na terra fizeram sofrer.

No epílogo, reafirma-se, num plano sobrenatural, o que já havia ficado estabelecido no mundo dos homens. O casal protagonista aparece na forma de pombas brancas; os vilões, na forma de negros corvos. Não se pode esquecer que é a velha índia Mãe Micaela a narradora original da história. Justifica-se, assim, a sua superstição quanto às aves e seu desconhecimento teológico quanto à natureza do Inferno - para onde não iriam, certamente, pelo menos dois dos três irmãos Villar, aqueles que se arrependeram no fim da vida.

O final da velha índia Efigênia, mãe de Leonardo, não obstante os aspectos religiosos que o cercam, chega até a ser cômico - ou mesmo trágico, do ponto de vista do pobre capitão que fez promessa tão desgraçada, tão sem jeito. Mas também aqui pode se pensar em uma espécie de visão do Brasil preconizada por Ana Luísa de Azevedo e Castro. O capitão da galera D. João I, que, perdido no mar, faz uma promessa à Virgem de desposar a primeira mulher encontrada em terra avistada, não é, como os irmãos de Narcisa, um fidalgo. Ao que tudo indica, chega ao Brasil em busca de vida nova, e não de terras e riquezas. Assim, seu casamento com a índia, por intermédio de um desígnio da Providência, talvez representasse, para a autora, a gênese de um novo país e de um novo povo, anunciada pela própria Divindade.

[1]CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 2º volume. p. 14.

[2]BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 103.

[3]SUASSUNA, Ariano. **A Onça Castanha e a Ilha Brasil**: Uma Reflexão sobre a Cultura Brasileira. Recife, 1976. Tese (Docência Livre em História da Cultura Brasileira) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. p. 110.

[4]2.ed. São Paulo: Melhoramentos/Círculo do Livro, 1975.

[5]"[...] expressão que elevava a fome de terras a um plano sublime. Os europeus e seus descendentes haviam sido escolhidos pelo destino para dominar toda a América. Eram a raça dominante e, portanto, responsável pelos índios - juntamente com suas terras, suas florestas e suas riquezas minerais"(BROWN, Dee. **Enterrem meu Coração na Curva do Rio**. Op. cit., p. 25-26).

[6]ASSIS, Machado de. Instinto de Nacionalidade. In:_____. **Obras Completas de Machado de Assis**: Crítica Literária. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1962. p. 129-130.

[7]REIS, Maria Firmina dos. **Ursula**: Romance Original Brasileiro. Rio de Janeiro, 1975. Edição facsimilar da primeira edição (São Luís: Tipografia do Progresso, 1859).

[8]CASTRO, Ana Luísa de Azevedo e. **D. Narcisa de Villar**: legenda do tempo colonial. Florianópolis: Semprelo, s.d. Edição cotejada e atualizada por Zahidé Lupinacci Muzart a partir da primeira edição (Rio de Janeiro: Paula Brito, 1859).

[9]REIS, Maria Firmina dos. Op. cit., p. 7.

[10]BRAYNER, Sônia. O Projeto Romântico Brasileiro. In: SECCHIN, Antônio Carlos et al. **Estudos de Literatura Brasileira - 3**: Romantismo. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987. p. 13-22.

[11]REIS, Maria Firmina dos. Op. cit., p. 13.

[12]Ibid., p. 93-94.

[13]CASTRO, Ana Luísa de Azevedo e. Op. cit., p. 43.

[14]Ibid., p. 24.

[15]Ibid., p. 29.

Carlos Newton Jr., pernambucano, é professor de Estética e História da Arte da UFRN.

Hannah Arendt, Karl Popper e a banalidade do mal

Laurence Bittencourt Leite

Hannah Arendt foi uma mulher e tanto. Professora, jornalista e principalmente filósofa, com a marca de ser independente. Escreveu algumas das obras seminais deste nosso século. "As Origens do Totalitarismo", onde ela analisa a ambiência e as condições propícias ao engendramento de ditaduras atrozes, é um desses legados sem paralelos em nossa história. Sua obra prima sobre o tema, no entanto, continua sendo "Eichmann em Jerusalém. A Banalidade do Mal", que li em São Paulo. Eichmann foi um dos homens de Hitler, o que transacionava a deportação de judeus de outros países para a Alemanha, para serem mortos. Depois da derrocada Nazista, Eichmann conseguiu escapar e sobreviver ao julgamento de Nuremberg, sendo achado e preso depois na Argentina e levado para Jerusalém para ser julgado sob leis judaicas. Hannah Arendt na condição de repórter, fez a cobertura desse julgamento, o que redundou no livro posteriormente. O livro, portanto, é fruto dessa cobertura e quando veio à público causou um furor tremendo. Lembrem-se, Hannah Arendt era alemão judia.

Antes de continuarmos com nossa análise cultural arendtiana, faço questão de mencionar outro livro que fez e tem provocado algum relativo sucesso, por abordar o mesmo tema (o totalitarismo) e conter ao meu ver, a melhor critica formulada ao nazismo sob forma de indagação. O livro é "A Sociedade Aberta e Seus Inimigos" do filósofo austríaco Karl Popper. Um paralelo entre as duas visões (a de Arendt e a de Popper) é interessante e o que me proponho neste ensaio. Como adendo inicial, diria que Popper foi o sujeito que com apenas dezessete anos formulou a critica à psicanálise, que ainda hoje serve de base para questioná-la. Segundo ele, toda teoria para ser aceita como Ciência, precisaria de um argumento contrario capaz de desprová-la. A psicanálise com a pretensão de tudo explicar, se colocaria na verdade como uma anti-ciência, ou seja, não podendo ser infirmada. É uma critica correta do ponto de vista de se questionar o absoluto, ir mais além porém, não é o meu intento.

Já em seu livro "A sociedade aberta", Popper se pergunta que diferenças podem haver entre Hitler e seus seguidores e "as forças tribais primitivas", com sua ênfase no misticismo, magia e superstição. Popper um racionalista extremado, alguns chamariam de reacionário, foi um critico copioso do totalitarismo, direcionando sua critica no livro a Platão, Hegel e Marx, que seriam, segundo ele, os inimigos de uma sociedade aberta. Excluirei o segundo pois irrelevante dentro do contexto a que me proponho, e examinarei os outros dois segundo o ponto de vista de Popper.

Hanna Arendt, aos oito anos, (por volta de 1914) na companhia de sua mãe, Martha, de tradicional família judia natural da Prússia, na Alemanha.

A critica de Popper à Platão se baseia intrinsecamente no fato de ter o filosofo grego advogado em sua obra principal "A República" - não a mais importante, que continua sendo "O Banquete" - tanto no plano político como cultural, um absoluto monolítico, como linha a que o Rei Filosofo deveria adotar para gerir os destinos humanos. Nisso, Platão fez escola já que outro filosofo mais contemporâneo, Hobbes, ainda que de forma dúbia, aceitou por um lado as premissas modernas de forças materiais (sem direitos divinos) e tolerância, mas por outro, colocando o príncipe como possuidor de todos os direitos, uma vez que fora "reconhecido" e aceito pela maioria do povo. A sensação de uma sociedade aberta ainda não havia adquirido forças, nem conquistado adeptos. Popper se alçou em sua defesa.

Mas o que a análise de Popper não consegue dimensionar em seu livro é que a sociedade aberta que ele preconiza, apresenta muito mais inimigos do que os que ele imagina: Platão, Hegel ou Marx. As forças tribais materiais atuais, por exemplo, em nada ficam a dever às forças tribais primitivas de Hitler, com sua ênfase na competição brutal (quando não desleal), impedindo um desenvolvimento harmônico, gradual e por inteiro do indivíduo e da sociedade. Aqui Popper fecha os olhos, achando o atual o melhor dos mundos, ainda que erguido e acomodado sobre escombros e atrocidades mil.

Há também o fato do filosofo austríaco colocar Platão, Hegel e Marx por igual, o que seria na verdade uma outra forma uniformizar o pensamento, uma das regras de ouro de todo aspirante à ditador ou regime totalitário, que nega a ver diferenças

Acima, Hannah Arendt na casa dos 30 anos. Abaixo, Hanna e Heinrich Blüher por volta de 1950, quando já estavam refugiados nos Estados Unidos.

em desistir, conheci um novo bafejo da sorem desistir, conheci um novo bafejo da sorte porque logo na sequência, consegui xerocar dete porque logo na sequência, consegui xerocar de

e gradações entre pessoas, idéias, motivos e posições. Marx, por exemplo, pode ter mil defeitos, e tem, mas é inegável que sua posição é muito mais aberta e franca (seu discurso sobre o golpe na França brumária, é um achado) que a de Platão, ou Hegel, de quem ele discordou publicamente.

A análise de Popper, sem querer me estender, parece ser a do sujeito que pretendendo discorrer e formular uma critica liberal construtiva, termina incriminando-se em seus próprios argumentos. Sua pretensão de ser dono da verdade é inócua. Não há uma verdade, muito menos dono. Se assim fosse ele não estaria comunicando a "sua" verdade, ou estaríamos vivendo uma nova era de totalitarismo, e não estamos, ou já estamos cheios por certo, penso eu. Sua critica perde no atacado, por não saber destinguir no varejo. E se é de supor que a sociedade aberta que ele preconiza dispensaria Marx e Platão como desnecessários, nesse caso ela não seria tão aberta. Uma sociedade aberta, sinérgica, é composta não só de maioria mas também de minorias no sentido cultural do termo, de divergência e alternativa de poder, de forças contrárias que se colocam como uma espécie de antídotos à ânsias totalitárias. Ser maioria não presume exclusões. Se presume então há outro nome.

Além do que, se o desejo ou utopia de Platão era o de criar um mundo perfeito, ideal, algo oriundo da superestrutura humana e social, isso nada tem a ver com Marx, que foi o primeiro a desmascarar esse engodo, criticando-o até com uma certa cautela, sob o nome de falsa consciência. Logo nem Marx pode ser colocado no mesmo nível de Platão, nem Popper é tão liberal quanto almeja ser. Criticas que não levem em conta essas realidades é perda de tempo. No fundo o que o argumento de Popper não consegue é pesar ou avaliar as nuanças e variações que existem no gênero humano. Sua critica a Heráclito por exemplo, é de um desconhecimento total ou então demagogia pura. Ele critíca Heráclito por este ter reprovado no povo grego a expulsão de Hermodoro que se achava acima dos seus semelhantes. A atitude de Hermodoro para Popper seria antidemocrática, imaginem o que não fariam a ele Popper. Aceitar diferenças não é tarefa fácil, nem para qualquer um. No fundo o argumento de Popper soa quando muito filosofia

Hannah Arendt junto do primeiro marido, Günther Stern (que mais tarde adotaria o psudônimo Anders) em 1929. Nesse ano, ela publica sua tese de doutoramento sobre santo Agostinho.

de Nietzche no que ela tem de pior, e sabemos bem de que forma ela foi utilizada

Visto de outra forma seu argumento, lembra muito uma filosofia econômica moderna que diz: se concordas com nossas normas liberamos o credito, se não, nenhum acordo. Unilateralismo não é liberalismo. E liberalismo pode ser bom, mas desde que nos satisfaça. Essa tem sido uma premissa e promessa ao longo dos tempos com poucas mudanças. Continuar nessa crença é permanecer na obscuridade.

Mas voltemos a análise cultural de Arendt e ao seu livro sobre o julgamento de Eichmann em Jerusalém, que como disse, quando veio à público, caiu como uma bomba nos meios literários e intelectuais judeus, talvez só comparado ao opúsculo de Freud intitulado "Moisés e o Monoteísmo". Neste ensaio, Freud afirma ser o fundador da religião judaica, não um judeu e sim um egípcio, o que ainda hoje, para muita gente, parece soar como uma grave heresia. Já o livro de Arendt "Eichmann em Jerusalém. A Banalidade do Mal" é obra indispensável à compreensão real do que aconteceu naqueles anos de guerra (a 2ª). Ficamos sabendo que países colaboraram da maneira mais subserviente e vergonhosa, e os que resistiram (poucos) à deportação dos judeus. O ditado não tão verdadeiro

O segundo marido de Hannah Arendt, Henrich Blücher, no tempo de jovem. O casal fugiu para Nova Iorque em 1941.

do conservador Clemanceu de que o problema de um é o problema de todos, soou como um alerta geral após a primeira guerra, que Arendt assimilaria e faria repercutir em seus trabalho e cartas posteriores. Seus escritos passaram a ser uma espécie de incomodo no sapato da civilização. Mas o livro conta mais.

O título, no entanto, é um achado. Quase diria o melhor. Em Nuremberg os nazistas se defendiam dizendo que receberam ordens. Todos os dias recebemos ordens as mais diversas, mas você caro leitor é capaz de executa-las? No livro Hannah Arendt mostra que sim, e pior, mostra ser o mal tão banal e corriqueiro quanto acordar e dormir (desde que você tenha onde acordar e dormir), podendo ser visto nas maledicências diárias, nas chacotas do dia a dia, nas intrigas, só não ganhando dimensão maior, porque não chegam às vias de fato. Ou seja, o que ela nos mostra é que apesar das "desculpas" nazistas, o mal vive à espreita pronto a ser deflagrado ao menor comando. É de uma verdade nua.

Mas o furor maior causado com o livro, foi o fato dela ter mostrado e até provado, que a resignação dos judeus ante o massacre, também fora algo abominável. No livro ela cobra responsabilidade moral dos judeus. Ela conta por exemplo, que eles recebiam ordens para fazerem filas nos campos de concentração às sete horas da manhã. Resignados e obedientemente eles já estavam prontos quinze minutos antes. Esses dados soaram como um torpedo entre o seu povo.

Intelectuais judeus do mais alto gabarito como Gershom Sholen se roeram indignados com o livro, acusando, ela Arendt, de não ter amor ao próprio povo, povo do qual ela fazia parte. A fúria de Sholen pode ser compreensível, em se tratando de um massacre, mas o que o livro não deixa duvida, e revela de forma indelével, é que o mal não pode ser visto apenas nos grandes massacres, e sim também no dia a dia, nos terreiros, nas quitandas, nas escolas, não sendo primazia de nenhum povo ou nação. Se assim for visto é o caminho certo para a exclusão e o genocídio. É uma critica impar. Se o humanismo acabou, o livro de Arendt é uma chama para o que ainda resta.

Voltaire um dos pais da filosofia moderna (sua "Cartas Inglesas" – quem mais lê isso hoje em dia meu deus, com essa juventude, talvez só eu e o nosso Carlos de Souza - continuam tão atuais quanto o último livro de Fernando Sobreira), disse que se deve ter preferencias, nunca exclusões. Arendt assinaria embaixo. Mas Arendt diria mais e melhor: que exclusões existem e que é preciso corrigi-las.

Foi sem duvida uma das mentes mais férteis e criativas do nosso século. Há quem a ache a maior. Livros como "Entre o passado e o futuro", "A condição humana", ou mesmo "Homens em tempos sombrios" que traz um posfácio, acreditem, do hoje Ministro do Desenvolvimento Celso Lafer, revelam uma mente arguta, brilhante, preocupada com o intimo humano, com a condição humana, com o que chamamos de humilhados e ofendidos. Seus ensaios sobre Heidegeer, Rosa Luxemburgo, Brecht e principalmente um filosofo alemão chamado Lessing, são exemplos de clareza, profundidade psíquica e humanismo sociológico.

Arendt se deu ao trabalho de pensar muito sobre a questão do público e do privado. Se para Aristóteles o homem era um ser político por essência, ainda que ele tenha exercitado muito pouco dessa condição (Platão exerceu e discutiu muito mais, não só criativamente), para Arendt, essa era uma verdade inalienável. O incrível no seu caso, é que mesmo sabendo que interesses profundos podem ressoar, e ressoam, por traz de cada gesto ou ato público, ela tenha voltado sua obra e reflexões para os aspectos e condutas públicas e consequentemente política. Essa, segundo sua visão, era a esfera onde a vida humana era decidida e resolvida. Ou seja, Arendt acreditava firmemente que a política era algo social, coletiva, o que já sabíamos via literatura de Dostoievski, onde o herói moderno cedeu lugar a uma critica permanente à condição humana e a sociedade capitalista.

Mas se Arendt acreditava em política, não era como forma de catequizar a ignorância, apenas, à la Brecht, mas como forma de incorruptibilidade, de conscientização e educação geral, de todos, capaz de criar uma cidadania, à la gregos. Não é a toa que os gregos com sua ânsia e carga de democracia quase que permanente, povoaram sua mente, ainda que sua visão tenha sido presente, rigorosamente presente e moderna.

Em outras palavras, sua filosofia era de julgamento e conduta, e não de protelação, como fizeram os filósofos franceses e ingleses a partir de Hobbes, com suas "conseqüências calculadas". Isso seria, na visão de Arendt, uma filosofia do quietismo, à la Parmenides. Em resumo Arendt não aceitava, nem era adepta do cruzar os braços. O caminho mais fácil sempre, a quem não quer questionar ou fazer nada.

Seu único e talvez dispensável deslize, foi ter achado e atribuído uma importância maior a constituição americana em detrimento da revolução francesa. Se bem que tendo em vista o que redundou o iluminismo dito liberal, com o terror e ideologia subsequentes, é possível que ela tenha razão.

Arendt transitou muito entre os grandes intelectuais deste século, por cartas ou diretamente. Sua correspondência com outra mulher que marcou nosso tempo, a escritora Mary McCarthy, é um primor de

Hannah Arendt lecionando na New School, nos Estados Unidos, na década de 70, quando há havia dado a público suas principais obras, como: *As Origens do Totalitarismo, Sobre o Totalitarismo, A Condição Humana, Homens em Tempos Sombrios*, etc.

sabedoria, informação, humor e humanidades, mas que a critica (a bana-lidade do mal como sempre) quis fazer da correspondência, como se isso fosse um pecado, uma opção sexual.

Arendt teve dois casamentos e morreu em 1975, quando se preparava para lançar um material sobre a filosofia de Kant, o que ocorreu postumamente. Ela escreveu muito, em especial sobre a causa judaica, mesmo depois do polêmico caso Eichmann em que ela foi tida e colocada numa espécie de exílio marginal. Mesmo sendo sionista, sua capacidade de critica renovadora e pouco convencional, o que sempre abala os mais sensíveis, é o que fica claro em suas avaliações e reflexões, quando viu, por exemplo, com certa afeição o problema Árabe. Problema que ao que tudo indica poderá ter uma resolução em breve, ainda que não seja a definitiva nem a melhor. É que Arendt não pensava de forma simplifica, como numa conversa de bar.

Algo que fica claro em outro artigo seu de 1959, tão polemico quanto o caso Eichmann, quando ela foi cobrir um conflito racial em Little Rock, uma pequena cidade de Arkansas EUA, onde pais brancos não queriam que filhos de negros estudassem juntos aos seus. O artigo chamado "Reflexões sobre Little Rock", é impecável sob o ponto de vista de responsabilidade moral e cultural. Arendt defendeu o ponto de vista difícil para a época, e quiçá ainda hoje, de que não se deveria colocar responsabilidade sobre crianças, e que a solução não era forçar a barra, obrigando a convivência, mas permitir leis pela miscigenação e pela integração nos transportes públicos, proibidos à época. Pensem e contraponham ao que falávamos sobre Popper.

Hannah Arendt vislumbrou como poucos as marcas do nosso tempo. Um tempo de banalização crescente, auto propagando ridícula e puerilidade. Há uma biografia sobre ela escrita por Elisabeth Young-Bruehl, chamada "Hannah Arendt: por amor ao mundo" é um bom título e diz muito do que foi essa mulher. Mas um título melhor poderia ser "Hannah Arendt: Uma vida para o nosso tempo". Este título, no entanto, já foi dado em livro a outro grande judeu, não menos importante, ou talvez não contivesse toda a importância que ela merece ter.

Laurence Bittencourt Leite é Jornalista.

Madrugada

Djacy Branquinho de Mendonça

Durante todo o tempo ela ficou irresoluta. Temia ir longe de mais e botar tudo a perder. Mas houve aquele momento em que algo se rompeu dentro dela e a voz lhe saiu quase independente:

– Fique... – pediu, de pé, diante dele, sem conseguir evitar o tom implorativo.

Ele estava sentado na beira da cama, ainda de cuecas, mas já calçando os sapatos.

– Não adianta, você sabe – disse, sem olhar para ela nem interromper o que fazia.

Ela sentiu chegar o calafrio que sentia quando ele se aprontava para ir embora, e sentou-se ao lado dele.

– Sim, eu sei... – reconheceu, cobrindo-se com o lençol para proteger-se do frio. – Por que não se veste primeiro e depois calça os sapatos? – observou, embalada pelas antigas lembranças. – Eu só vivia costurando as barras das suas calças...

Ele ficou imóvel.

– Não mudei muito, como vê – ironizou, olhando-a, rápido, e estirou a mão para pegar a roupa na cadeira ao lado da cama.

Quieta, agasalhada sob o lençol, ela enternecia-se observando os conhecidos movimentos que ele fazia no velho ritual de todas as manhãs quando saía para trabalhar.

Quando ele terminou de se vestir e se levantou para ir embora, olhou-a de relance e foi tocado por inesperada meiguice. Uma réstia de lua afagava o rosto dela, refletia o brilho molhado dos seus olhos e fugia sob os cabelos negros e ondulados que lhe caíam como sombras sobre as costas.

Ela comoveu-se também e abraçou-o e recostou a cabeça no ombro dele e ficaram assim os dois por um momento completo. Depois, ele desvencilhou-se devagar dos braços dela, afastou as mechas que lhe cobriam o rosto e beijou-a de leve.

Ela não se conteve.

– Por favor, fique! – disse, a voz vindo de longe, denunciando o esforço de tentar mudar os rumos de suas vidas antes que fosse tarde demais.

– Você sabe que não é mais possível, Marta...

– Mas eu te amo! – ela disse, como supremo argumento.

Ele inclinou a cabeça, pensativo.

– Sim – declarou, e havia amargura naquela palavra. – Sim, agora você reconhece...

Ela sentiu raiva.

– Será só minha, a culpa? — inquiriu, piscando muito para se controlar.

Ele olhou-a de frente e respirou fundo, resignado.

— Não vamos mais discutir isto.

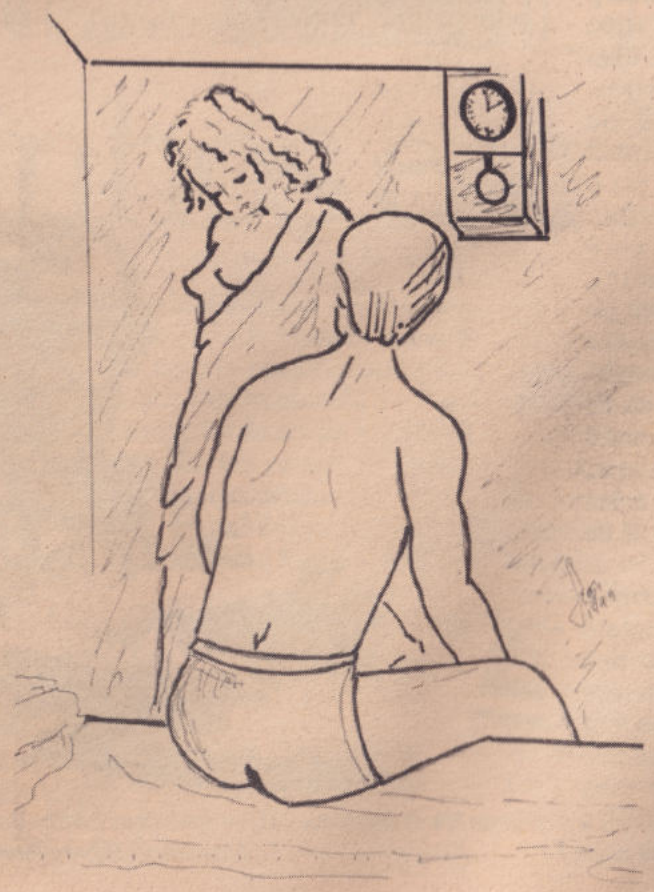
— Está bem. Não vamos discutir.

— Vem comigo ao portão? — ele perguntou, abrindo a porta do quarto e voltando-se para ela.

Houve um silêncio decisivo. Então, ela ouviu a própria voz carregada de angústia e desespero, como voz de outra pessoa.

— Por favor, fique! Não suporto mais!

— Marta... — ele murmurou, e voltou alguns passos e acariciou o rosto dela. — As crianças podem acordar. Por favor, se acalme.



— É que me sinto muito só!

— Não se martirize.

— Por que você é tão duro?

Ele olhou bem nos olhos dela.

— Não é isto, você sabe...

— Ah, sim! Você não esquece!

— Marta...

— Meu Deus! Você não esquece, não é?

Ele tornou a respirar fundo e reconheceu.

— É, sim. Não esqueço.

Ela balançou a cabeça.

— Então, por que ainda vem? Por que ainda me procura?

Ele ficou calado.

— Não sei — disse, por fim.

— Não sabe?

— Não, não sei.

— Ou talvez saiba e não queira admitir?

— É, talvez seja isto.

Ela apoiou-se nele e calçou as chinelas, felpudas e coloridas.

— Não pode viver sem mim — disse, com amargura, olhando-o bem dentro dos olhos. — Mas também não pode viver comigo... Isto é triste, muito triste!

— Por que não aceita a situação, simplesmente?

Ela afagou o rosto dele com ternura.

— Desculpe — disse, sorrindo, e abraçou-o com força. — Acho que estou ficando velha!

— Não fale assim. Vem comigo?

— Me assusta ficar velha sem você.

— Não diga bobagens! Vem comigo?

Ela levantou-se, fechou o roupão e acompanhou-o, enxugando uma lágrima renitente.

— Vou, sim — disse, com um sorri triste. — Talvez vizinhos abelhudos nos vejam.

— Não entendi.

— Quero que saibam que é você, que será sempre você.

Djacy Branquinho de Mendonça pernambuco, é contista.

A memória das cores

Águeda Zerôncio

E gritava qual um estandarte
que tivesse o entusiasmo
de saber que era vermelho
Raul Pompéia

.

No livro de Diógenes da Cunha Lima, ser poeta é possuir o entusiasmo de saber em cores. Consciência de cor é consciência artístico - existencial. Vitalidade: *Sem brilho o homem baço,* escreve o poeta de ***A memória das cores***.

Todo desejo humano é o desejo de ser amado, disse Freud. Lacan significou este desejo como o desejo de se fazer ver (faire voir), equiparado à consciência. A perda deste olhar é perda de amor e de reconhecimento. Sem o olhar do outro, o homem fica, também, sem a imagem de si.

Saia da penumbra
A vida é muito mais
que luz e sombra,

adverte ***A memória das cores***.

Sair da penumbra é, para o poeta, invocar o olhar que reconstitui a existência na memória que as cores comportam. É demandar amor nos coloridos cofres de Mnemosyne. Sem amor, o homem deixa o lugar das fantasias para o dos fantasmas, nos quais se converte. Reduzido ao tenebroso, sem que lhe espelhem imagem (que aí não tem), verte-se em penumbra.

"A memória das cores é um FIAT LUX, peculiarmente diagramado"

Em ***Instrumento dúctil,*** o poeta de ***A memória das cores***, fizera do poema "Noturno", o protótipo de equivalências semânticas entre escuridão, amargura persecutória, desamparo, desorientação:

Noite, noite, noite em mim
sinto o sotaque ríspido
Das balas. Tem cem caixotes de escuro
Sobra a cabeça / Risco o fósforo
O escuro foge
E contra-ataca com o vento.
Noite em mim.

Entretanto, algo incorpóreo parece resistir à escuridão: a dor da angústia provocada pelo vazio do "eclipse" do ser, que permanece acesa mesmo que todas as luzes já estejam apagadas.

Os versos oferecem ainda ensejo à construção de uma *metáfora* aos fracassos súbitos ou eventuais da inspiração - flagelo de artista.

Em ***A metamorfose das cores***, do oco caótico, surgem maldades, assombrações- *Na consciência dos maus / O negro entra em degredo / Prima matéria do caos* e, mais adiante, *Velozes cavalos negros / nutrem a noite Ide pretos de medos.* A escuridão carece de exorcismo, a realçar as alegorias do bem:

No escuro da catedral
Se a prece se desvanece
Foge o anjo do vitral.

Numa imagística de luz e de sombra, o escritor processa emoções e idéias estético-poéticas, onde o branco acena à consciência artística, no poema "Sequilhos e Alfenins" de ***Poemas versus prelúdios:***

Antigas doceiras bordam
Sequilhos, branco alfenim
Eu quero, quero mais
Do doce que não tem fim.

O desejo, aqui, é declarado insaciável, insistente. A arte - doce bordado - é seu objeto imorredouro, permanentemente buscado pelo desejo que a decanta. O poeta é suposto reconhecedor dos sequilhos e alfenins nas brancas folhas de papel, onde "borda" poemas. Doceiras e poeta encontram-se, assim, para sempre, enlaçados no jogo imortal da fantasia.

Por sobre o firmamento
O Cristo do Apocalipse
Se veste de cinzento.

Saia da penumbra
A vida é muito mais
Que luz e sombra.

A memória das cores é um FIAT LUX, peculiarmente diagramado, contendo cinqüenta "paletas para poemas". Trevoso, às primeiras, cumpre, a seguir, advertência poética. Sai da penumbra e faz travessia colorida, que o conduz, finalmente, à paleta branca", onde se concluirá na forma poeticamente sonhada por seu criador:

Branco perfeição do ser
Leite do seio materno
Cor em que se deve morrer.

O percurso artístico do poeta é Via Láctea aberta no seio materno da Língua, de onde sai o alimento que faz correr do bico da pena, através da palavra pura, isenta dos aditivos da incompreensão.

Língua, branco útero das letras que, em poesia, são delírios, assim como as cores ***são delírios do branco***, segundo ***A memória das cores*** onde, mais uma vez, em poesia, Diógenes honra a mulher.

Águeda Zerôncio é Mestra em Literatura Brasileira e Professora de Literatura da UFRN

II GUERRA

Lembranças tristes e alegres

Maria de Lourdes C. Nogueira

Nessa época, na minha cidade, provinciana e tão pacata, cidade menina, ficando mocinha, tivemos de nos retrair para entrarmos na realidade da guerra como filhos atentos da nossa pátria.

Ficamos quase no poder dos americanos que vieram se juntar a nós dizendo que tinham de fazer alguma coisa pelo mundo. Tudo indicava que íamos guerrear juntos.

Começamos então a ver submarinos inimigos mergulhando nos nossos oceanos calmos, azuis, serenos e sem mácula; somente com o quebrar das ondas que deixavam nas nossa praias lindas, espumas brancas da paz. Foi aí que as coisas tomaram sentido de guerra e tivemos então, os treinamentos - se obedecia a tudo: hora certa para sair e entrar, respeitar os avisos das sirenes, não se podia fazer reunião em nenhum lugar, tinha hora de *"black out"* total nas ruas e nas casas, até com uma réstia de vela se era chamado a atenção. Tinha os dias de exercícios – treinamentos de guerra, batalhões nas ruas - eram todos obedecendo. Nas noites de *"black out"* se cruzavam no céu os holofotes, num espetáculo lindo mas de muito temor, porque às vezes, era procurando algum sinalzinho de avião – era o mais temido, pois se eles, os inimigos, alcançassem Dakar, o próximo ponto seria aqui.

Muitos jovens se casaram logo, com medo de ir para a guerra, pois, serviam ao exército, primeiro, os solteiros. Acho que o meu casamento que já se demorava por cinco anos, saiu por isso!

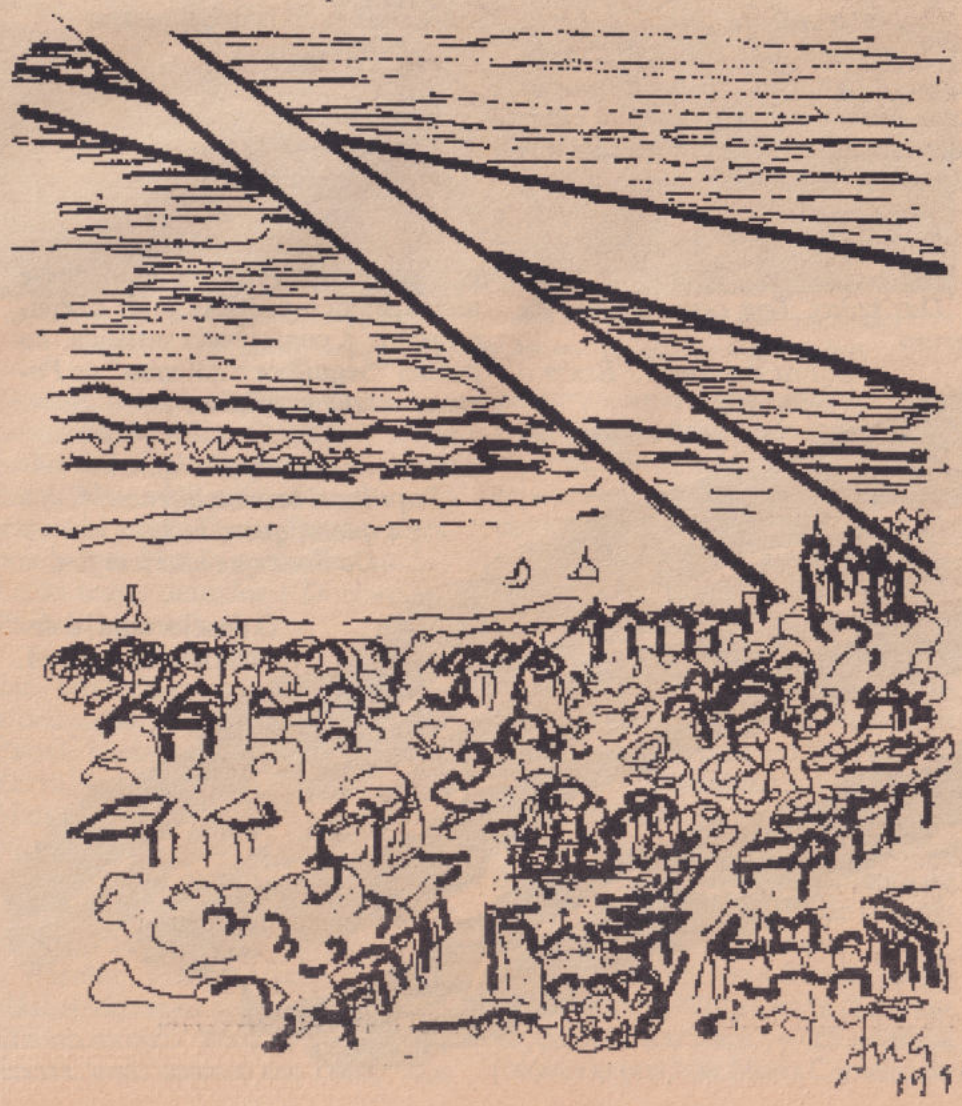
Os nossos brasileiros nordestinos são muito inteligentes, artistas e sabidos (outra arte). O nosso comércio cresceu muito pois entrava muito dinheiro. Pouca gente possuía rádio – se ouvia os noticiários bem tarde, depois do *"black out"* e, quando algum amigo passava, transmitia as notícias. O comércio, com a estadia dos americanos, tomou impulso pois lá no "Grande Ponto" e no "Alecrim", começou a vender rádios grandes e pequenos e coisas facilitadas.

Como era muito difícil falar com o meu namorado eu saía com minha vó torta, Nana, quarta mulher do meu avô, padrinho Costa, que me ajudava me levando para casa de uma "parenta" dela que costurava e era lá onde eu e Milton nos encontrávamos – isso quando ele tinha folga na Usina de algodão lá de Baixa Verde, onde trabalhava. Atravessávamos a Alexandrino de Alencar e saíamos na Avenida 2, onde se armava as barracas da feira. Isso no escuro. Quando os holofotes clareavam eu via a pobre da vó caindo em cima das mesas da feira... era uma risada de sufoco!...

O "pracinhas americanos", quando estavam de folga, saíam pelas ruas para brincar. Sempre encontravam aquelas menininhas, doidinhas, nas "pracinhas de jardim". Elas não sabiam de nada, eles procuravam ensinar. Porém, de querências amorosas, entendiam muito bem.

Uma empregada da minha casa, um certo dia, varrendo o alpendre, espantava a criação e dizia assim: *"xô, xô, mai frengue* (my friend!?), *estas mai frengues estão gudibaisando aqui!..."* Lembro outra dessa figura com um rapaz que era vigia na minha casa. Ele era bem baixinho, nós o chamávamos de "Bonezinho". Pois bem, um dia, ele passando por ela ouviu: "- *Alô bóoi!* (boy) e ele respondeu de imediato: *"- Gudiivai vaca!..."* O diálogo continuou porque ela irritada arrematou: - *"Eu só lhe perdôo pruquê você não sabe ingrês!..."*

No começo procuravam enganar muito os americanos: mostravam papagaios velhos e falando e vendiam periquito verde, que nem cresce e nem fala; vendiam saguins, aqueles bichinhos saltitantes como macacos,



e diziam que eles cresciam e ficavam igual ao homem.

No sítio onde morávamos, mamãe vendia tudo – mangas, sapoti, caju, cajá-manga. A gente sempre ouvia muitas besteiras de conversas. Era a verdade nua e crua. Alguns rapazes se entrosavam com os soldados americanos e serviam de intérprete, levando-os para as casas alegres, noturnas. As vezes trocavam de serviço com eles, vestindo as fardas de soldado americano. Eu ouvia estas cousas, conversas!...

Numa noite eu fui com uma prima, mais velha que eu, ao Hospital *Policlínica,* pois estávamos com uma tia quase morrendo e voltamos muito tarde. Quando atravessamos a linha do bonde, três americanos vieram em nossa direção ameaçando nos agarrar e dizendo: *"Mary!... Mary!..."* Eu olhei para eles e vi que um deles era nordestino até debaixo d'água. Eu me dirigi assim para eles:

- Meu filho, olhe que não somos "meninas de programa". Estamos vindo do Hospital, onde deixamos uma tia se ultimando... Vamos passar ali na Delegacia e pedir ao delegado um soldado para nos levar pois a rua Alexandrino de Alencar é muito esquisita.

Este *"americano nordestino"* nos atendeu muito bem e afastando os americanos para traz, se ofereceu para ir nos deixar (isso em português!...). Agradecemos e fomos até à Delegacia. O delegado nos recebeu muito atenciosamente e mandou um soldado nos deixar.

- Boa noite e obrigada (nesse tempo, respeitávamos as autoridades militares e estes respeitavam a farda que usavam).

No dia em que tudo terminou, às 6 horas da noite, houve um pequeno *"black out"* e apareceu no céu do "Grande Ponto" o **V** da vitória bem luminoso. As sirenes tocaram por despedida e os holofotes fizeram com dois imensos fachos de luz, o seu *"Balé da Paz"* . Foi nesta hora que o meu esposo (tínhamos casado recentemente), me abraçou e disse:

- "Esta Vitória é nossa também!"...

Maria de Lourdes Cavalcanti Nogueira, 78 anos, é escritora e dona de casa

Auto de Natal

em que se conta a estória de Jesus Natalino Nascido num terreno baldio onde se instalara um circo

Uma cidade não se abre fácil como
Um guarda-chuva.
Nei Leandro de Castro

Dorian Gray Caldas

Quando eles chegaram
Às portas da cidade
Já entardecia a tarde.
Fecharam-se as portas
Da noite
Com o sol posto.
Não ultrapassaram os muros
Guardados pelos cães noturnos.
Um céu de laranja ainda
Gritava seus metais de cinzas.
A dor abre a flor
Do seu sexo
No nascimento do filho.
A dor é sua certeza humana
Sua consciência de vida.
O nome é Jesus Natalino
Homenagem ao Menino.

Ele também teve esta palha
Que mal agasalha.
Ele também teve esta estrela
Igual
Tão distante e fria.
Ele também teve
A pálpebra de Deus
Do espaço inteiro
Quando morreu.

Maria e o seu pedreiro
(ou carpinteiro?)
e o menino
que nasceu.
As lonas esfarrapadas
Mal cobrem do circo
A entrada.
Curiosos como os homens
Os bichos foram chegando
Para ver do menino o nascimento.
Foram chegando também
Os homens
Como depois da festa
Na noite do sono despertam.
Cada um foi trazendo
Alguma coisa que valha:
A água que às vezes falta
E o pão que a todos igualha.
Trouxeram também o vinho
E anteciparam o sangue
Com outro nome.

Anteciparam a festa
E a morte no auto,
Que a alegria
Antecede.
Festejaram o nascimento
Com o auto dos Santos Reis
Que a tradição preserva
Em homenagem
Ao menino Deus.

Dorian Gray Caldas é artista plástico e poeta.

Pois é a Poesia

Luís Carlos Guimarães

POEMA DAS JANGADAS

Antes que o mar se encrespe em vagalhões violentos,
as jangadas,
ainda há pouco repousadas
sobre os rolos possantes,
descem à praia, a impulsos repetidos e constantes,
para o embalo das ondas e dos ventos.

Em derredor, a curva azul do espaço
cada vez mais a se fechar...
Parecem presos por um mesmo abraço
mar e céu, céu e mar...
Nesse imenso panteísmo de amplidão,
com que os dois elementos se harmonizam,
as jangadas sintetizam
entre eles branco traço de união.

Lá se vão todas, à mercê da sorte,
pontilhando de branco o azul do mar;
— bando de asas enormes a voar
sem destino e sem norte...
Nada as detém... e antes que o sol desponte,
à medida que as brumas se esvaecem,
lá se vão elas... já desaparecem
na linha misteriosa do horizonte.

Ei-las que voltam. Primeiramente,
são reticências brancas sobre o azul do mar.
Depois, mais distintamente,
nas águas a deslizar,
as jangadas
— chuva e sol, treva e luz, noite e dia enfrentando —
à ação de vários ventos,
parecem aves marinhas esvoaçando
atrevidas, ousadas,
em meio ao desencadear dos elementos...

O FAROL

Alto, da noite ao fundo isolamento,
como um grito de luz solto nos ares,
o foco do farol, entre cismares,
brilha e rebrilha em suave movimento.

De súbito, qual lâmina que os mares
corte, num golpe rápido e violento,
ele afrontando calmaria e vento,
projeta imagens de ouro e de luares.

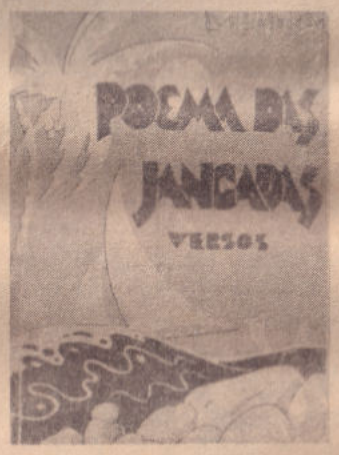
Sentinela a vigiar da noite enorme
o fantasma esquisito e temeroso,
ei-lo de pé: não se distrai nem dorme...

Através da escuridão pestanejando,
o farol sintetiza misterioso
fogo-fátuo nos ares se librando.

Luís Patriota

Luís Patriota

A tendência natural ao esquecimento talvez atinja em maior escala aquilo que é realizado com o intuito da permanência. Na literatura, por exemplo, na prosa e na poesia a incidência de exclusão é mais acentuada. Com os poetas parece, até, que sua existência corresponde ao tempo de sua atividade literária, contribuindo, também, para esse aspecto, o fato redutor das pequenas tiragens dos livros e sua precária divulgação. Com os livros esgotados, o registro das antologias impede que a deslembrança seja total, e numa delas — reeditada recentemente, organizada por Ezequiel Wanderley — entre mais de uma vintena de poetas, está Luís Patriota, que neste novembro que passou completou o centenário de nascimento.



Luís Patriota tornou-se conhecido pela publicação de dois livros de poesia: o *Livro D'Alma*, de 1922, e *Poema das Jangadas*, de 1936. Embora tenha anunciado o lançamento de um terceiro volume de poesia — *Coração* —, veio a falecer sem publicá-lo. O livro de estréia, na sua quase totalidade de sonetos, com a Semana de Arte Moderna tem apenas a coincidência de ser publicado no mesmo ano do evento, que impôs novos rumos à literatura brasileira.

À época, o parnasianismo estava em fluxo declinante, mas a poesia do seu primeiro livro, destacando forte lirismo, prendia-se àquela escola na linguagem e na forma. Nessa moldura poética, recebeu a influência, como muitos pelo Brasil afora, do que foi considerado o núcleo dessa corrente literária, formado por Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, a chamada trindade à qual um segmento da crítica acrescentou, entre os maiores, o paulista Vicente de Carvalho.

Aqui na província, Luís Patriota não podia fugir dessa irradiação catalizadora. Se quisermos incluí-lo em algum grupo, digamos que foi um parnasiano fora do tempo, com raízes na alma do romantismo. Cantava os temas à sua volta: o amor, a igreja de sua cidade, as andorinhas, os pescadores, as velas das jangadas de sua terra, para citar uns poucos. Mesmo assim, foi um poeta do seu tempo, e ainda hoje, se analisado com isenção crítica, deve figurar entre os poetas importantes do Estado.

O *Poema das Jangadas*, o segundo, começa com um longo poema de igual título. Ainda que na segunda parte predomine o soneto, nele revela uma enunciação diferente de sua poesia anterior. Os versos longos, espraiados, alternam com outros curtos, em contraponto com uma métrica desigual, enquanto construídos com rigor e elaboração, não deixam de mostrar um ritmo de espontaneidade semelhante ao que começava a aparecer na poesia brasileira pós 1922. Quem sabe se Luís Patriota já não estava recebendo o sopro renovador da nova poesia. Um belo poema que *Pois é a Poesia* apresenta neste número um fragmento, e também um soneto do seu primeiro livro.

O *Livro D'Alma* teve o prefácio do poeta Sebastião Fernandes. Uma avaliação serena do poeta que estreava com menos de 20 anos, ressaltando que "Luís Patriota tem, o que é raro, uma individualidade própria que vai acentuadamente se definindo em todas as suas produções; uma larga inspiração objetiva; uma forma prometedora de modelos acabados, desde as exigências métricas à emoção poderosa, assinaladora dos verdadeiros artistas".

A homenagem de *Pois é a Poesia* ao poeta Luís Patriota, no centenário de seu nascimento.

Demência

Chico Morais

Enquanto as galinhas catavam migalhas de entretenimento, no terreiro pedregoso, Sinh'Aninha sugava fumaçadas do seu pretorento cachimbo. Recordações diluídas nas elipses daquele sertão rarefeito. Ausências como uma promessa de carta, escrita num tempo inalcansável, falando de fertilidade de terra "onde em si plantando tudo dá". Sertão aquele, desfalecido como peito sugado, sem mais uma gota de vitalidade para amamentar vontade de existir. Bezerros, ainda verdinhos, tinham ponto final como futuro. Urros de vacas caíam sobre os campos pelados, declarando condenação. Sinh'Aninha, sentada no batente da porta, olhava para o horizonte vazio, a perscrutar detalhes de uma fotografia quase centenária. Vista pouca para alcançar. Ninguém por perto. Apatia feita de raivas impotentes e palavras mortas, rolando debaixo das juremas, entre espinhos muitos.

As coisas estavam marrons à vista de Sinh'Aninha. O cheiro da urina dos cavalos corria ruralesco, perfumando o mundo com uma essência profundamente saudosa. Aquela alma velha arremessava-se em vôos gulosos de ave-de-arribação. Vôos sem alcance. Pensamentos caíam esmorecidos sobre os pontiagudos punhais do presente. Sertão feito carta em promessas gulosas, para um futuro que já passara. "Tempo bom já se foi". Sinh'Aninha cachimbava e a fumaça se danava mundo a fora, esmaecendo, suicidando-se.

– Bem-te-vi! Bem-te-vi! – chacoteavam os bem-te-vis em cima das juremas. Garranchos cadavéricos, desenfeitando o sertão, possuídos por aqueles portadores de agouro.

– T'esconjuro, praga do Egito! – respondia Sinh'Aninha num acesso de dor e revolta. Náuseas envolviam-lhe o estômago. O mundo estremecia de vento pesado, como se preparasse um escombro de seca e de desesperança. Fogão cochilando em fogo escasso. Pucumã obstruindo o bueiro e a fumaça voltando para dentro de casa. Vida de Sinh'Aninha virou pucumã, ao longo das décadas. Percebera não. Pucumã agora dói por dentro, obstruindo tudo e matando de impossibilidade.

– Triste vida! Triste vida! – Insultavam os bem-te-vis, macaqueando em estripulias de diabos caningueiros. Dança de cangaceiros a misturar perversidade e diversão.

– T'esconjuro, tinha! – Olhos de Sinh'Aninha acinzentavam-se de indignação e pavor. Escarrava. Cupia. Sentia asco.

Arremessava-se, novamente, em vôo. Esquecia-se do presente. O cheiro da urina dos cavalos como uma escapatória para o passado. Só um existir como chiado vazio de aruá.

– Triste vida! Triste vida! – Praguejavam os bem-te-vis assanhados, numa obsessão de fazer mal.

– T'esconjuro, peste! – A velha Sinh'Aninha voltava ao presente com os brônquios entupidos de memórias. Passado inacessível. Presente cochichando no ouvido, negando o futuro. Os bem-te-vis...

– T'esconjuro, t'esconjuro, t'esconjuro...

Acendia o cachimbo e calcava a brasa com as pontas dos dedos. Os lábios flácidos sugavam o cachimbo num paf-paf ansioso. Nuvens de fumaça garceavam no céu e se desfaziam como almas de ninguém.

O olhar de sinh'Aninha se desmanchava por entre as pedras brancas dos serrotes. Pedras próximas como uma vida de dureza e resistência. Resistia, apenas. Esforço para encontrar o passado, por trás da sua demência. Ao longe, os berros das cabras. Tinidos profusos dos seus chocalhos: sinos para uma velha impossibilitada.

– Triste vida, triste vida!...

– T'esconjuro, boca de praga! – Olhos esbugalhavam-se encolerizados; cascavel venenosa satirizada pelas suas presas.

Olhos secos, sem lágrima, sem choro, sem ser de gente. Olhos cansados. Apertava os olhos, tentando mirar, amaldiçoadamente, todo o mundo. Queria o poder de destruição mais mesquinho, a vingança mais perversa.

Um esquecimento a fez dormente. Estaria acabado o cheiro da urina dos cavalos?

Onde estão as galinhas? Onde o meu cachimbo? Ai, cansaço! Ai, dor de não poder mais! Vontade de viver vadiando vadia, como menina. Brincar de boneca-de-pano...de Maria Carocha que, um dia, já moça feita, joguei no monturo da casa. Coitada da Maria, coitada! Eu feito molambo velho, agora, sozinha, rodeada de bem-te-vis mal fazejos. Um gole de água...um gole! Mas, ninguém por perto, meu Deus, ninguém... T'esconjuro. Bença Dindinha-Lua do outro tempo! Aonde você foi nesse céu de azul, só azul? Aonde você foi que não alumia mais as minhas noites de terreiro? Noite aquela, em que eu brincava de roda com Zabé e Quelementina, levou Dindinha para sempre! Ah! Tempo que se acabou como fuso de casa velha de farinha! Ah! Farinhadas das minhas cantigas fazendo bejú na beira do forno. Ah! Minha madrinha Raimundinha de rosário bento no pescoço, cochichando reza rezada forte contra carne triada e nervo torto, e que um dia morreu de morte morrida como passarinho de pasto...e eu agora feito cadela de retirante, sozinha numa casa sem pé de pessoa por perto. O povo danado de longe...as cinzas cinzentas no borralho frio do meu fogão. Nenhum tição aceso, nem nada...O pote sem água de beber...Ai, sede...e eu esturricada como caliça. Meus filhos no mundo. Meu povo do outro tempo, no céu da virgem Maria da conceição, Mãe de Jesus, amém. Credo em cruz...

"São Bento e água benta
Jesus Cristo no altar
Quem tiver no meu caminho
Arrede pra eu passar".

Os bem-te-vis , em bandos, aglomeravam-se nas juremas e nos juazeiros, e por cima da casa, e em todos os lugares ao redor de Sinh'Aninha. Um alarido destrutor sôo como as sete trombetas de Jericó:

– Triste vida, triste vida, triste vida...

– T'esconjuro!... t'esconj... t'esc...- Sinh'Aninha tremia em pânico. Náuseas. O cachimbo apagado. Arquejava.

Ah! Tempo do outro tempo! Ai, eu fraca, sem poder me levantar mais agora. Ai cansaço! Ai sede! Eu feito onça de serra, acuada, sozinha, espantada... Cadê as galinhas? O povo danado de longe...Ai, minha mãezinha, mandando jogar os dentes-de-leite em cima de casa: "mourão, mourão, toma

o teu dente podre e me dá o meu são". Ela que um dia levaram enrolada em panos brancos, mortinha como santa santinha de mãos-postas...Bença minha santa mãezinha Das Dores!...

Os bem-te-vis chegavam em bandos de todas as partes do mundo: dos sertões de Euclides, das praias de Alencar e de muitas e muitas outras terras. Pousavam nas pedras, nas cercas, nas árvores, em cima e dentro de casa, sobre a cabeça e os ombros de Sinh'Aninha. Quando não havia mais espaço na Terra, pousavam sobre as nuvens brancas do céu. Abriam os bicos-de-inferno e emitiam uma estridência ouvida até do outro lado dos mares de Camões. Absoluto despotismo dos seus papos amarelos.

– Triste vida! triste vida! ...

Atônita, Sinh'Aninha colocava as mãos sobre os ouvidos e fechava os olhos com força. Desatino. Caiu num profundo sono. Tudo fugira. Havia uma pronúncia preenchendo a vacância do universo: "Tudo está consumado". Sertão recolhido aos oratórios. Bem-te-vis adentravam os garranchos; outros debandavam. Durante toda a tarde, o sertão foi envolvido por uma espessa nuvem. Cordas de chuva desceram do céu e ensoparam a terra.

Ao cair da noite, Sinh'Aninha acordou. Toque de serafina chegando, chegando, chegando... cada vez mais perto.

– Ah! Que toque...

Abriu os olhos

– Beleza bela de meu Deus!

Descia um pássaro gigante, resplandescente. Luz. Sua calda abria-se em leques de todas as cores como pavão misterioso.

– Parece fogo de roda, nas noites do Senhor são João, apadrinhador de outro tempo!

O pássaro cantando: serafina. A luz crescente. Sinh'Aninha levantou-se corajosa. Estava menina. Pedrinhas do terreiro transformando-se em pingos de ouro. Vestido seu começou a rebrilhar. Sinh'aninha subia, subia, subia...leve como lã de rosa-cêra. O seu vestido de luz rebrilhando no céu, e ela subindo, subindo, subindo...

Virou uma estrela-menina a correr no espaço. Toda as noites ela chega bem perto da lua: bença Dindinha-Lua, dê-me um pão com farinha, para dar a minha gatinha, que tá presa na cozinha.

Sinh'Aninha ainda brilha, somente à noite. Nessa hora, todos os bem-te-vis do mundo estão dormindo.

Chico Morais é contista.

Correio d'O Galo

GOIÂNIA(GO), 03 de dezembro de 1999
Ilmo. Sr.
Jornalista Nelson Patriota

Por gentileza cativante que habitualmente me faz o querido amigo Dr. Getúlio Pereira de Araújo, recebo "O GALO" a cada mês. É por isso que tento, nesta, dizer-lhe "como vive e o que pensa um escritor norte-riograndense exilado na cidade grande há mais de meio século?"

Olhe, pelo menos, no que me concerne, vivi, no começo, uma angústia danada. As cartas que chega - vam da família traziam só noticias de seca, de mortes dos mais velhos e, principalmente, informavam que as ex-namoradas tinham ficado noivas ou casaram. É um pedaço difícil de engolir. Uma amargura atrás da outra. Enquanto isso, o retirante está andando pelas ruas, com muito cuidado, para não pisar em ponta de cigarro acesa. E a saudade está lá, aboletada, não sai nem a poder de cachaça. Entrega-se com afinco à tarefa de roer o peito da gente. No meu caso foi pior. Só muitos anos depois, quando me mudei do Rio para Goiânia, foi que descobri a causa do *estalecido*: era alergia à fumaça de motor a óleo. Nunca passava dos 50 quilos de peso.

No mais, é como está dito nas páginas 25 a 29 do meu *Frutos da Insônia*, que segue com esta. Cus - tei a desligar-me das recordações de Parelhas e Natal. Só depois de bem velho resolvi publicar meus escritinhos. É por isso que só agora, quando minha idade aproxima-se da oitava década, apareço em letras de forma.

Mando-lhe, também, recortes de jornais em que amigos têm falado deste seridoense, que continua querendo retornar, para viver em Natal, mas o destino persiste em negar-lhe essa ventura.

Estou com passagem reservada para ir banhar-me em Ponta Negra no próximo dia 28 deste. Deverei

aparecer-lhe, para levar o abraço que O Dr. Getúlio envia por meu intermédio.

Creia na sinceridade da minha amizade e admiração

Atenciosamente,
Jorge Rodrigues de Senna

RIO DE JANEIRO, dezembro de 1999

Prezado Nelson,

Foi com surpresa que recebi o exemplar n.º 10 d'O GALO. Quem me enviou foi o jornalista Paulo Augusto, que está me apresentado os jornais de Natal.

estou escrevendo para saber da possibilidade de se colocar meu nome na mala direta do seu jornal.

A propósito, é possível saber endereço de outras entidades culturais de Natal? Quem escreve, pesquisa ou faz crítica de música brasileira?

Havendo possibilidade de atendimento, me coloco ao seu dispor e agredeço por tudo.

A tela acima é "Canteiros da memória" de Flávio Tavares, artista plástico dos mais importantes da atualidade, e ilustra a capa do n.º de novembro passado do Correio das Artes

Aceite o abraço amigo e fraterno de
Luís Fernando Vieira.

OBS. Caro Fernando, aceitamos, sim, colaboração sobre música brasileira. Por favor envie-nos um texto em torno de duas ou três laudas versando sobre o tema para submetermos ao nosso conselho editorial.

a) Nelson Patriota

JOÃO PESSOA, PB - 24 de novembro de 1999

Caro Nelson,

Estamos recebendo regularmente O GALO, que, como sempre, está muito bom. Esperamos que o CORREIO DAS ARTES e o CORREINHO DAS ARTES também estejam sendo enviados com regularidade para vocês, pela UNIÃO, de que fazem parte.

Seguem, com esta, mais alguns exemplares da edição de novembro. estamos mandando também para o Pedro Vicente. Assim vocês podem distribuir com os amigos daí.

Um grande abraço de
Claudio Limeira e Yô Limeira

OBS.: Caro Claudio e Cara Iô,

Estamos recebendo com regularidade os dois suplementos culturais de A União, aí de João Pessoa. No número de novembro, o *Correio das Artes* trouxe uma bela tela de Flávio Tavares, esse excpcional artista plástico paraibano. As matérias dedicadas a João Cabral de Melo Neto também são de muito bom nível, sem falar nos poemas de Jomard Muniz de Brito, Edônio Alves, Cristina Guedes, Artur César de Moura Pereira e César Leal. a *Retrospectiva* sobre Augusto dos Anjos também está excelente.

Vai daqui um grande abraço para vocês e todos os nossos amigos paraibanos.

a) Nelson Patriota

Notas

Prêmio - O poeta Luís Carlos Guimarães, colunista deste periódico cultural, foi um dos ganhadores do concurso "Talentos da Maturidade", promovido pelo Banco Real, e que distribuiu prêmios nas áreas de literatura e artes plásticas. Luís Carlos Guimarães teve o seu conto "A Pastora e o Arco-íris" classificado em segundo lugar. O Prêmio, que foi entregue a artistas e intelectuais de todo o País no dia 17 passado, no hall da sede do Banco Real, em São Paulo, foi a forma que essa instituição bancária encontrou para homenagear o Ano Internacional do Idoso. Diante da boa repercussão que teve a promoção, é possível que seja reeditada nos próximos anos.

Poetisas - A escritora e poetisa goiana Alice Spíndola e a jornalista pernambucana Lourdes Sarmento visitaram Natal no início deste mês, numa missão de diplomacia cultural que culminou numa sessão especial no Conselho Estadual de Cultura. Ali, elas se apresentaram aos acadêmicos, autografaram livros e falaram do trabalho que desenvolvem dentro e fora do Brasil. Alice Spíndola, além dos muitos prêmios que ostenta, inclusiveo o Prêmio Auta de Souza, tem poemas publicados em revistas internacionais de poesia, como a francesa *Rimbaud* . Lourdes Sarmento é autora de *tatuagens da Solidão*, entre outros livros, e pertence a diversas instituições culturais, como a Academia de Artes do Nordeste, Associação de Jornalistas e Escritores da Cidade do México e da Academia de Letras do Recife.

Arte em Pipa - Deste 26 até o dia 25 de janeiro de 2000, estará acontecendo na praia da Pipa, litoral sul do Estado, o projeto Brasil 500 - Pipa 2000, na Pizzaria Calígula - Av. Praia dos Golfinhos, s/n. O evento será movimentado por exposições do artista plástico Ambrósio Sant'Ana e da florista Luzana Henrique. O vernissage acontece neste dia 26, das 18 às 20 horas.

Orquestra Jovem - Estreou dia 21, no Teatro Alberto Maranhão, antes da apresentação da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte, a Orquestra Jovem da Cidade do Natal, da prefeitura Municipal, cujo maestro é Neemias Lopes, e cujo primeiro violino (spalla) é o jovem André Fernandes Kolodiuk. A Orquestra de Natal foi criada em agosto deste ano, e visa a ampliar o universo dos bens culturais e envolver em atividades musicais as crianças e adolescentes.

LIVROS. Lançamentos.

Nelson Patriota

Memórias
Fundação Hélio Galvão,
Natal/RN
1999

A memória natalense, ainda escassa em seu passado remoto, - os anos 20 - não pode dispensar trabalhos «menores», considerados do ponto de vista literária. Este *Natal do Meu Tempo,* de João Amorim Guimarães, que acaba de ser reeditado sob os auspícios da Fiern/Sesi/Fundação Hélio Galvão/Scriptorin Candinha Bezerra, com organização, introdução e notas do professor Humberto Hermenegildo, é um desses livros que se mantêm pelo que contém: uma parte preciosa da vida interior de uma Natal que já ficou para trás. A obra, retrabalhada por Hermenegildo, ganha legibilidade na medida em que é dividida em capítulos temáticos facilitadores do seu manuseio. como eram os cafés da cidade naquela época? como e onde se brincavam o carnaval, os festejos juninos, a festa de Reis? E os tipos populares, quem eram? Amorim nos fornece uma rica fauna desses tipos. Mas as descrições mais vívidas ficam para os cafés, que animavam a vida natalense. Mas as descrições mais vívidas ficam para os cafés, que animavam a vida natalense. O Magestic, a Cova da Onça, o Aero Bar, o Café Avenida, entre outros, onde a boemia e a vida intelectual já dialogavam calorosamente, preparando o terreno para o surgimento da boemia intelectual que floresceria nos anos 60.

História
Fundação José Augusto
Natal/RN
1999

Há instituições que demandam, com urgência, o trabalho do historiador a fim de saíram do limbo a que foram legadas pelo tempo. Até bem pouco, o Seminário de São Pedro, uma das instituições mais antigas da vida religiosa e intelectual natalense, encontrava-se na berlinda da nossa história: existia, mas era como que ignorada. Com o livro recém-lançado *História do Seminário de São Pedro,* o professor José Melquíades deu um importante passo no sentido de recuperar parte da memória daquela casa claustral. É evidente que em suas poucas 70 páginas, o autor não poderia cobrir os 80 anos de atividades do seminário! Não obstante, em *História do Seminário de São Pedro* encontra-se resumida uma parte importante de sua história, principalmente aquela que cobre os anos 30 e 40, quando José Melquíades ali morou como aluno interno. As informações relativas a outras épocas foram obtidas junto a duas únicas fontes: o ex-seminarista José Coutinho Madruga, e Mons. Expedito Medeiros. São fontes muito escassas para a reconstituição da vida de uma instituição octogenária! Será, porém, uma boa fonte e ponto de partida para a elaboração de uma futura história do Seminário de São Pedro que se pretenda abrangente, como está a exigir essa instituição.

Poesia
Editora da UFRN
Natal/RN
1999

Uma longa reflexão sobre a linguagem embala a cadência dessa poesia peregrina de *Metáfrase,* livro que Márcio de Lima Dantas acaba de legar à literatura norte-rio-grandense. Seus ecos marroquinos, parisienses, livrescos de tantas leituras díspares, ansiosas, traduzidas em minuciosa e rigorosa reflexão poética, traz à nossa poesia pouco afeita a tais incursões um elemento de inquietação, de estranheza, que também a renova, ampliando os seus horizontes. Poeta de um *ostinato rigore*, como quer Pierre Rivas, Márcio de Lima Dantas parece nada olhar com indiferença. Uma despedida de Paris lhe inspira o belo *Adeus, Paris*, onde afirma, a certa altura «*Os livros, os pequenos tambores, as rosáceas de cobre,/ os estojos de copos coloridos/ - lembranças de viagens -, seguirão na frente em grandes malas de ferro/ como batedores, para assegurar que lá estarei um dia,/ (...)*». As raízes potiguares se exteriorizam em poemas como *O Horto da Poeta; O brilhante de Jesuíno, Peleja interior de Virgulino Ferreira,A terceira guerra de Paulo de Tarso,* etc. O traço de modernidade incontestável de *Metáfrase* está nas indagações que o poeta faz acerca do seu próprio corpo, em poemas como «Escravo Rebelde» e «O pintor Francis Bacon o espelho».

Crônicas
AB Editora
Goiânia/GO
1998

O exílio é uma ótima fonte de inspiração literária, como o demonstram tantos escritores exilados em atividade. Jorge Rodrigues de Senna talvez seja o nome menos conhecido da geração de Renard Perez e Geraldo Edson de Andrade. E ao contrário daqueles, não se fixou no Rio de Janeiro, e sim em Goiás. O que fariam, mais tarde, Getúlio Araújo, e, mais recentemente, o escritor Washington Araújo, este, fixando-se em Brasília. Jorge R. Senna publicou no ano passado pela AB Editora, de Goiás, *Frutos da Insônia*. O livro é dividido em dois blocos: "Frutos da Insônia", e "Saudades do Berço". Embora apenas na segunda indique razões genealógicas, é na primeira que se encontram as crônicas "Adolescência em Natal" e "Tempestade na Praça Pedro Velho", ambas alusivas à sua adolescência. Suas raízes parelhenses, porém, sobressaem em "Saudades do Berço", em que paulatinamente vai desfiando lembranças de situações, familiares, amigos, da infância. Recorda educadores como Felipe Bittencourt e Raimundo Guerra, "que ensinara durante 50 anos, sempre com o mesmo salário" com o espírito de um sacerdote abnegado.

Crônicas
Natal, RN
1999

Há cronistas que fazem do cotidiano a matéria-prima de seus escritos, provando, com isso, que a vida é uma fonte inesgotável de inspiração. Há outros que preferem dialogar com as idéias, daí tecendo considerações que vêm a ser suas crônicas. Encontra-se nessa segunda tipologia o cronista bissexto Claudio Emerenciano, com o livro *A Rendição do Tempo*. E quanto metafísica vai, compacta, nesse título! Quanto àqueles que pontificam ser a crônica gênero por demais ligeiro para merecer considerações livrescas, esse livro de Emerenciano é um contra-argumento imbatível: as crônicas de que ele é composto, foram escritas nos anos 60, nas páginas da Tribuna do Norte. Estariam, porventura, demodées? Cumpre ao leitor conferir. E, se julgar com sensatez, há de concordar que nem o gênero Crônica é tão ligeiro assim, muito menos o são as crônicas enfeixadas em *A Rendição do Tempo,* onde uma galeria de tipos populares, ao lado de tipos clássicos, como Câmara Cascudo e Gilberto Freyre, dialogam atemporalmente na busca da conciliação das idéias produzidas pelo turbilhão da vida provinciana, numa Natal que só a crônica é capaz de recapturar na sua fugacidade.

Poesia
Editora da UFRN
Natal/RN
1999

Embora ainda em pleno processo criativo, o poeta pualistano Guilherme Scalzilli faz, com *Pantomima,* um momento de reflexão de sua obra, espécie de grande texto composto quase que exclusivamente de poemas publicados antes, mas reordenados sob um novo princípio estético e gráfico. Plana sobre esse projeto uma espécie de «coragem poética» que leva seu autor a dizer (Acrilírica): «*Não temo uma talvez nova poética/ Difíceis máximas/ Como nós nos fios/ ou mechas esvoaçando juntas.// Minhas palavras serão sempre vítimas/ pias/ submissas, sobtudos? (...).* Essa «coragem» é reiterada em «para geancarlo rouquidão»: «*Às vezes me pego temendo, sabe?/ Sabe que mesmo eu, às vezes temo?// Mas bato as janelas, estupefacto/ e recomeço a gargalhar lá dentro!*». Mas a vida cotidiana também ecoa na reflexão poética de Scalzilli, como no poema «Fluxo»: «*O mar rala sua barba branca/ no pescoço suado da praia:/ caranguejo salta, arrepio/ e dois grandes gatos malhados/ suspendem tensão de suspiro/ - quase perto, presencio mudo/ como anjo desnecessário*».

Cantiga para Baía Formosa

Para Luís Carlos Guimarães

Vanildo Brito

I

Adernada no azul que se elabora
por sob o bronze-fogo das areias,
repousas como céu transfigurado
tecendo longe o azul das suas teias.

E eis que surge da funda quietude
desse mar apresado em fulvas dunas,
um distante rumos de sal e vento
boreste arfando as sideradas dunas.

Ó formosa baía, lento porto
das minhas navegagens solitárias,
aqui me chego, aqui me ancoro e parto
e volto a ti depois como criança -

pois nessa travessia reinventada
és sempre o lume e o leme do meu barco.

II

No lento porto em que aporta
a luz das águas profundas,
tudo é cais de mar suspenso
entre o fogo dessas dunas.

Tudo é cais e despedida
embora tempo parado.
Tento partir e me fico
como se nunca chegado.
(A adolescência perdida
nutre os desvãos da memória
com a presença rediviva
de uma tristeza remota.)

No fundo porto em que aporto,
cardumes das águas frias
vêm azuis como lembranças,
beijar das naves as quilhas

e lá ficam enredados
construindo essa miragem,
sem rumos nem astrolábios
sob a fixa navegagem.

Os pescadores no porto
em alto mar ainda estão:
suas âncoras são asas
de sutil amarração

e seus barcos peregrinos
bailam soltos no banzeiro
móvel do mar. O infinito
se reparte em seus espelhos.

III

Ó formosa baía, onde quer que aportes
o eterno mar te singra.
Nos altos céus, a ilha
de Dom Fernão te mira.

Vanildo Brito, paraíbano, é autor de *Memorial Poético*, entre outros livros.